

Fabiana

Dia-a-dia de um Geek

Escrito e ilustrado por

Matilde Sarabando

Em Julho e Agosto de 2020

Capítulo I - Amigo Pi

Fabiana estava a meio de uma aula de matemática do 8º ano a apanhar uma valente seca. A professora Sofia corrigia os testes, mostrando no quadro as respostas aos alunos. Como tinha tido nota máxima, a Fabiana estava dispensada da correção, e então começou a folhear o livro de Matemática do oitavo ano que tinha levado emprestado pelo Ministério da Educação para utilizar durante aquele ano letivo na escola. Apercebeu-se que havia uma página sobre o número pi que a professora saltara.

Adorava o número pi. Quando o descobriu, começou a decorar os dígitos aos poucos: 3,14159265358979... não se cansava. Já sabia de cor trinta e quatro dígitos, e não tencionava parar por ali.

Sim, ela era uma rapariga com muitas capacidades, tendo avançado o último ano da pré e o primeiro ano da escola, pois aprendera tudo durante o segundo ano da pré e as férias, usando os livros de primeiro ano que uma amiga da sua mãe lhe emprestara, e que haviam pertencido à sua filha, que era dois anos mais velha que ela.

Parou então naquela página e começou a lê-la. Tinha lá uns cinquenta dígitos de pi. Fabiana começou a analisá-los só para confirmar se eram iguais aos ns que tinha decorado. Mas não. Havia lá três dígitos que não estavam de acordo com o que tinha aprendido na Internet.

Mal saiu da aula para o intervalo de vinte minutos, dirigiu-se para o espaço exterior da escola para estar mais sossegada.

Sozinha. Não tinha amigos. Às vezes sentia que as coisas de que gostava e a família eram as suas amigas. Era dois anos mais nova do que o resto da turma e tinha uma mentalidade e

uma maneira de pensar completamente diferente das restantes colegas. Para além disso, era muito curiosa e interessada e adorava aprender. Escrevia muito bem e com muita correção e emoção; Tocava dois instrumentos diferentes: flauta transversal e guitarra; Adorava cantar e fazia-o muito bem, tendo aulas de canto numa escola particular; Desenhava com bastante pormenor e perfeição para uma rapariga da sua idade; Era muito inteligente e extrovertida (com quem conhecia); adorava aprender e fazia-o com muita facilidade; sabia fazer muita coisa, querendo sempre saber fazer mais, até coisas como escrever uma música, desenhar grandes projetos que ajudassem a salvar o mundo, como o pai fazia (já esboçava ideias no seu caderno de desenho); Sabia muita coisa e queria aprender mais de três línguas estrangeiras: francês, inglês e italiano; Andava na patinagem artística; E programava e mexia no computador. Enquanto as outras tinham uma maneira de pensar que Fabiana não compreendia. Passavam horas em frente ao espelho a tratar da roupa, e do cabelo, e da maquilhagem,... Fabiana acreditava que isso era uma autêntica perda de tempo, pois também acreditava que a beleza das pessoas é a sua maneira de ser e de pensar, e não se têm uma roupa nova ou um cabelo loiro e bonito. Por isso não perdia muito tempo a arranjar-se de manhã para ir para a escola ou para outro sítio qualquer.

Sentou-se ao lado de uma árvore no exterior e pegou no telemóvel. Foi a um motor de busca e pesquisou por "dígitos de pi". Foi a um site e comparou a sua informação com a do manual de matemática do oitavo ano. Estava diferente. Foi a outro site para ter a certeza, mas em todos os sites que visitou tinha os dígitos que ela decorara.

Chegou então à conclusão que tinha decorado os Algarismos certos e que o livro estava errado, e, mesmo não lhe pertencendo e tendo de o devolver ao Ministério da Educação no final do decorrente ano letivo, riscou os dígitos errados e es-

creveu por cima os certos. “Os meninos que ficarem com este livro não podem aprender mal” pensou.

Voltou a tocar para dentro. Fabiana levantou-se e foi para a porta da sala de aula, esperar o professor.

As restantes aulas daquele dia a meio do segundo período escolar passaram depressa. Fabiana foi de bicicleta para casa contente, recapitulando em voz alta tudo o que tinha aprendido naquele dia.

Após o quarto de hora que a viagem demorava, Fabiana chegou a casa e foi arrumar a bicicleta e o capacete e a mochila. Tirou os sapatos e o casaco e foi lavar as mãos. Depois lanchou, sozinha, e foi fazer os trabalhos de casa, para, quando a mãe Maria chegasse do restaurante onde cozinhava à meia noite e o pai Miguel da empresa Robótica Sustentável às sete da tarde, já ter feito o jantar para todos e estar em casa com o seu irmão mais novo de nove anos, que andava no quinto ano da escola e que também era acima da média como a irmã e com um ano da pré a menos, Carlos, que Fabiana ia buscar todos os dias à escola do primeiro e segundo ciclo a pé ou de bicicleta.

Quando acabou os trabalhos de casa às cinco e vinte da tarde, uma hora e dez depois de ter chegado a casa, foi vestir novamente o casaco azul marinho comprido, que lhe chegava até à cinta e amarrou a faixa grossa da mesma cor, também esta parte do casaco. Calçou os seus sapatos de inverno, voltou a pegar no capacete e na bicicleta e, apenas acompanhada da mochila onde levava os seus objetos pessoais, como o telemóvel, saiu de casa para ir buscar o seu irmão mais novo à escola, que saía às 17:30h.

Fez novamente um caminho longo, mas ligeiramente diferente do anterior. A meio da viagem, começou a chover. Fabiana continuou o seu caminho com extremo cuidado pela ciclovia da sua aldeia. A água caía e escorria por onde ela anda-

va com a bicicleta, fazendo-a deslizar muito facilmente no chão e obrigando Fabiana a desacelerar para não cair.

Chegou a uma reta que descia bruscamente. Muitas vezes descia aquela reta a pé, com a bicicleta na mão. Mas como a tempestade a fizera abrandar, faltavam uns minutos para as aulas do irmão acabarem, e Fabiana não o queria fazer esperar. Uma vez que ainda estava longe da escola, decidiu descer a reta com muito cuidado, travando constantemente a bicicleta.

Mas a chuva aumentou, inundando a ciclovia onde Fabiana estava, e fazendo-a cair, quando o pneu da frente da bicicleta virou demasiado, desequilibrando a bicicleta. Fabiana caiu desamparada no chão, a meio da descida. A bicicleta caiu-lhe em cima do tornozelo, o que dificultou a tarefa de continuar a pé com a bicicleta na mão até ao fundo da descida.

Quando lá chegou, olhou para o relógio prateado reluzente com números romanos que trazia à volta do pulso. Já passava um minuto da hora e ainda estava longe da escola primária da aldeia. Voltou então a sentar-se na bicicleta azul com os seus pneus brancos e o banco, os punhos e o cesto castanhos e continuou o seu caminho para a escola, com ainda mais cuidado, pois ainda lhe era difícil andar tanto a pé, como de bicicleta.

Deu curvas e passou retas e rotundas, até chegar à escola do seu irmão 10 minutos depois da hora (9, para se ser mais exato).

Saiu da bicicleta (depois de parada e não ainda em andamento, como às vezes fazia), encostou-a a uma árvore grande que fora plantada em frente àquela escola ainda quando os seus avós lá andavam e pendurou o capacete no guiador da bicicleta, brilhante por causa da água que escorria e pingava para a base da árvore. Olhou para a escola e viu o seu irmão, sozinho com mais duas crianças (que, pela reação, tinham de

esperar até tarde muito frequentemente), agarrado à mochila e encostado à portaria da escola, com a funcionária que tomava conta dos meninos e controlava a sua saída a seu lado, tentando acalmar Carlos, que começava a preocupar-se, tanto consigo, como com a irmã. Ao vê-la, sorriu e correu para Fabiana, gritando:

- FABIANA!!!!!! Porque é q me fizeste esperar tanto? E porque é que ficaste toda molhada? Não trouxeste o kispo?

- Infelizmente, começou a chover depois de eu sair. - respondeu ela. A funcionária e a porteira olharam para ela com alguma pena. Os seus cabelos estavam encharcados a ponto de escorrer a água às gotas de certas zonas, pois o seu capacete branco era cheio de aberturas. A roupa não estava muito diferente, assim como a bicicleta, o capacete e a mochila que trazia.

Pediu desculpa ao irmão e às funcionárias, explicando o sucedido. Depois o irmão sentou-se num lugar que a bicicleta tinha atrás e trocaram de mochilas, para Carlos não levar tanto peso, uma vez que era mais novo e a sua mochila da escola ainda tinha alguns livros.

A meio da viagem, começou a choviscar, mas nada parecido com a chuvada que Fabiana levou na viagem de ida. Teve muito, mas muito mais cuidado, uma vez que respeitava muito o irmão mais novo. Claro que a viagem de volta foi mais demorada do que a de ida, pois Fabiana andou muito mais devagar.

Chegaram a casa por volta das seis e dez da tarde. Fabiana tirou a chave de casa da sua mochila e abriu a porta, apenas a tendo batido depois de entrar e guardado a chave, para que os pais a conseguissem abrir quando chegassem. Guardaram a bicicleta, tiraram os casacos e lavaram as mãos. Como de costume, a casa estava deserta, e os irmãos estavam sozinhos em casa. Tanto o pai como a mãe chegariam tarde, pois a mãe trabalhava num restaurante de quatro estrelas e o pai era dono de uma empresa de robótica que fabricava robôs e soluções sus-

tentáveis para poupar tempo às pessoas. O seu trabalho apenas não exercia o mesmo efeito sobre ele. Ganhava bem, mas para fazer o que gostava e melhorar o mundo, ficava com muito pouco tempo para a família. Tirava férias na época do Natal, da Páscoa e do Verão, quando aproveitava para estar com os filhos, pois trabalhava nos seus objetivos, projetos e sonhos no trabalho, e fazia o seu dever na empresa, não tendo nenhum projeto para fazer ou terminar em casa, por isso as poucas férias que tinha eram mesmo férias.

A mãe, como trabalhava num restaurante, tinha pouca flexibilidade de horários e a família tinha poucas refeições onde ela estivesse presente. Assim, quando uma refeição em família passava de um sonho para a realidade, era tudo muito bem planeado e a família organizava esses raros eventos sempre a pensar na Maria. Nesses dias, ela era substituída por outro cozinheiro no restaurante, não tão experiente como ela. Por isso, Maria acabava por passar mais tempo no restaurante do que na própria casa.

Tinha pouco tempo para ela mas, ao contrário do pai, que raramente trazia uma das invenções que criava para casa, a experiência na cozinha era muito benéfica quando se tratava de alimentar a família e de ensinar toda a gente a cozinhar como ela, com os segredos e receitas que inventava. Toda a família comia infalivelmente bem.

Uma vez que tinha chegado a casa mais tarde do que o previsto, Fabiana foi fazer o jantar, enquanto Carlos fazia os seus trabalhos de casa. De vez em quando, a irmã ajudava-o se ele tivesse alguma dúvida sobre os trabalhos, ou até para estudar para os testes mais difíceis, porque os mais fáceis o pouco que estudava era suficiente para uma nota normalmente acima do noventa e cinco por cento, devido à sua facilidade em aprender e ao facto de ser acima da média das outras crianças, tal como a irmã.

Capítulo II - Declaração inesperada

No dia seguinte, voltou a ter matemática de manhã e decidiu chamar a professora à atenção em relação ao erro do livro que descobrira. Levantou energicamente a mão, e, ao contrário das vezes em que põe o braço no ar para responder a uma pergunta colocada pela professora, teve a palavra rapidamente.

- Sim, Fabiana? - perguntou a professora Sofia, com a sua voz doce e agitando o seu cabelo loiro apanhado numa trança. Ajustou os óculos com armação rosa e de metal fino, e as lentes divergentes refletiam a luz das janelas para quase todas as paredes da sala enquanto falava e se movimentava.

- Professora, eu reparei numa falha do manual de matemática do oitavo ano utilizado no decorrente ano letivo, na página setenta e oito da parte um, relativo ao número representado por uma letra grega, o pi. Aquela constante matemática que se refe...

- Fabiana, agradeço a tua preocupação pela ignorância de alguns dos teus colegas, mas eu sei o que é o número pi. - Interrompeu-a a professora Sofia. - Mas afinal onde está o erro?

- No... trigésimo sexto dígito.

Alguns alunos sussurravam e riam baixinho, em tom de troça.

- Como é que sabes?

- No ano passado, aprendi e decorei tudo acerca da constante matemática pi, incluindo alguns dos seus dígitos, pois como é infinito nunca seria possível de os aprender a todos, como é lógico. Depois fui aprendendo mais aos poucos, e hoje sei cerca de quarenta e cinco dígitos de cor, quarenta e seis para ser mais exata.

A turma ficou a olhar para ela, perplexa e estupefacta, assim como a professora. Ouviam-se mais risos de troça e alunos que sussuravam uns para os outros coisas como: “Ela é maluca!”, “Que perfeccionista!”, “Por isso é que não tem amigos!”, “Coitados dos pais, não a podem deixar sozinha! Têm de a atuar sempre! Devem ser passados como ela!”.

Fabiana ouviu e percebeu alguns dos alunos a gozar com ela. Gostava de ser como era, e por isso tentou ignorar. Mas, mesmo assim, ficou um pouco magoada.

Quase toda a turma fez pouco dela, exceto algumas raparigas, nomeadamente aquelas com quem Fabiana tinha uma maior confiança (mesmo assim, não as chamava de “amigas”) e um ou outro rapaz, como o Guilherme, o Daniel e o seu melhor amigo, o Jorge, que dominavam as aulas de Geografia. Daniel tinha um cabelo castanho, ligeiramente encaracolado e curto, e olhos azuis, mas de um azul mais escuro. Por sua vez, o cabelo de Jorge era de um castanho meio ruivo, mais ao menos liso e também curto, e os seus olhos eram de um castanho escuro. Daniel estava corado e tinha um ar um pouco triste, enquanto Jorge falava com ele baixinho, parecendo tentar consolar o amigo.

O Bernardo, que parecia ter-se debruçado sobre a mesa dos dois colegas para ouvir a conversa, apontou para Daniel e, virando-se para o resto da turma, gritou:

- O Daniel gosta da Fabiana Carvalho!

Isto fez com que tanto o Daniel como a Fabiana corassem. Também foi responsável pela confusão que se instaurou na sala, com a maioria da turma a gozar, não só com a Fabiana, como também com o Daniel.

- Fabiana e Daniel, os dois anormais da turma! - gritou o Diogo.

- Estão bem um para o outro, se o Daniel gosta da Fabiana, é ainda mais tolo do que ela! - riu-se o Pedro.

Apesar de também fazerem pouco deles, a maioria das raparigas faziam-no baixinho, com risinhos de troça.

- Então, meninos? Estamos numa sala de aula, não numa esplanada! Sentem-se direitos nas cadeiras e vamos retomar a aula. - pediu a professora, num tom suave como de costume. No entanto, desta vez não parecia tão calma e foi obrigada a levantar a voz para se fazer ouvir.

Apesar de a turma ter acalmado rapidamente, Fabiana não conseguiu focalizar a sua atenção para o resto da aula. Nunca imaginara que um rapaz (muito menos um rapaz, se fosse uma rapariga que quisesse ser sua amiga já era bom demais e estranho, uma vez que não tinha uma única amiga) pudesse gostar dela antes dos dezoito anos (no mínimo), que é a idade onde os rapazes mais inteligentes recuperam o juízo. Ainda não o devia ter perdido, talvez por ser mais novo. Daniel nascera a meio de Dezembro, perto do final, tendo, naquela altura, a meio de Abril, apenas treze anos. Fabiana tinha a certeza de que ele ainda não entrara na adolescência a sério.

No intervalo, sentou-se no sítio do costume, ao pé da velha árvore. Gostava de estar com ela, fazia-a sentir bem e descontraída. Era para onde ia sempre antes ou depois de um teste, para relaxar, uma vez que não tinha amigos com quem pudesse desabafar.

Até que, a meio do intervalo, ouviu alguém aproximar-se e chamar por ela.

- Olá, Fabiana,...

- Daniel?! - exclamou a rapariga, ao ver o colega. Ficou ligeiramente envergonhada, e desviou o olhar do rapaz.

- Peço desculpa por te ter envergonhado à frente da turma. - pediu ele. - É que o Bernardo é um intrumetido, está sempre a tentar ouvir as conversas dos outros.

- Não faz mal. - suspirou Fabiana. - Infelizmente, já estou habituada a ser o patinho feio desta turma. E de todas as

outras em que já fiquei. Não esperava que ninguém daqui me desse valor. Mas nota-se que não és igual aos outros, em termos de ideais e valores. Nesta idade, uns meses fazem a diferença. Ainda não deves ter a mentalidade parva que a maioria dos adolescentes têm. Talvez nunca venhas a ter.

- Talvez.

- E eu nunca gostei de ti, peço desculpa se estou a magoar os teus sentimentos. Claro que fiquei um pouco impressionada e agora olho para ti de uma maneira diferente, mas acho que continuo a não gostar de ti dessa maneira. Além disso, ainda é muito cedo, na minha opinião. Se quiseres podemos ficar amigos. Sabes, é que eu não tenho nenhum, e... sinto que me faz falta alguém em quem eu me possa apoiar. É que os meus pais não têm o tempo que eu gostaria que eles tivessem. Só tenho o meu irmão, mas ele ainda é novinho e não compreende muita coisa...

- Pois... claro que eu sou teu amigo, e quero que saibas que podes contar comigo para tudo. Eu sempre ajudei toda a gente que me pedia, gosto que todos saibam que podem contar comigo. Não vejo razão para ser diferente contigo, muito pelo contrário.

- Obrigada. - agradeceu Fabiana, feliz por ter um colega que, mesmo não o conhecendo muito bem nem tendo a certeza de que era um verdadeiro amigo, a fazia sentir bem por achar que tinha alguém com quem podia contar.

A campainha da escola tocou para as aulas.

- É melhor irmos. - sugeriu Fabiana. - E obrigada por me compreenderes.

- De nada. - disse Daniel.

Os dois correram para a escola e entraram na sala de aula para uma aula de Português.

Já estavam a meio da aula, e Fabiana estava concentrada na professora quando ouviu alguém chamá-la, baixinho:

- Fabiana! Fabiana!

- Que foi? - respondeu ela, também em voz baixa, revirando os olhos. - Eu não gosto que me chamem nas aulas, quero estar atenta à professora. Pode ser no intervalo?

- OK. - sussurrou Sara. - Encontramo-nos lá fora ao pé da árvore onde estiveste antes desta aula, pode ser? Depois podemos ir comer juntas.

- Sim. - concordou Fabiana. Ficou intrigada: como é que a Sara sabia onde estivera ela no intervalo passado? Tê-la-ia visto? Com o Daniel? Estava demasiado habituada a passar despercebida por ninguém querer saber dela, nem o que fazia, nem onde andava. Apenas os pais queriam saber tudo o que a sua filha talentosa e inteligente fazia.

Mais uma vez, deixou de se conseguir concentrar na professora Nicole e nas orações subordinadas das quais falava, por uns minutos, que usou para refletir sobre como Sara sabia daquilo. Mas não passou de uns minutos, pois a professora notou e pediu-lhe que respondesse a uma questão (que ela não sabia qual era, pois devido à sua reflexão deixara de seguir a aula em condições, e como estava sozinha numa mesa não tinha ninguém que a trouxesse à Terra nem que a ajudasse a apanhar o comboio nessas situações) sobre a matéria de Gramática referida anteriormente.

- Fabiana?

- Sim, professora.

- Então? Responde à questão.

- Questão... Qual é a questão a que se refere?

- Página setenta e seis, exercício dois. Vejo que a menina não está com atenção à aula.

- Pois não, peço desculpa, professora. Vou tentar estar mais atenta.

- Lá por seres boa aluna não quer dizer que te possas baldar sem te chamarem à atenção, muito pelo contrário, deves

até ser mais pressionada do que os outros para teres a atitude mais correta e nunca saíres dos eixos. Agora, Ana, responde tu a esta questão. E Fabiana, passa os apontamentos do quadro, se é que ainda não o fizeste.

- Sim, desculpe, professora. - disse ela, educadamente.

Fez um esforço para parar de pensar em Sara até ao fim da aula. Afinal, iria esclarecer as coisas com ela no intervalo seguinte, à hora do almoço.

Quando a campainha tocou para o intervalo do almoço, Fabiana arrumou as coisas e, de mochila às costas, foi para o local combinado. Encontrou lá Sara, sentada e com a sua mochila preta às pintas brancas a seu lado e encostada à árvore com que ela costumava estar. Foi lá ter com a colega, e cumprimentou-a.

- Olá, Sara!

- Ah, olá, Fabiana!

- Então, como é que sabes que eu estive aqui? - perguntou Fabiana, ligeiramente envergonhada.

- Pois... acontece que eu estava aqui a passar e, sabes como é, como nunca ninguém te tinha visto antes com um rapaz, chamou-me a atenção. Então, afinal, o que é que ele te disse? - quis saber Sara, curiosa.

- Oh, nada de especial. Foi uma declaração forçada, eu estive a dizer-lhe que não gosto dele nem de ninguém e que nem tenciono sentir isso antes de uma certa idade, tentando não ser muito bruta ou direta, mas que até podemos ficar amigos, já que eu não tenho ninguém em quem confie, tipo melhor amiga para a vida. Ao menos tenho alguém que me dá valor, não sei se é amigo, mas acho que é um começo...

- Tenho pena de ti. Eu não me imagino sem amigos, sem a Cláudia, a Cecília, a Laura,... E podes contar comigo. Eu sou tua

amiga. - frisou Sara, colocando o seu cabelo louro ondulado por cima do seu ombro direito.

- Obrigada. - agradeceu Fabiana.

O tempo passou e Fabiana sentiu que aquelas amizades até podiam ficar para a vida. Já tinha com quem partilhar os resultados dos testes, os erros que cometera no mesmo e as suas dúvidas relativas à correção. Falavam muito e partilhavam experiências.

Até que, com o tempo, se começou a aperceber de que Daniel mudara. Deixara de estar tanto com ela, e já o vira com os outros adolescentes, com a mesma atitude do que eles, e com outras raparigas com a mentalidade típica daquela idade. Deixou de se preocupar com ela e começou a andar com o grupo dos rapazes da turma, em vez de só com o seu melhor amigo, Jorge. Percebeu que ele entrara na adolescência, e que não era mesmo um verdadeiro amigo.

Então ficou com Sara. Ela passou a ser a sua única amiga, apesar de não serem melhores amigas, pois Sara andava com outras pessoas e não pensava da mesma maneira do que Fabiana. Deixava-a muitas vezes sozinha para andar com o grupo pois às vezes dava a entender que preferia andar com as outras do que com ela. Lá está, têm ideais diferentes, não se dão tão bem como a Cláudia, a Cecília, a Laura e a Sara, que têm a mesma mentalidade da maior parte dos adolescentes. E Sara cada vez andava mais com as outras e menos com Fabiana, que, um dia ao almoço, acabou por lhe dizer:

- Sara, eu aprecio muito a tua companhia, mas parece que gostas mais de estar com as outras do que comigo.

- Não leves a mal, mas um bocadinho. Pensamos de maneiras diferentes...

- Sim, mas eu prefiro poucos amigos e verdadeiros, no sentido em que passam tempo comigo porque gostam de mim por aquilo que eu sou, do que pessoas que andem comigo só

para eu não estar sozinha. Eu hei-de arranjar alguém. Faz o que te apetece. E, além disso, custa-me ver-te assim. Parece que estás a forçar-te a ti própria para andares comigo.

- Obrigada por compreenderes. - agradeceu Sara, enquanto pegava nas suas coisas e no tabuleiro da comida para se ir sentar ao lado das amigas do grupo. - És uma verdadeira amiga de toda a gente, ao contrário de muita gente que não consegue, como eu. Desculpa e obrigada por tudo.

- De nada. Não te preocupes com isso, só quero que toda a gente seja o mais feliz possível. Eu fico feliz se vir que as pessoas são felizes. Fico mais contente ao ver-te feliz.

Sara acenou e virou costas para a mesa onde estavam as outras miúdas. Acenou-lhes e pousou as suas coisas no lugar ao lado da Cecília. Fabiana ouvia risos e gargalhadas, enquanto as amigas conversavam.

Sorriu. Gostava de ver a sua colega feliz. Ainda se sentia amiga dela, e a verdade é que ainda falavam de vez em quando e se ajudavam, apesar da Fabiana não se ter conseguido integrar no grupo das amigas de Sara.

Sara tinha-a convidado para ir almoçar com elas, uma vez. Mas Fabiana era muito fechada e as outras raparigas eram muito brincalhonas, extrovertidas e vaidosas. Falavam de beleza e rapazes e gozavam, tanto na brincadeira como a deitar abaixo (Fabiana não gostava nada desse tipo de coisas) umas com as outras e com outras pessoas que não estavam lá presentes. Riam-se com tudo, até com coisas que não tinham piada. Mas Fabiana não se ria com nenhuma das piadas, com ou sem graça, das amigas da Sara.

Uma vez tentou dizer uma piada também, das suas que conhecia. Era uma piada de Geeks¹ e Nerds², sobre programadores de Amiga, Windows e Mac, que a fazia partir-se a rir. Mas, ao contrário do que esperava, as amigas da Sara ficaram espedradas a olhar para ela de lado, em vez de se rirem. Foi aí que percebeu que nunca se iriam dar naquela altura. Talvez quando elas ficassem adultas mudassem de mentalidade. É o que acontecia a muita gente.

Então Fabiana acabou de almoçar e voltou para a porta da sala, novamente sozinha, pensando e rabiscando no seu caderno o seu próximo projeto a realizar nas férias.

¹ Geek: entusiastas, obcecados por coisas modernas, como tecnologias.

² Nerd: mais intelectuais, concentram-se em adquirir conhecimento profundo num tema ou área específica.

Capítulo III - Surpresas na Biblioteca

Passaram as férias da Páscoa, nas quais Fabiana realizou muitos projetos, como um porta-pincéis para os pintores (gostava de pintar e fazia-o muito bem), para transportar os pincéis num estojo rijo e comprido, forrado com um pano para limpar os pincéis, e com um pote de água como tampa, em plástico reutilizável ou vidro.

Outro dos seus projetos foi criar um site através da programação (que aprendera com uma data de livros que fora a sua prenda de aniversário por parte dos pais), onde colocava todos os seus desenhos e pinturas, alguns códigos para programar LEDs que gostava de fazer, as suas pinturas, os seus projetos e, eventualmente, um dia colocar lá as músicas que tentava escrever nas férias do Verão, tudo gratuitamente disponível para quem quisesse ver, ouvir ou replicar.

Como de costume, cumpriu todos os seus objetivos, conseguindo ainda descansar e passar tempo com a família toda junta, das poucas vezes que isso acontecia.

Até que começou o Terceiro Período escolar. No fim de semana da véspera do primeiro dia de aulas desse período, Fabiana preparou as coisas para recomeçar a escola: fez a mochila, reorganizou os livros escolares, afinou a bicicleta e arrumou o estojo.

As aulas recomeçaram na segunda-feira seguinte, e Fabiana continuava sozinha. Decidiu que iria passar alguns dos intervalos do Terceiro Período na biblioteca, e que iria começar ler mais livros que lhe despertassem algum interesse, como histórias de mistério, romance, ou até enciclopédias. Se não lhe apetecesse ler, tinha sempre mesas para desenhar ou fazer os trabalhos de casa ou até computadores para ver vídeos de pro-

gramação, pois não devia programar nos computadores da escola, apenas ver vídeos e fazer trabalhos.

Ia sempre para a mesma mesa, pois normalmente estava desocupada e num sítio mais sossegado e reservado, onde andava menos gente e mais afastado da porta, e era apenas para duas pessoas. Claro que estava lá sempre sozinha, mas, apesar disso, começou a ser a sua ocupação dos tempos livres que passava na escola.

Passou lá tanto tempo que passou a ser a “cliente habitual solitária” da biblioteca. Conheceu bem as funcionárias, que, tal como os professores, passaram a ser as pessoas com quem se dava melhor, as suas amigas.

Tinha uma mentalidade muito adulta que possibilitou essa relação com o pessoal adulto da escola, não só com os da biblioteca, mas também com todos os outros funcionários e professores da escola. Tocou na escola várias vezes em atuações públicas, como mostras de talentos e até na cerimónia de entrega de bolsas de estudo e diplomas de excelência. Isso fez com que os professores lhe pedissem que fosse tocar para a sala dos professores nalguns intervalos, para os entreter. Fazia-o de vez em quando, aproximadamente uma vez por semana.

Estas eram as suas três ocupações dos tempos livres que passava na escola.

Um dia, à hora do almoço, depois de almoçar, decidiu passar o tempo até à sua próxima aula na biblioteca da escola.

Quando lá chegou, foi para a sua mesa habitual, distraída a pensar que músicas iria trazer para a próxima vez que tocasse para os professores, pois havia tocado pela última vez naquela manhã, no primeiro intervalo. Pousou a mão sobre a mesa. Ia a sentar-se na sua cadeira habitual quando ouviu alguém falar.

- Hum...olá!

Assustou-se, dando um grito agudo que chamou a atenção de toda a biblioteca, quando viu um rapaz sentado no seu lugar habitual, a escrever numa folha de papel A5 rasgada de um caderno com uma esferográfica prateada de tinta preta, que tinha LEDs coloridos a brilhar, fazendo o logótipo do Futuroscope, um parque francês futurista, cujo tema é o futuro, a robótica, as inovações,...

O rapaz tinha olhos verdes como as folhas das árvores do exterior e um cabelo muito curto, castanho escuro espetado. Trazia uns grandes óculos redondos de cor verde escura apoiados no nariz saliente, mesmo no eixo de simetria da sua cara oval.

- Olá... - cumprimentou Fabiana, atrapalhada. Continuou a falar tão depressa que comeu grande parte das letras percententes às palavras que pronunciou. - Peço desculpa por ter chegado aqui assim, mas eu costumo vir sempre para esta mesa e nunca está aqui ninguém... Estava distraída, e como já me habituei...

- Deixa lá, eu posso sair... Achei este sítio resguardado e agradável, só não sabia que havia mais alguém que também gostava dele... Mas podes ficar.

- Não, não, não, não! Fica tu, eu encontro outro sítio... É só que eu costumo ficar aqui, é um bom sítio para estar sossegada...

- Eu vou ter aula daqui a 10 minutos, se tu vais ficar mais tempo não vale a pena andares sempre a mudar de sítio - disse ele, calmamente, mas com um tom de vergonha e timidez na voz. Levantando-se da cadeira, pegou nas suas coisas e começou a dirigir-se para a porta da biblioteca. Levou tudo, exceto a folha de papel que, acidentalmente, deixou em cima da mesa.

- Eu ainda tenho 50 minutos...

- Então deixa-te ficar aí. Até à próxima! - aconselhou ele, e acelerou o passo quando se encontrava a uns metros da porta.

- Até logo, obrigada... Esqueceste-te do papel! - gritou Fabiana, pegando na folha. Aí reparou que era uma folha de pautas, e que tinha escrito uma música. Decorou as notas e tentou cantá-las interiormente, para decorar também a forma aproximada de como soavam. Depois estendeu a folha ao rapaz, que virara para trás e estava novamente ao pé dela.

- Ah, obrigado. - agradeceu ele, pegando na folha e enfiando-a entre os livros.

O rapaz deixou então a biblioteca com os livros debaixo de um braço, abrindo a porta com o outro e deixando-a bater depois de sair.

Fabiana ficou a olhar para a porta de vidro, perplexa. Tentou lembrar-se das notas e cantá-las de cabeça, baixinho. A música era bonita e nunca a tinha ouvido antes. Será que o rapaz estava a tentar escrever uma música? Teriam os dois o mesmo objetivo?

Depois tirou o telemóvel da sua mochila pessoal que trazia consigo e ligou-o, abrindo a aplicação da câmara e invertendo-a para se ver. Estava corada, com um ar de totó e atrapalhada. Desligou-o e decidiu fazer os trabalhos de casa de Francês e de Inglês. Adorava línguas.

Saiu da biblioteca para os ir buscar à mochila da escola, que ficava sempre do lado de fora da porta, numa estante de madeira com divisórias quadradas, nas quais ficavam as mochilas dos alunos.

Terminou-os todos em quinze minutos, e decidiu fazer uns desenhos naqueles vinte e cinco minutos que faltavam até à hora a que entrava para as aulas, às duas e meia da tarde. Havia saído para almoçar ao meio dia e quarenta.

Ao procurar a página do trabalho de casa de francês, viu uma música numa das páginas do manual, à qual os alunos deviam completar a letra, que estava lá escrita com espaços em branco para o efeito. Foi pesquisar por ela, ouviu-a e espantosamente gostou. Depois pesquisou pelos acordes para a tocar na guitarra e apontou-os a lápis na página do manual.

Às duas e dez, arrumou as suas coisas e sentou-se à porta da sala, à espera da professora de Físico-Química, Luana.

Durante a aula, apercebeu-se de uma palavra mal escrita no manual e corrigiu-a a lápis.

Não foi das aulas em que aprendeu mais, pois não conseguia esquecer o episódio da biblioteca e a suposta melodia aparentemente escrita pelo rapaz soava constantemente na sua cabeça. Precisava de uns dias para que aquilo perdesse a importância que lhe dava naquele momento. No entanto, sabia que muito provavelmente a música do rapaz ficaria gravada por muito mais tempo, pois tinha boa memória e adorava música. Para além disso, músicas de que gosta (como aquela) passam a fazer parte do seu mundo, e dificilmente as esquece por completo, acabando sempre por se lembrar um dia.

Capítulo IV - Avaliações

Passadas umas semanas, começaram os testes do 3º Período. Nesta época, a maioria dos professores só faziam apenas um teste por disciplina, por causa da curta duração do período escolar. Fabiana começou a dar menos importância ao episódio da biblioteca, para passar a ocupar o seu pensamento com datas, matéria, horários, livros, páginas e resumos.

Como de costume, conseguiu temporariamente fazer de conta que nada tinha acontecido para se focar a cem por cento nos testes e no estudo, com o objetivo de assim conseguir notas sempre acima do noventa e cinco por cento, e nota máxima em algumas disciplinas, como Matemática, Físico-Química, TIC, e Português. Só a Educação Física é que a sua média do final do segundo período foi de oitenta e nove por cento, uma vez que não se pode ter jeito para tudo. Apesar de gostar muito e de praticar regularmente pela sua saúde física e mental, Fabiana nunca fora dotada para o desporto, o que era mais um motivo de gozo para os seus colegas, uma vez que normalmente a nota de Educação Física era a mais alta de muitos dos alunos.

Aproximava-se o final do ano escolar e as provas de aferição do oitavo ano. Fabiana começou a rever a matéria que saía nas provas. Como os pais trabalhavam até tarde e não tinha amigos, apoiava-se a cem por cento nos professores e colocava-lhes todas as suas dúvidas.

As semanas passaram depressa, e as horas que Fabiana estudava pareciam-lhe sempre insuficientes. Mesmo com capacidades, estudava, e muito. Às vezes até demais. Queria sempre ser a melhor, e metera na cabeça que teria a nota máxima, ou muito perto disso. Só não gostava de tirar noventa e nove e meio, pois era enervante para ela saber que podia ter tirado

nota máxima por um erro pequenino, evitável da maior parte das vezes em que isso acontecia. Infelizmente, os professores viam nela capacidades e, quando tinham uma razão válida para o fazer, por muito pequenino que fosse o erro que Fabiana cometera, preferiam dar o noventa e nove e meio em vez do cem por cento, para não lhe transmitir demasiada confiança e fazer com que ela continuasse a trabalhar. Por isso, bastava um pequeno erro para isso acontecer, como escrever o valor exato do resultado obtido no problema de matemática em vez do aproximado, como a professora pedia no enunciado do problema. Desta vez, Fabiana queria ter a certeza de que isso não aconteceria. Queria ser perfeita, apesar de saber que isso era muito mais difícil do que manter-se na zona dos noventa.

Via as colegas recapitular a matéria nos intervalos, ajudando-se umas às outras, enquanto ela continuava sozinha pelos cantos, com os livros que dizia a quem perguntasse que, naquela altura, eram os seus melhores amigos. Estudava em qualquer canto durante qualquer minuto livre. Até nos sítios onde tinha as atividades extracurriculares estudava: na conservatório de música, onde aprendia guitarra (dedilhado), formação musical e coro, no grupo coral da igreja, onde tocava guitarra (aprendera a tocar por acordes na internet, e lá ensinaram-lhe o que ainda não sabia ou não estava bem), na orquestra, onde aprendia flauta transversal, nas aulas de canto particulares e na patinagem artística, que aproveitava quando as miúdas mais lentas ainda se estavam a equipar. Levava os livros para a igreja e estudava quando não estavam a cantar, dizendo as orações simultaneamente, para não parecer muito mal. No conservatório, estudava maioritariamente entre as aulas, mas quando acabava de fazer os exercícios de formação musical antes dos outros (o que acontecia com muita frequência) não hesitava em tirar os livros da mala e começar a estudar. Na orquestra, fazia-o às vezes enquanto os outros elementos se preparavam. Só nas

aulas particulares de canto, de piano e de coro é que não tinha muitas oportunidades para estudar. E o tempo que passava a arranjar-se de manhã e a treinar os seus instrumentos passou a ser todo usado para estudar para as provas de "aflição", como lhes chamavam os alunos, passando depois as aulas a ouvir os professores de instrumento ralharem por ela não estudar nada (neste caso, literalmente). Só estudava (mas menos tempo do que o habitual) as músicas da orquestra, uma vez que envolviam muitas pessoas e que podia prejudicá-las.

No dia da prova, Fabiana preparou-se apenas de forma a ficar minimamente apresentável. Como tinha um cabelo castanho pelos ombros frisado, meio ondulado, despenteado, desorganizado, irregular, e com os fios de cabelo grossos, era muito difícil de pentear e de controlar a sua aparência. Fabiana tinha olhos azuis, de um azul leve e discreto, parecido com a cor do céu, mas mais turquesa. Tinha um nariz e uma boca do tamanho ideal e proporcional, de acordo com o tamanho da sua cara arredondada, mas bonita. Os seus lábios eram avermelhados e tinha umas bochechas ligeiramente rosadas. Era um pouco sardenta debaixo dos olhos e tinha umas orelhas direitas e bonitas, também elas proporcionais. O seu tom de pele era muito claro, mais claro do que a maioria dos alunos. Nem era alta nem baixa, nem magra nem gorda, era um intermédio elegante. Usava óculos graduados, com lentes divergentes, ainda com alguma graduação. Tinham uma armação de metal fina, em tons de dourado. Em casa, tinha outra prateada, para combinar com a roupa, se ela quisesse. Essa fora prenda da mãe, que sonhava que a filha desse algum valor ao visual.

Durante o tempo que poupou ao arranjar-se mais depressa do que o habitual (ficou fisicamente menos apresentável, mas não era isso que lhe ia baixar a nota), foi dar a última revisão à matéria que saía na prova de matemática. Depois preparou as coisas (lanche,...) para sair de casa e foi novamente

para a escola na sua bicicleta. Dessa vez, não levou o irmão à escola para a reduzir a probabilidade de chegar atrasada, apesar de ter saído de casa quarenta e cinco minutos antes da hora de entrada para a prova, de modo a evitar que qualquer imprevisto (a ciclovia em obras,...) a fizesse chegar fora de horas à mesma. Quando chegou à escola, deixou a sua bicicleta e o capacete no sítio que lá existia para o efeito (já dentro dos portões da escola, onde a costumava deixar todos os dias), desamarrou e pegou na mochila da escola que ia amarrada no cesto da bicicleta (excecionalmente, normalmente ia às costas e a mochila pequena é que ia no cesto) e colocou-a às costas, junto à sua mala a tiracolo, que trouxera naquele dia em vez da mochila pequena para ocupar menos espaço. Seguidamente dirigiu-se para a sala da prova.

Claro que chegou ao exame muito bem preparada, por muito mal estudada que achasse que estivesse a matéria.

- E... podem começar. - informou o professor, depois de olhar para o relógio, abrir o envelope fechado onde vinham as provas e de as distribuir.

Os alunos começaram a preencher a folha de resposta. A sala entrou num silêncio quase total, em que os únicos barulhos que o quebravam eram os suspiros e a respiração acelerada dos alunos aflitos ou aos quais a prova estava a correr pior que o esperado e os passos dos professores vigilantes que passeavam pela sala ou o barulho das folhas de papel a serem batidas contra a mesa para ficarem direitas, isto quando um dos professores vigilantes se sentava na secretária.

Fabiana concluiu a prova dez minutos antes do tempo estipulado. Releu o teste com calma, passando a pente fino todas as perguntas uma, duas, três, quatro, até cinco vezes, se achasse necessário. Corrigiu dois erros de distração e acrescentou informação a uma pergunta de desenvolvimento, cuja parte do enunciado que a pedia lhe tinha escapado ao realizar a prova.

Quando o professor vigilante voltou a olhar para o relógio e anunciou que havia acabado o tempo, Fabiana sentiu-se transpirar. As suas mãos tremiam ao entregar a prova ao professor que as foi recolher. Limpou a transpiração com a manga do casaco de malha que trouxera vestido, tirando-o com o calor, apesar de estar frio dentro da sala, o que fez com que todos os alunos (exceto aqueles que ainda estavam a tentar acabar a prova antes que os professores vigilantes lha tirassem das mãos) olhassem para ela como se tivesse acontecido uma coisa anormal, pois Fabiana só tirava o casaco quando tinha muito calor, não se sentindo confortável se estivesse muito exposta. Todos os outros alunos se encontravam de casaco, mais nenhum estava de t-shirt e saia às pregas com meias-calças castanhas e finas como ela.

Saiu da sala da prova, pegou na mochila que tinha ficado do lado de fora da sala depois de guardar as canetas no estojo que se encontrava lá dentro, pegou no casaco que tirara durante a prova (nos corredores estava mais calor, tal como no exterior, pois estava a começar o Verão, em maio) e foi à casa de banho lavar a cara, que estava muito vermelha devido ao calor que sentira na sala, por ter estado nervosa com a prova. Depois voltou lá para fora, colocando desta vez a mochila às costas, a carteira a tiracolo e o capacete na cabeça. Pegou na bicicleta e voltou para casa. Nos dias das provas, era dispensada das aulas.

Capítulo V – Entrega dos manuais

As duas provas correram "apenas bem" (era o que ela a toda a gente que perguntava), mas a Fabiana conseguiu a nota máxima em ambas.

O último dia de aulas foi uma festa, e ela foi convidada uns dias antes para tocar na guitarra umas músicas de alguns artistas conhecidos e cantá-las na festa. Os professores sugeriam que ela tocasse as músicas que tocou para eles durante o ano, pois Fabiana sabia-as bem. Preparava-se muito bem quando o público se tratava de professores.

Nesse dia, perdeu um bocadinho mais de tempo a arranjar-se. Penteou-se bem e apanhou duas madeixas de cabelo da frente atrás, com um laço enorme azul marinho num travessão metálico. Vestiu um vestido pelo joelho, parecido com os vestidos das meninas de antigamente: tinha uma renda nas pontas das mangas compridas e o vestido era da mesma cor do laço, com umas riscas vermelhas e brancas que formavam quadrados. Calçou uns sapatos de fivela também eles de um azul marinho, e decidiu não levar bijuterias, para dar mais o ar do estilo antigo do qual gostava muito.

Deram-lhe uma sala para onde foi ensaiar enquanto outros alunos atuavam, com talentos diversos, desde pianistas até dançarinos, e alguns até vinham declamar um poema ou tocar outro instrumento. Houve um rapaz e uma rapariga que vieram tocar e cantar juntos uma canção.

Quando a atuação do rapaz de violino que tocou antes dela estava a meio, a sua professora de Matemática foi chamá-la à sala onde estava a treinar.

- Fabiana, a seguir és tu.

- Sim, obrigada. Vou já. - respondeu Fabiana, enquanto arrumava a guitarra na sua capa para a transportar em segurança. Arrumou as folhas onde estavam escritos os acordes e as tabs das músicas num bolso interior que esta continha e foi para o pé do palco, que fora construído por alunos de um curso profissional há uns anos atrás, quando as festas de final de ano e de finalistas começaram a ser tradição.

Quando o violinista desceu por trás do palco e passou por ela, foi a vez da Fabiana subir as escadas que davam para a plataforma de madeira, já com a guitarra e as folhas na mão.

Estava nervosa, apesar de já estar habituada a tocar para professores. Achava que se devia ao facto de desta vez existirem alunos no público.

Sentou-se na cadeira que se encontrava no palco e colocou as folhas na estante que haviam colocado à sua frente. Depois respirou fundo e começou a tocar e a cantar as cinco músicas que treinara.

Correram-lhe bem, à exceção de um erro ou outro na guitarra, mas pouca gente pareceu ter reparado, uma vez que ela tentava continuar a cantar como se nada se tivesse passado.

Desceu do palco contente, pois sabia que lhe podia ter corrido pior (sabia ser otimista em algumas situações).

Antes de deixar a escola pela última vez naquele ano letivo, foi à sala dos professores, entregar os livros escolares à sua Diretora de Turma. Os livros pertenciam ao Ministério, apenas os levava emprestados no início do ano para evitar ter de comprar os manuais novos. Ao mesmo tempo, estes tinham muitas vidas, pois passariam de aluno para aluno enquanto estivessem em condições. Ela receberia apenas uns novos de Português e Matemática, por causa do exame de final de ciclo que teria no próximo ano.

Os seus livros estavam impecáveis, de tal modo que a sua professora ficou a olhar para eles, um tanto espantada. Fabiana

era muito estimada com todas as suas coisas. Por isso, nem quando tinha espaço para o efeito escreveu respostas nos livros. Isso implicava estragar ou dobrar as páginas dos livros e gastar borracha desnecessariamente quando tivesse de os apagar. Apenas escreveu (e não apagou) os apontamentos e correções das falhas dos livros, para os próximos alunos aprenderem bem e poderem corrigir outros erros em que ela eventualmente não tivesse reparado, em vez de emendar outra vez aquilo que ela já tivesse visto. Não valia a pena toda a gente recomeçar do zero se podia começar de algo já feito por outra pessoa, no seu entender era uma perda de tempo. Einstein disse que se pôs em cima dos ombros de gigantes para fazer as descobertas que fez (ou seja, apoiou-se no trabalho de outros cientistas que descobriram coisas antes dele).

Voltou de bicicleta para casa com muitas recordações. Fora um dia tanto triste, como feliz: fora triste pois os alunos iam ficar sem se ver durante três meses, tendo alguns alunos até chorado; No entanto, fora ao mesmo tempo feliz, uma vez que fora uma grande festa, muito divertida e memorável e que marcava o início das férias, um merecido período de descanso e diversão, em que os alunos faziam o que bem lhes convinha, e não só aquilo que eram obrigados a fazer.

Para Fabiana seria ainda melhor, uma vez que teria imenso tempo para realizar os seus projetos.

Começaram então as tão esperadas Férias do Verão e, apesar de ainda ter missa de duas em duas semanas em que tinha de ir cantar com o coro (gostava das músicas que tocavam, para músicas de igreja eram animadas e fixes de cantar), as aulas do conservatório com o resto do supletivo durante mais duas semanas (tinha escolhido esta opção para não perder algumas disciplinas, sobretudo TIC) e os ensaios da

orquestra para as festas populares e outras atuações, conseguiu cumprir os seus objetivos.

Escreveu uma música e aprendeu a tocá-la, colocando-a depois no seu site, juntamente com mais algumas pinturas, desenhos e vídeos a ensinar como fazer alguns dos seus projetos, como um vaso para flores que renova a água automaticamente. Ajudou o pai no seu trabalho, através de ideias para projetos e programas, e até procurou investidores para pôr em prática alguns dos seus projetos mais caros, como fazer carros elétricos pequenos com mala para substituir as motas dos carteiros e daqueles que entregam pizza e outras comidas. Deu ideias de fabricar outros transportes mais sustentáveis para substituir as carrinhas a combustíveis fósseis usadas para o transporte de cargas, fazer um robot para limpar as ruas e até um para plantar árvores nos matos queimados por incêndios, que, ao mesmo tempo, fertilizasse a terra. Conseguiu colocar empresas a pensar no assunto e outras a concretizar as suas ideias, dando-lhe um exemplar grátis para si e para os da sua família e da sua aldeia.

Conseguiu ganhar alguma fama por escrever músicas e fazer muitas outras coisas, tendo comentários que diziam “Saber fazer tudo é bom! Continua assim!” e “Mudar o mundo para melhor, quem o faz merece viver na melhor versão do planeta que criou.”.

Ainda teve tempo para descansar, depois de tudo o que fizera naquelas férias, que os vizinhos diziam “bater aos pontos as disciplinas e notas da escola”, apesar da Fabiana não acreditar que fosse assim tão radical. Achava que, se a sociedade permitisse, poderia fazer melhor. Mas aprendera a contentar-se com aquilo que conseguia fazer no presente. Afinal, ainda teria muito tempo para mudar o mundo que receberia, só tinha catorze anos.

Faltavam apenas umas semanas para a escola recomeçar, e a Fabiana foi fazer as compras à loja onde ia habitualmente arranjava o material necessário para o novo ano letivo.

Comprou canetas novas, uma vez que os alunos escreviam muito com canetas e que ela já tinha usado a caneta azul que a mãe comprara de reserva e que, para além disso, já se encontrava quase sem tinta; Comprou separadamente dois lápis biodegradáveis (assim não gastaria embalagens descartáveis); uma borracha também ela amiga do ambiente; uma afia de metal de marca e de qualidade (a do ano anterior, igual à nova, havia-lhe servido durante todos os seus 8 anos de escola e ficaria agora para desenhar) e uma caixinha de madeira para colocar as aparas de borracha e de afia e, se necessário, restos de papel e outros materiais; uma caneta de ponta fina preta, usada nas aulas de Educação Visual e uma tesoura toda em metal (a mesma situação da afia). De resto usaria o seu material antigo, que usara até àquele ano. Era muito estimada, e comprava material de qualidade e de alta duração, que nas suas mãos durava anos. Apenas precisava de trocar as borrachas, as canetas e os lápis, em algumas situações.

A escola começou com a alegria do reencontro, tanto entre os alunos, como entre alunos e professores. Ao chegar à escola, os alunos abraçaram-se, felizes por se voltarem a ver. Sara foi a única da turma que cumprimentou Fabiana, que foi esquecida pelo resto da turma. Não levou a mal, pois infelizmente já estava habituada a esse tipo de coisas.

Alguns dos professores mudaram, e, infelizmente, a sua professora de Ciências, que toda a gente adorava, era contratada e teve de concorrer, ficando a dar aulas em Matosinhos em vez de continuar naquela escola em Albergaria-a-Velha, que ficava mais perto de onde morava, Oliveira de Azeméis. Fabiana

soubera isto pois enviou-lhe um email a perguntar como estava tudo e a contar da sua vida. Os professores, alguns comerciantes e os seus familiares eram os únicos contactos da sua lista de contactos do telemóvel. Os outros professores apenas haviam mudado de turma. No entanto, permaneceram na mesma escola, dando apenas aulas a turmas diferentes.

A primeira e a segunda semana foram para a apresentação dos alunos, dos novos professores e dos novos manuais, que os alunos foram buscar à Câmara Municipal de Albergaria dias antes do novo ano começar. Depois disso, os professores começaram logo a dar matéria e tudo voltou ao habitual, exceto o facto de estarem agora no nono ano, em vez de no oitavo, o que fazia com que tudo se tornasse mais difícil.

Numa turma de sétimo ano, que passara neste novo ano para o oitavo, estavam alguns alunos a discutir o estado dos seus livros, que haviam “herdado” das turmas que tinham passado para o nono ano neste novo ano letivo.

- Eu queria os livros todos novos... - resmungou Alice. Era muito egocêntrica e convencida e tinha a mania, achando que era melhor do que os outros. Os seus cabelos eram loiros ondulados, quase brancos de tão loiros, e tinha olhos azuis, de um azul forte e vivo. A pele quase branca dava a entender que ela nunca antes tinha visto sol na vida e a Alice era tão vaidosa que andava quase sempre com bijuterias, alguma maquilhagem na cara e as unhas pintadas. Usava roupas abertas, como calções muito curtos, assim como as camisolas.

- Tenho aqui alguns usados... - continuou ela, levantando o livro de Físico-Química e de Português do oitavo ano, que pertenceram a Fabiana.

- Tu também só sabes resmungar, Alice. Esses livros estão impecáveis! Apesar de usados, parecem novos! Quem os usou, estimou-os muito bem. — retorquiu Joana. Tinha o cabelo

ruivo alaranjado, pelos ombros. Era liso e muito certinho e organizado, com os fios de cabelo finos e delicados, onde trazia sempre um gancho de cabelo, fino e dourado. Tinha olhos castanhos e pele clara, e na sua cara redonda e fofa existiam muitas sardas naturais debaixo dos olhos e umas bochechas rosadas. Os seus lábios eram ligeiramente avermelhados, mas de uma tonalidade natural. - Se eu os tivesse, nem notava!

- Isso é o que tu dizes! Os teus são quase todos novos! E para além disso é-nos dito quais é que são novos.

- Por acaso, eu até gosto de livros antigos, com história e apontamentos de conclusões que alguém já tirou, para me ajudar a saber mais e a compreender melhor a matéria. Ainda por cima, este ano temos provas de aferição.... - lembrou Joana, com a sua voz ligeiramente aguda e doce, quando comparada com a das outras raparigas. - Se as teorias estiverem corretas, claro. Mas isso perguntamos à professora ou pesquisamos na Internet.

- É só para nos dar trabalho. - retorquiu a Alice.

- Se achas isso, então troca de livros comigo. - propôs Joana. Adorara o livro de Matemática da Fabiana, que lhe calhara a si.

- OK - concordou Alice.

Então a Alice deu todos os livros antigos que tinha à Joana, que lhe deu os novos equivalentes aos que a colega lhe dera. Tinha todos novos, à exceção do de Matemática.

No primeiro intervalo, sentou-se sozinha a passar os olhos nos livros que outrora pertenceram à Fabiana. Também não tinha amigos. Gostou dos interesses da antiga dona do livro agora nas suas mãos, pensando que talvez se pudessem dar bem. Quis conhecê-la. Mas primeiro, decidiu ficar com todos os livros da Fabiana. Ainda lhe faltavam dois: o de Francês e o de TIC.

Passou o resto do dia a pedir à turma inteira que a deixasse ver o nome escrito nos seus livros. Descobriu o nome da Fabiana na parte de trás da capa de cada livro que lhe pertencera. No intervalo do final do dia, na biblioteca, veio a descobrir que quem tinha os livros dela que lhe faltavam era um rapaz de onze anos chamado Filipe, o mesmo que a Fabiana havia encontrado na biblioteca no ano anterior, apesar de ele não ter conhecimento. Andava sempre sozinho e algumas das suas paixões eram a programação e os jogos de computador. Fora batizado como "o totó da turma", por ter os interesses de um Geek e por ser atado e distraído.

- Hey - saudou Joana, quando chegou ao lado de Filipe, depois de já ter perguntado ao resto da turma. - Tens algum dos livros de uma rapariga chamada Fabiana? Ela escreve o nome na parte de trás da capa dos manuais.

- Se tenho? - perguntou ele. Tirou os livros da mochila e viu a parte de trás da capa de todos, um a um. Demorou algum tempo, o que fez com que a Joana revirasse os olhos ao seu perfeccionismo.

- Tenho... dois livros.

- A sério? Fixe! Posso dar uma vista de olhos? - pediu ela, sorrindo.

- OK. - assentiu Filipe. - Posso ver contigo?

- Isso pergunta-se? Os livros são teus, tu é que sabes!

- OK. - disse ele novamente, e pegou nos livros que pertenceram a Fabiana para os folhear com a colega.

- Olha que fixe! - exclamou Joana, ao ver os acordes na música no livro de francês. - Tenho quase a certeza de que isto tem qualquer coisa a haver com música... - apostou.

- É, são os acordes para a guitarra. - explicou Luís, que se dirigia para a porta da biblioteca. Vendo os dois espcados a olhar para qualquer coisa que, julgando pela cara dos dois, era bastante interessante, não resistiu a desviar-se do seu caminho

para ouvir parte da conversa. Tinha cabelos castanhos claros e usava uns óculos retangulares de armação preta. Andava na mesma turma do oitavo ano com Joana e Filipe. - Representam-se por letras: o A é o equivalente ao Lã, o B ao Si e por aí fora. Agora tenho de ir. Até já!

- Até já! E muito obrigada! - agradeceu Joana, voltando-se novamente para Filipe. - Então, quer dizer que esta rapariga tocava guitarra.

- Achas? - perguntou o Filipe, com um tom de desinteresse.

- Para tua informação, ela acrescentou informação da Internet a uma página do livro de Físico-Química.

- Mas não temos de apagar os livros antes de os devolver?

A Joana revirou os olhos e levou a mão à testa.

- Isso quer dizer que ela adora Físico-Química e o Pi, porque essa parte do manual de Matemática também está modificada. E ela tinha razão, é um erro do livro!

- A sério? - perguntou o Filipe. Parecia que estivera na Lua todo aquele tempo e que voltara à Terra quando ouviu "Físico-Química e Matemática". A Joana suspirou.

- Eu gostaria de a encontrar e de falar com ela, talvez nos déssemos bem. - explicou a Joana. - Ajudas-me?

- OK, alinhado.

Antes do intervalo acabar, os dois colegas largaram os livros e começaram a raciocinar.

- No ano passado, ela era do sétimo E. A Fabiana parece ser muito inteligente, por isso vamos admitir que ela passou de ano.

- Tens dúvidas? - interrompeu Filipe.

- Não, estou só a provar o meu ponto de vista. - justificou-se Joana. - Então, muitas vezes acontece só mudar o número, ficando a mesma letra. Também sabemos que as turmas

A são, normalmente, do articulado. Como ela não foi para lá no ano passado, também não deve ter ido neste.

- Então vamos tentar o nono E?

- Se concordares.

- Sim.

- Os nonos anos têm aulas em que piso?

- Eu conheço um colega meu do conservatório que era do nono há dois anos e ele tinha aulas no piso um, no corredor do lado direito, acho eu...

- Nesse caso, vamos, está quase na hora da aula! - lembrou Joana. Agarrou-o e puxou-o pelo braço na tentativa de ainda conseguir chegar a horas às aulas.

Subiram as escadas do piso da biblioteca (piso zero) até ao piso um e viraram à direita. Foram até aos cacifos daquele corredor, encontrando lá etiquetas com as várias turmas: nono A, nono B,.... Depois tocou para dentro.

- É aqui! - gritou a Joana. Voltou a puxar Filipe consigo, entrando pelo corredor.

- O meu colega disse-me que o corredor de nono ano é muito confuso. Ele perdeu-se das primeiras duas vezes que teve aulas aqui. - informou Filipe, de forma sábia e precisa. Mas Joana parecia tê-lo ignorado, continuando a correr com ele pelo corredor fora.

- Temos de nos despachar, já tocou para dentro há uns minutos. Os alunos já começaram a chegar para as aulas neste piso, por isso é uma boa altura para encontrar a Fabiana. - disse Joana.

Mas, ao virar uma esquina, deram de caras com a funcionária do piso, e pararam de correr de repente para não chocarem com ela. Tinha cabelo preto curto, cortado acima dos ombros.

- Nunca vos vi neste piso este ano. O que é que estão aqui a fazer e quando é que tomam consciência de que já tocou para dentro e que têm de chegar a horas às VOSSAS aulas?

- Nós... estamos à procura de uma colega - desculpou-se Joana.

- A vossa colega vai para as aulas, e vocês também deviam ir. - disse a funcionária, rigidamente.

- Nós só queremos ver quem ela é e... Que foi? - perguntou Filipe, virando-se para Joana, que lhe dera uma cotovelada, supostamente para ele se calar, o que não tinha acontecido. A rapariga suspirou, levando a mão à testa.

- O que ele está a tentar explicar é que nós temos uma amiga deste ano e queremos ver de que turma é e qual é a sua sala para estarmos com ela nos intervalos. - tentou corrigir a Joana, com uma expressão nervosa.

A funcionária franziu o sobrolho, desconfiada.

- Tenho a certeza de que o rapaz tinha razão, mas dou-vos cinco minutos. Depois expulso-vos daqui.

- Obrigada. - agradeceu Joana, despachando-se a agarrar o braço de Filipe e a puxá-lo consigo.

Os dois alunos correram pelos corredores já meio vazios, pois muitas das turmas já haviam entrado para as aulas. Foram perguntando aos alunos que lhes apareciam no caminho se conheciam alguma rapariga chamada Fabiana. Sabiam que não era um nome muito comum, mas todos lhes responderam que não, até que chegaram a uma sala com uma aluna a entrar para a aula.

- Olá! - cumprimentou Joana, ofegante. - Conheces alguma rapariga chamada Fabiana?

- Sim, - respondeu a Sara. - é aquela ali, com o cabelo castanho e os óculos dourados. Tem um estilo muito típico, mesmo inconfundível.

- OK, muito obrigada! - agradeceu Joana, sorrindo de felicidade. - Para que sala vão a seguir?

- Depois vamos embora, mas amanhã de manhã estamos aqui, na A vinte e quatro (A24). É a nossa sala deste ano.

- OK, muito obrigada! - agradeceu Joana. - Então até logo!

- Até logo! - despediu-se Filipe.

- Tchau e boa sorte! - disse Sara, acenando. Habituará-se a fazer isso com os alunos mais novos.

Joana e Filipe voltaram para a sua sala a correr. Os corredores já estavam desertos. Chegaram à sala e espreitaram pelo vidro lateral da porta. O professor já estava a dar matéria. Os alunos começaram a olhar para eles, reparando que estavam lá. Joana decidiu entrar antes que o professor percebesse que eles lá estavam pela distração da turma.

- Boa tarde, professor, e desculpe o atraso... - disse a Joana, nervosa, abrindo a porta e entrando com o Filipe na sala.

- Vocês sabem que horas são? São três e trinta e oito, estão quase um quarto de hora atrasados, treze minutos para ser mais exato. - ralhou o professor de Geografia. Ouviram-se risinhos de troça vindos das mesas dos alunos. - E ainda têm a lata de não bater à porta!

- Peço desculpa... - gaguejou Joana, corando. Tinha-se esquecido. Ouviu dois rapazes dizerem um para o outro, baixinho, mas de forma audível para os alunos que se encontravam à volta poderem ouvir:

- Ela veio com o totó! Atrasados os dois!

Isto fez com que a Joana corasse ainda mais, envergonhada ao ponto de ter de aguentar as lágrimas para também não ser chamada de "bebé chorão".

- O que é que estiveram a fazer? - questionou o professor.

- Isso... tem a haver connosco. - respondeu Joana, um tanto revoltada.

- Se eu te pergunto é porque eu quero E TENHO O DIREITO DE SABER! - gritou o professor, furioso. - Se não me dizem vão lá para fora com uma falta disciplinar! Atrevam-se a chegar a esta hora na prova de aferição que levam um zero para aprender a lição! Ou chegam à hora ou não entram! E aqui vai passar a funcionar igual para quem chegar mais de dez minutos atrasado sem uma justificação válida dada só pelo Encarregado de Educação ou por outro familiar, assinada por ele. Podem sentar-se, mas mais uma, menina Joana, e vão OS DOIS direitinhos para a direção da escola.

- Sim, professor. - assentiu Joana, humildemente. Dirigiu-se para a sua mesa na sala, sentando-se na sua cadeira. Às vezes perdia o controlo das suas emoções, deixando-se levar um pouco pela raiva. Era um dos seus defeitos, para além de ser uma rapariga muito sensível em algumas situações.

A aula acabou com aquele ambiente pesado, onde o professor estava enervado ao ponto de gritar com qualquer aluno que lhe fizesse uma pergunta não pertinente ou que errasse no quadro ou quebrasse qualquer regra da sala de aula.

No dia seguinte, a Joana e o Filipe encontraram-se à porta da sua sala quinze minutos antes da aula começar, e dirigiram-se para o corredor de nono ano. Foram para a porta da sala A vinte e quatro, onde ainda só estavam alguns alunos.

Quando faltavam apenas oito minutos para as aulas começarem, a rapariga que diziam ser a Fabiana chegou à porta da sala. A Joana virou-se para o Filipe com uma expressão alegre, e disse-lhe baixinho:

- É ela! É ela! Aquela ali com o cabelo volumoso castanho e de óculos dourados! É ela!

Filipe ficou espedado a olhar. Reconheceu a Fabiana como a rapariga que chegara à sua mesa na cena da biblioteca. Ficou repentinamente ansioso e envergonhado, aparentemente sem razão.

- Que se passa? - perguntou a Joana, preocupada.

- Esquece. - pediu Filipe. - Nada de especial.

- Não queres falar com ela?

- Não é nada, a sério. - descansou-a Filipe.

- OK, mas se quiseres podes dizer e vamo-nos embra. - frisou Joana. Eles começavam a dar-se bem e a compreenderem-se, mesmo sem se aperceberem disso.

Os dois aproximaram-se dela, que se tinha sentado num canto longe da porta com a sua mochila, longe também dos outros alunos que se haviam instalado à frente e dos lados da porta.

- O... olá! - cumprimentou a Joana, nervosa e entusiasmada, tudo ao mesmo tempo. - Eu sou a Joana, do oitavo C. Eu... os teus livros ficaram nas mãos dos alunos da minha turma, e eu fiquei com o de Matemática e adorei as notas que lá tinhas. Pareces uma apaixonada pelo Pi! Virei tua fã!

A Fabiana continuava sentada, a olhar para os outros alunos.

- Olá? - chamou Joana.

De repente, a Fabiana deu um salto, e virou-se para Joana e Filipe.

- Estão a falar para mim? - perguntou ela, com um ar feliz e espantado.

- Sim! - exclamou a Joana.

- Ah, peço imensa desculpa, é que eu não estou habituada a que venham pessoas falar comigo de livre e espontânea vontade. - explicou a Fabiana, com um tom divertido. - Ouvi o que disseram, mas não estava a olhar para vocês, desculpem.

Depois, reparou em Filipe, o que fez com que desse outro salto assim que a memória da biblioteca lhe voltou a invadir a mente. Também o reconheceu.

- És o rapaz com quem me encontrei na biblioteca no ano passado? - perguntou ela.

- Sim - respondeu o Filipe, envergonhado. - Sou o Filipe, ando no oitavo C com ela e também tive dois livros teus. Tenho apenas onze anos, porque saltei o primeiro ano da escola e só faço doze em Novembro.

- E eu chamo-me Joana! - apresentou-se ela, excitada. - Tenho treze anos, fiz em Maio. Por acaso não avencei nenhum ano, porque os meus pais não concordaram, apesar de também ter sido diagnosticada como acima da média. Mas eu foi pouquinho, ele é que tem uma inteligência de um adulto de vinte anos. - elogiou ela, e empurrou-o ligeiramente com o ombro, na brincadeira.

- E tu, Fabiana? - perguntou o Filipe.

- Sabes o meu nome? - perguntou ela, confusa. - Eu não o apaguei da parte de trás da capa dos manuais?

- Como é que achas que te encontrámos? - disse a Joana. - Deixaste o teu nome na parte de trás da capa de todos os livros.

- Que idiota que sou! - disse baixinho a Fabiana para si própria. Mas depois pensou melhor: até podia ser bom.

- Ainda faltam cinco minutos. Vens dar um saltinho lá fora connosco? - propôs a Joana.

- Sim, eu passo os meus intervalos lá fora. - assentiu a Fabiana.

- A sério? Eu também gosto muito! - exclamou Joana. As duas raparigas riram-se.

- Eu prefiro a biblioteca, é mais sossegada. - informou o Filipe, na sua voz grave, mas doce.

- E então, o que é que gostas mais de fazer nos tempos livres? - perguntou a Joana, enquanto caminhavam para o exterior.

- Nas férias de Verão, eu propus umas soluções de maior escala para os problemas ambientais, e consegui pôr alguns investidores a pensar no assunto. - disse Fabiana.

- A sério?! Que fixe! Cada vez gosto mais de ti! - exclamou Joana.

- Depois, nos tempos livres, gosto de desenhar, de pintar, toco flauta transversal e guitarra, tenho algumas atividades extracurriculares,... e também gosto de programar. Depois tenho um site na internet onde coloco o meu trabalho e o resultado final.

- Eu também adoro programar e jogar jogos na nova consola da Nintendo. Eu adoro essa marca. - deu a conhecer o Filipe.

- Mesmo?! Programas em quê? Em Java? - quis saber Fabiana, entusiasmada.

- Gosto de Python.

- Eu também gosto, mas uso mais o Java. Tens Windows?

- Mac. Mas programo na RaspberryPi.

- Eu tenho um PC, ainda. Mas também tenho um Mac, é o meu portátil. Gostas de Windows?

- Nada. É lento... Não tenho paciência para o aturar.

- Mesmo! - concordou a Fabiana. Os dois partiram-se a rir, deixando, involuntariamente, a Joana um pouco de parte.

Depois tocou para dentro. Enquanto subiam as escadas, Fabiana contou a Filipe aquela piada de Geek que ela gostava muito. Ele riu-se, mas a Joana também parecia ter percebido.

- Fixe! Quem te contou isso? - perguntou ela.

- Li numa revista que pago todos os meses. São de eletrónica.

- Não percebo muito disso, mas gostaria de saber programar. Acho piada poder mexer nas luzes, e arranjar coisas facilmente na Internet. - explicou a Joana.

- Eu e a Fabiana ensinamos-te a programar, Joana. - ofereceu-se o Filipe.

- Obrigada. - agradeceu ela.

- Eu sei... - disse a Fabiana, baixinho.

- O quê? - perguntaram Joana e Filipe, confusos.

- Conseguir coisas da Internet e enganar os computadores para conseguir o que quero. - explicou, com um tom de voz ainda mais baixo. - Claro que não uso isso para sacar dados de lado nenhum, mas às vezes dá jeito saber programar para fazer upgrade a um computador, ou para evitar as publicidades manhosas.

- Fixe! - exclamaram os dois.

- Já agora, tocam algum instrumento? - perguntou ela, curiosa.

- Sim, eu toco acordeão. - informou a Joana, contente por ter com Fabiana um ponto em comum.

- E eu piano. - informou o Filipe.

- Vocês gostariam de tocar comigo como uma banda, ou um grupo musical? - perguntou Fabiana. - Eu escrevo músicas, e depois meto-as no meu site. Podíamos começar a tocá-las juntos.

- Que fixe! Fogo, és um máximo, Fabiana. - elogiou a Joana.

- Mesmo. - concordou o Filipe.

- Claro que sim! Começamos este fim-de-semana, pode ser? - perguntou a Joana.

- OK. - assentiu o Filipe.

- Fixe! - exclamou a Fabiana. - Vai ser extraordinário!

- O que é que fazes mais? - perguntou a Joana. - Eu sei bordar.

- Também sei.

- Fixe! - exclamou ela. - A minha mãe é costureira, quis que eu aprendesse, apesar de eu na altura não estar muito motivada. Agora adoro!

Estiveram a falar durante uns minutos, e depois a Fabiana começou a estranhar.

- O meu professor nunca mais vem... - suspirou ela, uns segundos depois. Já estavam os três à porta da sua sala, mas nem sinal da professora de Português do nono ano.

- Pois... nós temos de ir, já passam seis minutos da hora.

- Podemos encontrarmo-nos ao pé da árvore, nos outros intervalos? - perguntou a Fabiana. Sentia que tinha feito uma verdadeira amiga, que ficaria para a vida.

- Claro! - exclamou a Joana, excitada. - Até logo, então!

- Até logo! E boa sorte com o professor!

- Obrigada! - gritou a Joana, já longe.

A funcionária começou a correr atrás deles, a gritar-lhes que se calassem porque estavam as turmas em aulas. A Fabiana ficou novamente sozinha, mas, desta vez, só temporariamente. Tinha os mesmos interesses dos seus dois novos amigos, davam-se mesmo bem. Perguntar-lhes-ia se também estavam a sentir que, depois de muito tempo de solidão, estavam finalmente a fazer amigos, com pessoas parecidas com eles, de quem realmente gostassem e em quem confiassem. Fabiana sentia-se assim. Sentia-se bem.

Capítulo VI - "The 3nagers"

Como combinado, no próximo intervalo os 3 amigos voltaram a juntar-se ao pé da árvore que durante muito tempo ajudara Fabiana a desabafar, mas que agora já não era tão necessária na sua vida. No entanto, Fabiana gostava igual de ir lá para estar com ela. Sentia que fora uma das suas amigas, e, como faria a um verdadeiro amigo, não a iria abandonar. Apesar disso, dizem que as árvores transmitem energias positivas. Fabiana sentia que isso fosse verdade, pelo menos na sua situação.

Após 2 minutos do início do intervalo, Fabiana, Filipe e Joana estavam todos juntos ao pé da árvore.

- Olá! - saudou Fabiana.

- Olá! - cumprimentou Filipe.

- Olá! Olha, Fabiana, quero-te agradecer porque, graças a ti, percebi que ele não era apenas um totó de turma, mas uma pessoa muito inteligente e muito fixe. - elogiou Joana.

- Pois, tiveste de andar comigo se querias mesmo falar com ela. - lembrou Filipe. Joana riu.

- Mas, de qualquer maneira, obrigada. - agradeceu ela.

Fabiana não conseguiu explicar os ligeiros ciúmes que sentiu de Joana quando os dois começaram a brincar verbalmente um com o outro. Mas tinha de lhe dizer, porque, afinal, é para isso que servem os amigos: para garantirem a felicidade de ambos, dizendo sempre a verdade, e saberem que podem confiar um no outro, em qualquer situação. Apesar de tudo, conseguiu não dar importância a esse sentimento negativo; Era fácil manter-se feliz quando descobriu que tinha feito amigos.

- Fabiana, quando eu te vi na biblioteca, eu achei-te uma pessoa assim... meia desorientada. És sempre assim?

- Depende da situação em que me encontre.

- E naquele caso, foi porquê, exatamente?

- Talvez porque fiquei um bocadinho envergonhada por ter invadido a mesa onde estavas sem pedir, porque toda a gente diz, e eu tento mesmo, que eu sou uma pessoa muito educada, e aquilo foi uma demonstração de tudo menos de educação. Peço desculpa. E talvez... também porque... eu gostei do estilo de pessoa que mostravas ser, o que me fez ficar ainda mais envergonhada.

- Estavas distraída, acontece. Eu admito que também fiquei um bocadinho surpreso, porque também não tinha amigos, e achei piada à tua reação. Mas, como sabes, eu sou desorientado e atado de natureza, isso eu não posso negar.

- Mas és inteligente e és bom como pessoa, e isso é que é o importante.

- Obrigado. - agradeceu Filipe, ligeiramente surpreendido. - Por acaso, também excedeste as minhas expectativas como pessoa. Na altura não pensei que fosses tão fixe.

- Obrigada. - disse Fabiana, corando.

- Olá! Eu também estou aqui e não percebo nada do que estão para aí a dizer! - lembrou Joana.

- Peço desculpa. - disseram Filipe e Fabiana em uníssono.

- Eu sei que não me devia estar a meter, mas o que é que aconteceu, com quem, onde e quando?

- Acontece que nós nos encontrámos na biblioteca, no ano passado. - explicou Fabiana, direta, como sempre fora com o que devia ser dito dessa maneira.

- De propósito? - perguntou Joana, curiosa.

- Não, sem querer. - disse Filipe.

- Então tu já a tinhas visto antes! Foi por isso que ficaste meio "desorientado" quando viste que ela era a antiga dona daqueles livros? - quis saber Joana, começando a encaixar as peças.

- A sério, ele ficou? - perguntou Fabiana, com um ligeiro sorriso.

- Ya. - confirmou Joana. - Parecia que tinha visto o seu ídolo das tecnologias. Já agora, quem é?

- É um engenheiro que dá truques de eletrónica na Internet. Mas o meu ídolo mesmo é um cantor, por acaso, o Miguel Araújo³.

- Também o meu! - gritaram as duas raparigas em coro. Os três partiram-se a rir. Depois estiveram uns segundos em silêncio, até Fabiana o quebrar.

- Vocês os dois... foram os meus primeiros amigos a seguir aos meus familiares. - explicou Fabiana. - Vocês estavam na mesma situação do que eu?

- Sim. - admitiu Joana. - Eu andava sempre sozinha, até descobrir os teus livros e andar com o Filipe atrás de mim para me ajudar a encontrar-te. E eu queria-o porque vi em ti e na tua personalidade, através das notas nos livros, uma possível amiga. Mas até aí eu passava os dias a passear-me aqui no pátio em frente à escola, onde tem esta árvore grande, sozinha.

- Eu passava o tempo aqui, ao lado desta árvore grande.

- Eu também não tinha amigos, passava o tempo na biblioteca sozinho, como me viste quando nos encontrámos. - explicou Filipe. - Achei a biblioteca um sítio sossegado.

- Pois... - disse Fabiana. - Eu comecei a ir para a biblioteca para o computador, ou desenhar, ou fazer desenhos, fazer os trabalhos de casa...

- Eu ia para lá e tentei escrever uma música. Para além disso, eu também fazia os trabalhos e ia para o computador. - informou Filipe.

- Pois, eu vi o papel. - confirmou Fabiana. - E cantei a música de cabeça. É linda.

³ Miguel Araújo: cantor português.

- Achas?

- Sim. Mas mesmo que não fosse, tem de haver sempre uma primeira tentativa. Eu também passei por isso, no mesmo contexto e tudo.

- Por falar nisso, - pediu Joana. - podes dar-nos o link do teu site? Por favor...

- Sim, Fabiana, por favor... - concordou Filipe.

- OK. - alinhou Fabiana. - dêem-me os vossos números de telemóvel e eu crio um grupo e mando-vos por mensagem.

- OK! - concordaram Filipe e Joana. Os três tiraram do telemóvel e partilharam os seus contactos uns com os outros. Depois, Fabiana criou um grupo do Telegram⁴ e propôs chamá-lo de "Geek Friends"⁵. Todos concordaram.

Voltaram para as aulas, combinando encontrar-se no mesmo sítio no próximo intervalo.

- Hey! - cumprimentou Fabiana, ao chegar à árvore. Filipe e Joana já lá estavam a conversar.

- Ah, olá, Fabiana! - disse Filipe.

- Olá! Olha, estivemos aqui a falar sobre aquilo que disseste ontem sobre a banda. - explicou Joana

- Pois. Sobre isso, marcámos este fim de semana, certo? - perguntou Fabiana.

- Sim. - confirmou Filipe. - Mas a questão aqui é: o que é que temos de trazer e preparar previamente?

- Tecnicamente, têm apenas de trazer o vosso instrumento, quem tem de escrever as pautas para acordeão e piano sou eu, tenho uma ideia de como eles funcionam. Ah, Filipe, como eu não tenho um piano, não vale a pena vires desta vez, desculpa. Eu trago a pauta para a escola e dou-te para tu estudares

⁴ Telegram: aplicação de mensagens.

⁵ "Geek Friends": "Amigos Geek", em inglês (muitos Geeks gostam muito de inglês, porque é a língua em que se programa).

quando puderes. Se tiveres dúvidas, diz-me, está bem? Para ti, Joana, vai ser na empresa do meu pai, como é fim de semana, à partida não está lá ninguém. Podes trazer os teus pais, ficam a assistir ao ensaio. Eles também podem falar com os meus, para se conhecerem melhor. A morada da empresa é esta. - explicou Fabiana, entregando um papelzinho que tirara do bolso a Joana.

- OK. - disse Filipe.

- Fixe! - exclamou Joana.

- E... Filipe? - chamou Fabiana.

- Sim?

- Gostaria de usar a tua música mais tarde, se não te importasses e se a terminasses...

- Claro. - concordou ele. - Trago-a antes das férias, então.

Os três amigos continuaram a falar o resto do intervalo, até irem para as aulas.

A semana passou a correr, e o fim de semana chegou finalmente. Depois de ter todos os trabalhos de casa feitos, a Fabiana foi para a empresa do pai preparar as coisas e as pautas que tinha escrito durante o resto da semana para os instrumentos que os amigos tocavam. Pouco depois, eles chegaram, e ela foi a correr abrir a porta do edifício.

- Olá! - cumprimentou ela.

- Boa tarde! - exclamou Joana, entusiasmada. Trazia a mala com o seu acordeão às costas. Desta vez, tinha amarrado o cabelo num rabo de cavalo, e viera com um vestido vermelho simples, tendo apenas uns folhos em cima. - Este sítio é tão fixe! Ah, e já agora, o meu pai está lá fora a falar com o teu.

- Por acaso é. Nas férias grandes, cheguei a vir para aqui com o meu pai. Os trabalhadores são muito simpáticos e divertidos e eu acho o sítio acolhedor. - opinou Fabiana. - Estão aqui as pautas para a música que eu já tinha na guitarra. Consegues?

- Ya. - confirmou Joana.

- Então, podes começar a ver? - perguntou Fabiana.

- Óbvio que sim.

- OK, obrigada. Dá só uma vista de olhos. Se não perceberes alguma coisa diz. Eu vou para outra sala estudar os acordes da guitarra.

- Sim.

A Fabiana saiu então da sala onde se encontrava, onde normalmente se pensavam e desenhavam as ideias para mudar o mundo, indo para a sala dos programadores. Também não estava lá ninguém. O seu pai e o de Joana tinham ido para a sala onde se construíam a maior parte dos projetos falar. Fabiana tirou a sua guitarra acastanhada de qualidade da capa e o seu microfone, que lhe fora dado pelo pai como recompensa por tudo o que fizera de bom nas férias. Não só o usou desligado, como fez um esforço para cantar e tocar baixinho, para não incomodar a Joana, que via a pauta pela primeira vez.

Passado algum tempo, Joana gritou:

- Hey, Fabiana, estás a ouvir?

- Eu e aqui a aldeia inteira, de certeza! - brincou ela.

- Pois... Olha, eu achei a pauta relativamente fácil, acho que já consigo tocá-la contigo.

- Fixe. Eu já aí vou, então.

Fabiana pegou na guitarra e nos seus acessórios e foi ter com a amiga. Começaram a tocar juntas pela primeira vez, com erros e hesitações, como é óbvio, mas já se desenrascavam bem. Treinaram muitas vezes juntas e à vez, até o pai de Joana entrar na sala.

- Filha, temos de ir.

- Só mais uma vez... - pediu ela.

- A tua mãe foi levar a tua irmã Beatriz à aula de saxofone e diz que quer que faças o jantar. Já são 15:30h, e o tem-

po de chegar e não chegar, e depois tu vais querer lanchar, eu já te conheço!

- Pronto, vou arrumar o acordeão. - cedeu Joana. Apesar de às vezes ser impulsiva, era muito obediente e compreensiva com aqueles de quem gostava, principalmente com os seus pais. Pegou no acordeão e arrumou-o com cuidado na sua mala. Depois fechou-a, pegou nela e no casaco, despediu-se da Fabiana e foi embora com o pai para casa.

Fabiana fez o mesmo, porque apesar de conhecer aquele sítio, não era a sua verdadeira casa. Arrumou as coisas da guitarra e foi para casa de bicicleta, com o pai a seu lado com uma elétrica. Era um dos produtos já inventados desenvolvidos na sua empresa, já tendo prometido uma à filha quando ela fizesse anos em Agosto, que seria dez meses depois, pois ainda estavam no primeiro período.

Fabiana continuou a escrever algumas músicas, mas agora com a ajuda dos seus amigos. Marcavam encontros, sempre na empresa do pai, para escreverem as músicas todos juntos. Fabiana levava a guitarra, para se orientar.

Claro que, em época de testes os fins de semana com encontros quinzenais que estavam combinados pausavam temporariamente, sendo usados para estudar para os testes.

Os três amigos, depois de treinadas, começaram a gravar as músicas e a colocá-las no site da Fabiana. Até que um dia, depois do último teste do primeiro período no dia anterior e de muitas músicas escritas e gravadas pelos três (incluindo a música de Filipe, que até teve sucesso), Fabiana propôs, enquanto falavam num intervalo:

- E se déssemos oficialmente um nome à nossa "banda", ou grupo musical?

- As nossas músicas falam de coisas reais... e se fôssemos os "Realistas"? - propôs Joana. A Fabiana e o Filipe reviraram os olhos.

- Acho que não, uma vez que as oito músicas que já escrevemos têm temas muito diferentes e variados: umas falam de sociedade, outras de imprevistos, como aquela que fala da menina que teve de usar óculos, mesmo pensando que via bem, ou até de amizades.

- Eu concordo com o Filipe. - assentiu Fabiana.

- E se fosse os "Threenagers"? - perguntou Filipe.

- Não era "teenagers"? - perguntou Joana, confusa.

- É um jogo de palavras: "Three" e "Teenagers", porque somos três adolescentes. Mas dá mais ao menos para encaixar, ficando "Treenagers".

- Fixe! - exclamou Fabiana.

- Por acaso gosto, mas inglês por inglês eu colocava "The Geek Friends", como temos no grupo do Telegram. - resmungou Joana.

- Mantemos essa para o grupo das mensagens e usamos a dele para a banda. Que achas? - tentou negociar Fabiana.

- Ya, pode ser. - aceitou Joana.

Então os três amigos reuniram-se pela última vez naquele período, antes das Férias de Natal, e criaram um site exclusivamente para a sua banda. Combinaram fazer videoclips para as músicas, marcando um dia nas férias para as filmagens, depois de Joana lhes enviar o guião em PDF com a história que ficaria definida entre os três, antes das férias. Seria Joana a escrever porque os Geeks normalmente são focados em tecnologias e dão muitos pontapés na Gramática, sendo este o caso de Filipe. A Fabiana não era assim tão má em Português, mas não era a sua disciplina favorita, e a Joana tinha muito jeito para e gostava de escrever.

Começaram a ter algum sucesso, e marcaram o seu primeiro concerto na sala de espetáculos mais próxima da sua região, para os da sua terra. Lá tocaram todas as suas músicas até àquele dia, tendo ainda um número considerável de pessoas a assistir. Com o dinheiro que ganharam, dividiram-no por três e depois cada um deles deu dois terços do seu dinheiro aos pais, para ajudar a pagar dívidas ainda pendentes, como a da casa ou a do carro. Se não desse número certo, ficavam os adolescentes com o resto.

O segundo período foi uma emoção, pois todos os colegas os admiravam, e a Fabiana começou a ganhar alguma popularidade. Alice ficou revoltada, pois costumava ser a mais popular, até Joana e Filipe lhe passarem à frente. Para além disso, o facto de trabalharem juntos numa coisa dessas reforçou a sua amizade, tornando-os os melhores amigos inseparáveis.

Capítulo VII – A Visita de Estudo

No dia da visita de estudo às Salinas de Aveiro, foram os oitavos e os nonos anos, e Fabiana pediu à sua professora de Matemática (a mesma do ano passado), que era aquela que acompanharia a sua turma (9ºE), que a deixasse ir no autocarro de oitavo ano com a Joana e o Filipe.

- Pode ser? Por favor... - pediu ela.
- Fabiana... eu não sei se posso deixar...
- Eu vou pedir ao organizador da atividade... Quem é ele?

- É o professor Xavier, de nono ano da turma B, mas se ele não deixar escusas de insistir que não vale a pena. - informou a professora Sofia.

- OK, muito obrigada. - agradeceu Fabiana, saindo a correr em direção ao 9ºB.

- Bom dia! - cumprimentou, quando lá chegou, ofegante.
- Uma vez que o senhor professor é o organizador desta visita de estudo, venho pedir-lhe a si autorização para ir no autocarro com os oitavos anos.

O professor olhou para ela, desconfiado.

- Porquê? - perguntou.

- Porque os meus únicos amigos estão no 8ºC. Os meus colegas da minha turma acham-me diferente e eu não me dou com eles. - explicou Fabiana. O professor não se mostrou convencido.

- E o que é que eu tenho a haver com a tua relação interpessoal?

- Nada, mas tecnicamente não alterava nada, sou só uma...

- Se eu te deixo ir vem mais um monte de caramelos pedir para mudar de autocarro também. E depois, que faço eu?

- Se eles quisessem mesmo como eu, tentavam pedir, não era preciso haver ninguém a fazer o mesmo. Se eles só pedem depois de mim, é só para ser igual a mim e para o tramar.

- Não digas a ninguém em quem não confies. Mas podes. O teu caso parece muito particular.

- Sim, muito obrigada! - agradeceu Fabiana, contente por poder aproveitar o passeio com os seus melhores amigos.

Saiu disparada em direção ao autocarro do sétimo ano. Alguns dos seus colegas de turma passaram por ela, olhando-a com um olhar intrigado e desconfiado. Mas para evitar isso ao máximo, Fabiana correu e entrou no autocarro o mais rapidamente possível. Lá dentro, Joana e Filipe estavam sentados no último ban-

co de trás, que tinha espaço para três ou quatro pessoas, um em cada ponta.

- Olá! - cumprimentou Fabiana, enquanto caminhava ao encontro dos amigos. Sentiu muitos dos olhares dos miúdos do oitavo ano fixos nela, olhando-a como um intruso.

- Fabiana? Vens aqui connosco?! - questionou Joana, espantada e alegre.

- Ya. Tenho autorização do organizador da visita. Mas ele disse para eu não publicar, não fosse haver mais uns quantos iluminados que pedissem só porque eu pedi. - explicou ela, enquanto se sentava no espaço entre os dois amigos onde Joana a convidara a sentar e baixando o tom de voz.

- Ah, OK. - assentiu Joana. - Então foste uma exceção?!

- Ya. Eu expliquei-lhe o meu ponto de vista e a causa da minha decisão e ele disse que o meu caso era particular. - relatou Fabiana.

- Fabiana?! - exclamou Filipe, dando um salto.

- Sim, ela já entrou aqui há quase dois minutos, onde é que tu estás? - informou Joana, tirando um livro da sua mochila com um marcador de fita entre as páginas. Abriu-o na que estava marcada e começou a ler.

- Na Lua, só se for. - brincou Fabiana. Joana riu-se.

- Desculpa, eu sou um atado... Estava aqui a jogar este jogo na minha consola. Queres ver? - convidou Filipe.

- OK. - aceitou Fabiana, apesar de não estar muito convencida. Não lhe parecia o seu tipo de jogo.

Filipe chegou-se mais para o lado da Fabiana, mostrando-lhe a consola. Era uma Nintendo Switch, com os dois Joycons, o azul e o vermelho.

- Essa é a consola mais recente que essa marca fez! - reparou Fabiana. - Já a tens?!

- Foi prenda de anos. - disse ele. - Tecnicamente, este é um jogo de aventuras. É um jogo muito conhecido da Nintendo,

o Zelda. Em quase todos os jogos deste tipo, tu controlas o link e tens de salvar a princesa Zelda, mas neste ela ajuda-te a atingir o objetivo, que neste caso é outro. Queres experimentar?

- Esse parece fixe, mas podes mostrar-me os outros jogos primeiro? - pediu Fabiana, começando a gostar do jogo apresentado por Filipe. Mesmo assim, gostava de ver todas as opções antes de escolher. Filipe tirou o Zelda, mostrando-lhe os outros jogos.

- Tenho o Mario Kart 8 Deluxe, o Mario Odissey, que também é parecido com o Zelda. Também tenho o Mario Galaxy 2 e este Kirby Star Allies. Para jogar a várias pessoas, tenho este Instant Sports e deram-me à pouco tempo o Mario Party. Acho-os todos fixes.

- Uau... Deves ser muito rico...

- Não. Tenho isto tudo porque quando me propõem uma prenda de aniversário ou outra coisa qualquer eu escolho sempre uma coisa deste género: ou uma consola ou um jogo, ou até um sistema operativo, programa, aplicação ou computador. Então, qual gostarias de experimentar?

- Estou inclinada para o Mario Kart... Dá para jogar a dois e não parece muito difícil.

- OK. - assentiu Filipe, carregando no jogo para começar a jogar. Depois deslizou o Joycon azul para fora, entregando-o a Fabiana. Esta ficou a olhar para o comando por uns segundos, antes de lhe pegar. Olhou para Joana, mas esta continuava entretida a ler, parecendo abstraída de tudo o resto. Voltou a olhar para o pequeno comando, e depois para o pequeno ecrã da consola portátil de Filipe.

- Então é assim: carregas neste botão para acelerar, aqui viras o carro e se calhar ficamos por aqui, para agora. Depois eu explico do Drift. Mas para agora jogamos em automático, pode ser? - perguntou ele. Fabiana ficou a olhar para o amigo

com uma expressão intrigada. Nunca fora muito fã de videojogos, preferia programar. Mas estava disposta a aprender e a tentar.

- Eu já te explico o que é. - garantiu Filipe, escolhendo algumas opções no jogo. - Agora escolhe o teu personagem e o teu carro.

Fabiana usou o Stick analógico do seu Joycon para escolher a personagem. Escolheu a Toadette, um cogumelo rosinha com duas trancinhas. Filipe foi com o Toad, outro cogumelo, mas vermelho, que na história deles era o namorado da personagem escolhida por Fabiana. Depois foi convidada a escolher o seu carro. Escolheu o Kart, aquele comum a todas as personagens e a todos os Mario Karts da Nintendo. Filipe foi com o mesmo carro. Depois teve de escolher um pára-quadras ou uma asa delta. Escolheu uma que achou engraçada, começando a perceber que o jogo não era apenas conduzir um carro e ganhar uma corrida.

- Então, o objetivo é fazeres as voltas indicadas e passares a meta antes dos outros jogadores. - explicou Filipe. - Há PowerUps, os cubos coloridos que vais apanhando durante o jogo. Carregas neste botão para os gastares. - disse, apontando para um botão na lateral do Joycon. - Estes podem ser a teu favor ou contra os outros corredores. Eles também os usam, por isso podes ser prejudicada por isso. Quanto pior a tua posição na corrida, melhor será o PowerUp que te irá calhar, que é para equilibrar o jogo. Por isso não é tirado completamente à sorte, como parece das primeiras vezes que jogas um Mario Kart. Estás a perceber?

- Sim. - afirmou Fabiana. Filipe carregou no botão para escolher uma das pistas e começar o jogo.

- Eu escolhi esta, a próxima escolhes tu, pode ser?

- Sim. - assentiu Fabiana.

Filipe limpou e emprestou-lhe um dos seus earphones wireless e começaram a jogar. A Fabiana adaptou-se bem, conseguindo, depois de algumas corridas, chegar ao quarto lugar, em doze lugares. Achou um bom começo, tal como Filipe lhe disse.

O tempo passou mais depressa do que parecia. De repente, Fabiana sentiu alguém tocar-lhe no ombro. Virou-se com um movimento brusco. Ao reparar, Filipe pôs pausa no jogo e olhou também.

- Estão à espera do quê? - perguntou Joana, de mochila às costas. - O autocarro já parou!

Fabiana e Filipe olharam em volta. O autocarro estava quase deserto. Filipe desligou o jogo e a consola e Fabiana deu-lhe o comando Joycon e o earphone de volta, ajudando-o a arrumar.

Sairam os três do autocarro e olharam em seu redor. As salinas eram bonitas, organizadas e interessantes. Durante a visita, explicaram-lhes como tiravam o sal e todo o processo, desde o início. No fim até tiveram uma oportunidade de comprar potes de sal feito ali. Todos pareceram adorar, principalmente Fabiana. Gostava mesmo de aprender.

Quando a visita acabou, perto da uma e meia da tarde, os alunos foram almoçar a comida que haviam trazido de casa: Fabiana trouxera uma pizza enrolada sobre si própria feita em casa; Joana trouxera uma salada vegetariana de tomate cereja, rúcula, alface, pedaços de pão tostados (croutons), mozzarella, cebola, beterraba e amoras, também feita em casa; Filipe trouxera um Wrap totalmente caseiro, com giros, alface, molho, tomate e cenoura. Tudo comidas práticas. A maior parte dos outros alunos da turma de Filipe e Joana trouxera uma pizza encomendada, uma salada de massa ou uma sandes.

Já no fim do almoço, os professores disseram aos seus alunos:

- Quem quiser ir à casa de banho, tem dez minutos para o fazer. Depois fazemos a chamada e entramos no autocarro para voltar para a escola, que deve estar a chegar.

- Eu tenho de ir. - informou Fabiana, para os seus colegas. Tinha acabado de almoçar há uns minutos. - Mas primeiro tenho de arrumar isto.

- Eu também tenho de ir. - explicou Joana, mais despachada. Tinha acabado de almoçar há mais tempo do que Fabiana, tendo já tudo dentro da mochila. - Mas eu vou agora, enquanto arrumas as coisas. Guardem-me a mochila, por favor.

Pousou a mochila junto da Fabiana e de Filipe e saiu a correr dali, em direção à casa de banho do café mais próximo do coberto onde as turmas de oitavo ano pararam para almoçar.

- Também vou. - disse Filipe, saindo a correr.

- Espera, eu guardo-te a mochila! - gritou Fabiana.

- Ah, OK. Esqueci-me. Obrigada! - agradeceu Filipe, atirando-a para Fabiana. Era maluco. Com a sua consola lá dentro e a atirar a mochila. - Esqueci-me da consola, desculpa. - gritou novamente. Ninguém parecia ter ouvido.

Fabiana ficou então junto ao banco de madeira onde comeram, com as três mochilas e a acabar de arrumar as suas coisas do almoço. Quando acabou e fechou a mochila, foram uns minutos até Joana chegar a correr com os seus cabelos ruivos e lisos a voar ao vento que se levantava naquela cidade à beira-mar. Acenou-lhe, gritando:

- Fabiana! O Filipe?

- Também foi à casa de banho. - informou Fabiana.

- OK. Tu também não tinhas que ir?

- E vou agora. - assentiu. De repente, ouviram o professor gritar:

- O nosso autocarro chega em oito minutos. Apanharam uma estrada em obras e a chegada atrasou. Daqui a cinco minutos vamos fazer a chamada e queremos aqui toda a gente.

- Despacha-te. - aconselhou Joana.

- Sim, eu chego e vou logo para o autocarro, para o lugar da viagem de ida. Encontramo-nos lá. - informou Fabiana.

- OK. - concordou Joana.

Quando Fabiana desatou a correr de mochila às costas para a casa de banho, passou por Filipe, que acabara de chegar de lá. Olhou para trás e viu-o parar ao lado de Joana e ficar a falar com ela. Ela devia estar a contar-lhe o aviso do professor acompanhante da turma.

Enquanto Fabiana lá estava, Joana e Filipe estiveram a falar.

- Para tua informação e conhecimento, o professor disse há uns minutos de oito minutos depois iria chegar o autocarro e que cinco minutos depois iriam fazer a chamada. - informou Joana. - E também disse que o autocarro se atrasou porque apanhou obras no caminho.

- OK. A Fabiana? Foi à casa de banho? Eu passei por ela agora. - perguntou Filipe.

- Sim, saiu agora mesmo. - respondeu Joana. - Disse que ia direta ao autocarro. Mesmo que se atrase, os professores dão pela falta dela.

- Espero que sim. - disse Filipe. Depois reparou numa loja de eletrónica. - Ei, que fixe! Aquela loja tem o adaptador que está esgotado em quase todo lado, incluindo na Internet. Vou pedir ao professor para lá ir.

- Aonde? - questionou Joana, desconfiada.

- Aquela ali! - indicou Filipe, entusiasmado, apontando com o dedo. - Ainda tenho dinheiro que chegue. Vens comigo?

- Se o professor deixar. Mas tens de te despachar, eu não quero perder o autocarro.

Os dois amigos dirigiram-se ao professor.

- Professor, podemos ir ali dar um saltinho àquela loja? Os meus pais já me deixam ir sozinho ao supermercado. São dois minutos... - pediu Filipe.

- Têm três minutos, mas se vos acontece alguma coisa estão pela vossa responsabilidade.

- OK, muito obrigado! - agradeceu o rapaz.

- Ouviste o que ele disse? Não nos pode acontecer nada. - avisou Joana.

- É rápido. - garantiu Filipe. Os dois foram então em direção à loja, que ficava a uns metros do coberto onde haviam almoçado. Entraram lá e, felizmente, não estava ninguém.

- Boa tarde, - cumprimentou Filipe. - Gostaria de comprar aquele adaptador.

O homem da loja olhou-o, desconfiado. Achou-o demasiado jovem para ir pedir coisas a uma loja de eletrónica. Apesar disso, pegou no adaptador que Filipe pedira, colocando-o em cima da bancada. Não recusava uma compra.

- Cinco euros. - disse, monotonamente.

- Obrigado. - agradeceu Filipe, colocando o dinheiro em cima da mesa e pegando no adaptador, enfiando-o no bolso. - Até à próxima.

- Deste um euro a mais! - avisou Joana, puxando-o pela camisa.

- Ah, obrigado. Desculpe. Obrigado e até à próxima. - disse Filipe, atrapalhado, pegando no euro que deixara acidentalmente em cima da bancada da loja. Saiu pela porta com Joana, que começou logo a resmungar.

- Então tu deixas um euro inteiro a mais sem querer em todas as lojas?

- Não, foi só uma vez.

- Quero ver isso.

Quando lá chegaram, o professor estava a fazer a chamada.

- Isabel Carvalho?

- Presente!

- Joana Silva?

- Presente! - gritou Joana, correndo para ao pé do grupo. Os alunos que já tinham sido chamados estavam a entrar on autocarro.

- Filipe, já chamámos por ti! Já vi que estás aí, podes entrar. - disse o professor, continuando a chamada.

- A Fabiana? - perguntou Filipe.

- Já deve estar no autocarro. O F vem antes do J, e eu acho que o tempo que ela teve é mais do que suficiente para ir à casa de banho. Além disso, ninguém parece ter dado com a falta dela. - arriscou Joana. - É o que eu acho.

Enquanto entravam no autocarro, os dois começaram a falar do adaptador que Filipe comprara na loja, ainda convencidos de que a amiga entrara antes deles no autocarro, não sentindo a falta dela, pois estavam demasiado distraídos a falar para se lembrarem de olhar à sua volta e de confirmar se ela estava realmente no autocarro. Nem os professores deram pela falta dela: os de oitavo porque não tinham sido previamente avisados de que tinham uma miúda a mais, não contando com ela na chamada por não pertencer à turma; os de nono porque pensavam que ela iria no autocarro de oitavo ano, deixando a sua responsabilidade com o professor desse ano escolar.

Capítulo VIII - Sozinha na Cidade

Fabiana saiu pela porta da casa de banho e avistou o autocarro ao longe a arrancar. Desatou a correr para chegar ao pé dele, com a mochila às costas. Correu o mais rápido que conseguiu, pelo meio da estrada e com os cabelos frisados iluminados pelo Sol a voar atrás de si. O autocarro começou a acelerar para a velocidade normal a que costumava viajar. Fabiana esticou o braço para a frente com a mão aberta, gritando, desesperada:

- Espere!!!!!!! Estou aqui!!!!!!!

Mas ninguém respondeu. O autocarro estava cada vez mais longe e Fabiana cada vez mais cansada. Transpirava de esforço e de nervos. Via os amigos no banco de trás através do vidro fumado e pareciam não dar pela sua falta. Ficou sentida por isso acontecer. Iria falar com eles quando os voltasse a ver.

Já quase não avistava o autocarro. Parou, perdendo as esperanças e inclinou-se para a frente colocando as mãos sobre as ancas, arfante. Olhou para a frente, perdendo o autocarro de vista quando este virou uma esquina. De repente, ouviu uma buzina barulhenta atrás de si. Assustou-se e deu um salto, virando-se para trás. Tinha um carro parado atrás de si, a apitar para que saísse da frente. Lembrou-se de que se encontrava no meio da estrada. Desatou a correr para o coberto onde tinham almoçado. Sentou-se naquela que fora a sua mesa e dos seus amigos e tirou o telemóvel da mochila, ligando-o.

- Só tenho 7% de bateria no telemóvel... - sussurrou Fabiana para si própria. Decidiu então ligar a Joana e dizer o que se passava. Mas da primeira vez ela não atendeu. Fabiana voltou a ligar. Aí atendeu logo.

- Sim? Fabiana!

- Olá, Joana.

- Onde é que te meteste? Lembrei-me que não estávamos contigo e ia agora mesmo ligar-te, já estava a tirar o telemóvel. Por isso é que atendi.

- Pois... Eu fiquei para trás. Demorei um bocadinho mais na casa de banho e quando saí já estavam no autocarro a ir embora. Eu fartei-me de gritar mas ninguém me viu nem ouviu, até vocês que estavam atrás não se dignaram de olhar.

- Peça desculpa, eu estava a ralhar com o Filipe, ele deu dinheiro a mais na loja.

- Contas-me depois, estou a ficar sem bateria. Eu estou onde almoçámos, e tenciono voltar de bicicleta. Os meus avós moram cá, ainda tenho que ver quanto demora...

- O Filipe vê. Quanto é daqui até Albergaria? - perguntou Joana a Filipe. Depois Fabiana ouviu alguém falar do outro lado.

- Na aplicação do mapa dá duas horas e meia de bicicleta. - informou Joana.

- OK. A minha avó materna mora cá, mas ela não me pode trazer porque não quis renovar a carta de carro, só anda numa motorizada pequenita que só dá para uma pessoa, e o meu avô igual. Vou na bicicleta antiga dela, se me deixar.

- E se não deixar?

- Eu acredito que ela vá deixar, se não deixar é só mesmo por causa da minha segurança. Mas eu tenho cuidado, prometo. Ela tem lá montes de proteções. Vou para casa deles a pé. Já só tenho três por cento de bateria. Obrigada a vocês os dois. Tenho de desligar.

- OK. De nada. Qualquer coisa liga. Desculpa lá qualquer coisa e tem cuidado e boa sorte.

- Obrigada, até logo.

- Xau, obrigada.

- Até logo. Com licença. - pediu Fabiana, desligando a chamada. Mal o fez, o seu telefone desligou-se por falta de bateria. Fabiana suspirou. Decidiu começar o caminho para casa dos seus avós.

Começou a caminhar para a praça central que tinham visitado durante a visita de estudo. Ainda se lembrava do caminho. Demorou cerca de cinco minutos para lá chegar. Daí, já sabia o caminho para casa dos avós. Passavam lá de carro sempre que a iam visitar.

Antes de deixar a praça, passou num quiosque e comprou um mapa da cidade, para se orientar e ter a certeza do caminho que ria seguir. Não se queria perder. Passou mais vinte minutos a chegar à casa dos seus avós maternos.

Quando chegou ao bairro onde eles moravam, tocou à campainha da casa dos avós. Eles vieram abrir a porta.

- Quem é? - perguntou o seu avô, que apareceu à porta. Tinha um cabelo castanho acinzentado, curto, mas ainda era muito. Por cima dos olhos azuis claros havia umas sobrancelhas farfalhudas da mesma cor do cabelo. Trazia vestida uma camisa azul clara às riscas de um azul mais escuro. As calças que cobriam as pernas compridas eram de um azul marinho muito escuro.

- Estavas à espera de visitas? - perguntou a avó, na sua voz suave, aparecendo à porta. Esta tinha um cabelo naturalmente grisalho mas bem tratado. Era frisado, curto e volumoso, como o do avô, ela usava-o quase sempre solto ou amarrado num rabo de cavalo pequeno no topo da cabeça. Tinha umas sobrancelhas delicadas, mais acastanhadas, e uns olhos castanhos acinzentados. Usava uns brincos pequenos nas orelhas esticadas

e compridas, sobre as quais usava uns óculos retangulares de armação cinzenta e discreta, feita com apenas metal ao natural, apenas polido e bem tratado.

- Sou eu! A Fabiana! - gritou ela.

- Fabiana?! Netinha! O que é que estás aqui a fazer sozinha, tão longe de casa? - quis saber a avó, abrindo-lhe o portão e abraçando a neta.

- Vim com a escola numa visita de estudo e pedi para ir no autocarro de oitavo ano com os meus amigos que são de outra turma. Ninguém deve ter contado comigo e eu fui à casa de banho e fiquei para trás. - explicou ela.

- E vieste até aqui a pé sozinha?

- Sim. Fui até à praça e de lá já consegui cá chegar.

- Deves estar cansada... entra e bebe um copo de água ou um chá para relaxar. - convidou a avó.

- OK. - aceitou a neta. Dirigiu-se à porta ao lado da avó, passando pelo seu jardim colorido e observando-o à sua passagem. Entrou pela porta de madeira branca da frente, que dava para um corredor de mais ao menos um metro e meio, com as paredes azul claro como o céu. Em frente à porta, tinha um tapete clássico que dizia "Bem-Vindo", de um azul mais escuro. Fabiana caminhou pelo tapete da cor das paredes que a avó punha sobre o chão de madeira clara do corredor até à sala onde se comia na casa. Sentou-se à mesa de madeira redonda coberta por uma toalha de mesa branca e rendada, com bordados feitos à mão pela sua avó de flores e frutas. Apesar de servir para proteger a mesa, estava sempre impecável, sem nenhuma nódoa visível. Era mais branca do que a neve, e tão homogénea que às vezes nem parecia real. Fabiana sentou-se numa das cadeiras de madeira cujos resguardos de tecido branco foram também feitos manualmente pela sua avó. Ela sentou-se noutro e o avô ainda noutro diferente. Ainda haviam mais dois bancos à volta da mesa e mais ao menos mais uns quinze

arrumados no armazém de mobília da casa, todos iguais àqueles que estavam na cozinha dos avós.

Fabiana aproveitou para apreciar mais uma vez o lindo quadro do avô que estava pendurado na parede azul céu da cozinha, enquanto a avó preparava o chá para todos. Ele fizera-o quando eles eram namorados e deu-o como prenda à sua avó para a pedir em casamento. Ela sempre fora uma mulher muito prática, não gostando de jóias ou roupas muito complexas e desconfortáveis. Sempre disse que o que importa é o interior e a maneira de ser das pessoas, porque as aparências podem enganar. E Fabiana sempre concordou com ela. O avô tivera desde novo muito jeito para pintar, tanto que tinha chegado a vender quadros para ganhar mais algum. Tinha um estilo de pintura um tanto próprio, fazendo manchas em vez dos pequenos portamentos quando se adequava ao desenho. Naquele quadro em particular, o preferido da neta, estava pintada uma paisagem colorida, com árvores e arbustos de todas as cores, que pareciam floridos. A erva era da sua cor original, verde, tal como o céu que era azul. Ficou a olhar para o maravilhoso quadro uns cinco minutos, até a avó trazer o chá para a mesa, sentando-se ao seu lado, uns segundos antes de o avô chegar e se sentar também ao seu lado, fazendo com que a neta ficasse entre os dois. A avó pegou no bule de porcelana e verteu delicadamente a "água mágica" dentro da chávena da Fabiana. Quando era mais pequena, dissera à avó que o seu chá de cidreira das plantas que cresciam nos vasos de barro empoleirados na varanda eram água mágica, pois quando estava doente e ela lho dava era capaz de fazer milagres. Provou devagarinho o chá, para não se queimar, e sentiu toda a gente presente na sala a olhar para si.

- Que bom! - exclamou, bebendo mais um bocado. - É o de cidreira? Não parece...

- Não, é de limonete⁶. Também tenho um vaso ali na varanda de limonete. É o meu preferido.

- Pois, não me parecia cidreira... Mas é mesmo muito bom. Vou pedir à minha mãe uma planta dessas para o meu aniversário.

- Olha, não queres levar uma ranca?

- Não sei se pega à terra assim...

- E umas folhinhas? Tenho ali um frasco de folhas de limonete já secas, ainda fechado. Eu tenho para aí uns seis, sou só eu e o avô a gastar, por isso vamos demorar a gastar tudo, e entretanto a planta dá mais... Podem ganhar bolor e é uma pena. Leva um na viagem.

- Por falar na viagem, vais mesmo fazer isso tudo de bicicleta? - perguntou o avô, preocupado.

- Claro. São duas da tarde, a viagem é apenas uma hora e meia. Eu chego a tempo de ir buscar o Carlos.

- Tu não tens aulas? - quis saber a avó.

- Não, eu hoje tinha tarde livre, de qualquer maneira. - respondeu Fabiana, antes de pegar na chávena florida da avó e beber mais uns goles de chá, deixando-a meio cheia.

- Então pronto, acaba o teu chá e eu encho-te a garrafa de plástico reutilizável que trazes sempre contigo, supondo que a voltaste a trazer, e dou-te uma caixinha com bolachas que eu fiz hoje e o frasco com as folhas do chá secas. Prova uma das bolachas e diz-me se gostas.

- OK, obrigada. - agradeceu Fabiana, bebendo mais um quarto do chá da chávena florida. Depois deu uma dentada razoável na bolacha, saboreando-a. - É muito boa! É de aveia?

- Sim. - confirmou a avó. Vou pôr-te umas dez na caixinha, para se tiveres fome.

- Tantas? - espantou-se a neta.

⁶ Limonete: planta para infusão.

- Claro! Vais fazer uma hora, quase duas de viagem! Se te sobrar, podes dar aos teus pais e ao Carlos. Coitados, a Maria e o Miguel trabalham tanto... Ela saiu à mãe. Tenho muito orgulho nela: ensinou muitas pessoas a comer bem e cuida de dois filhos extraordinários como ela. - frisou a avó Filipa.

- Fabiana, promete-me que vais ter cuidado na viagem. - pediu o avô Martim. - Sei que não tens ninguém que te leve, mas promete-me que vais de capacete, joelheiras, cotoveleiras, caneleiras e luvas, que vais pela ciclovía sempre que haja e que quando não houver que vais pelo passeio ou bela beira da estrada, sempre na direção oposta aos carros para eles te verem bem, que respeitarás os sinais e as regras de trânsito e que não aceitarás nada de estranhos e terás muito cuidado com tudo. Pode ser?

- Sim. - garantiu ela seriamente. - Prometo.

Depois de acabar o seu chá, Fabiana foi-se preparar e buscar a bicicleta da avó. Conseguia andar nela bem. Colocou a mochila às costas e guardou lá dentro a água e as bolachinhas da avó.

- Leva o meu telemóvel para ligar se precisares. - propôs a avó, tirando-o do bolso e estendendo-o à neta.

- Então e tu? - perguntou ela.

- Depois mandas-mo por correio. - explicou a avó Filipa.

- OK. - assentiu Fabiana, dando um abraço aos avós. - Os meus pais dizem querer vir cá no próximo fim de semana. Até lá!

- Até lá, então! - disseram os avós. Acompanharam a neta até à porta. Quando lá chegaram, Fabiana deu um abraço a cada um e saiu de bicicleta, deixando os avós a olhar para ela até virar a esquina.

Com algum receio, Fabiana seguiu a estrada que os pais usavam para regressar a casa depois de uma mágica visita aos avós. Passou retas, curvas e cruzamentos, entregando cega-

mente aquela tarefa à sua magnífica memória, seguindo o caminho por intuição, sem pensar. Sozinha, sem apoio, apenas com o telefone da avó, o touch mais antigo que ainda fabricavam. Sinceramente, não tinha prática com telefones antigos, e a baixa resolução do ecrã fazia-lhe dores de cabeça. Nem sequer era IPS! Estava habituada a material de qualidade, como o seu telefone extraordinariamente bom, apesar de não ser de última geração.

Pedalou com muita calma, para não se cansar, e abrandou um pouco para olhar para o relógio prateado. Já tinha feito meia hora de viagem. Decidiu parar na estação de serviço seguinte para fazer uma pausa. Quando lá chegou, uns minutos depois, estacionou a bicicleta encostando-a a um poste de luz. Como o seu cadeado estava na escola, a proteger a sua bicicleta azul, Fabiana decidiu tirar o aloquete que pusera a trancar a mochila que levava para a visita de estudo e colocou-o a prender os dois cabos dos travões um ao outro em volta do poste, impedindo assim que esta fosse tirada de lá.

Entrou na estação de serviço, sentindo muitos olhares das pessoas lá presentes focados em si. Devia ser estranho ver uma rapariga com capacete, cotoveleiras, joelheiras e caneleiras entrar numa estação de serviço a meio de uma estrada sem passeio nem ciclovia, no meio do nada. Fabiana estava certa de que a estrada não passava ao lado de outra coisa sem ser mato pelo menos nos quatro quilómetros que se seguiam.

Colocou-se na fila da loja, insegura. Não se sentia confortável completamente sozinha e longe de tudo e todos que conhecia no meio de uma fila de estranhos. Mas conseguiu arranjar coragem para o fazer. Quando chegou a sua vez, pediu à vendedora, apontando para uma prateleira.

- Bom dia! Não tem por acaso um chocolate daqueles?

A vendedora olhou-a de lado, desconfiada.

- Sim, menina. São trinta cêntimos.

- Obrigada! - agradeceu Fabiana, deixando o dinheiro em cima da bancada e pegando no chocolate enquanto virava para trás e se dirigia a passo acelerado para a porta. Saiu e sentou-se numa mesa de madeira lá existente no meio de muitas outras, algumas com famílias já a lanchar ou ainda a almoçar, ou apenas a petiscar qualquer coisa para aliviar a fome de uma longa viagem. Fabiana pegou no seu chocolate e comeu-o com calma. Depois provou duas das bolachas da avó e bebeu uns goles de água, antes de voltar a pegar na bicicleta para se fazer à estrada.

Continuou então a sua viagem solitária. Gostava de andar de bicicleta, mas acompanhado tinha mais piada. Imaginava-se a fazer tudo aquilo com os seus amigos, Filipe e Joana, e como se divertiria. Mas isso era apenas um pensamento que Fabiana teve de pôr de parte para prestar atenção aos carros e ao caminho.

Passou uma grande reta ventosa, até chegar a um desvio. Mas continuou em frente. Começou a entrar numa cidade que ficava no caminho, chegando a uma rotunda cheia de relva verde e flores coloridas e bem cuidadas, após um caminho com muitas curvas e desvios.

Já na cidade, passou por um carro vermelho, de um modelo muito caro. O vidro abriu-se e, quando já ia pouco mais de um metro à frente dele, Fabiana ouviu alguém chamar.

- Ei, menina!

Continuou a andar, assustada. Mas o carro seguiu-a. Percebeu que tinha de lhe responder se queria continuar o seu trajeto sossegada. Abrandou a bicicleta e virou-se para ele, depois de tirar da mochila que levara os óculos de sol e de os colocar, para não a verem tão bem.

- Queres boleia? - perguntou a senhora do carro, num tom simpático forçado. Apesar disso, Fabiana sentiu que a sen-

hora parecia sempre antipática, por muito esforço que fizesse para o esconder.

- Não, obrigada, eu moro a uns metros daqui. - mentiu Fabiana, para se safar, apontando para um caminho diferente daquele que deveria seguir e alterando o tom de voz para mais agudo.

- Mas eu levo-te a ti e à bicicleta. - insistiu a senhora. - Anda lá!

Fabiana estava ensinada a nunca, fosse em que circunstâncias fosse, aceitar seja o que fosse de estranhos e desconhecidos. Não iria ceder, não importava quantas desculpas tivesse de dar.

- Muito obrigada, mas não. Estou muito dentro do tempo que a minha mãe me deu para chegar da escola. Hoje tenho tarde livre, ela deixa-me chegar mais tarde. Mas estou quase uma hora e um quartos dentro do tempo e se eu chegar muito cedo a minha mãe vai ficar muito preocupada. Ela preocupa-se desnecessariamente por muitas coisas, não preciso de lhe dar mais razões, no seu entender. Se eu for de bicicleta sempre não chego tão cedo. Ela sabe sempre, porque está desempregada, coitada, e então está sempre em casa. Mas obrigada. Xau! - inventou Fabiana. Tentou sempre parecer mais nova do que aquilo que realmente era, para não ser tão estranho contar a vida toda a um perfeito desconhecido. A senhora podia desconfiar que fosse mentira. Saiu dali o mais depressa que pôde, seguindo o caminho que indicara à senhora, para a despistar, mas ficando sempre atenta ao seu carro vermelho. Ela seguiu uma direção diferente, e Fabiana não a voltou a ver nos dez minutos seguintes. Aí voltou para o seu caminho seguindo aquele onde ia até um desvio que dava para lá. Continuou com os óculos de sol, para prevenir, e acelerou para ter a certeza de que não voltava a ver a senhora enquanto andasse na estrada naquela viagem.

Já só estava a meia hora de casa, tendo já feito uma hora de viagem. Continuou a andar, mais ao menos a quinze quilómetros por hora na sua bicicleta. Já estava cansada. Quando chegou a uma pequena vila onde já se viam pessoas a pé, subiu para um passeio e decidiu parar por um pouco para comer mais uma das bolachas da avó. Tirou os óculos de sol para estar mais à vontade, mas, passados uns segundos, ouviu alguém gritar o seu nome.

- É a Fabiana! Uma das participantes dos "Threenagers"! Eu li na Internet e ela é dos mais novos de entre aqueles que escrevem músicas sozinhos ou em grupos! Olá! - gritou a pessoa, acenando, que Fabiana descobriu que era um adolescente uns três anos mais velho do que ela que gritava do outro lado da rua. O rapaz atravessou a estrada, parecendo um pouco inseguro. Fabiana corou, sem saber onde se meter ou o que fazer. Simplesmente ficou parada, até o rapaz ficar apenas a meio metro dela.

- Olá! Eu sou o Francesco!... Francisco! Peço desculpa. Sou um fã teu! Autografas-me esta foto que mandei imprimir naquela loja? Ando sempre com um álbum de fotos dos meus ídolos, caso os encontre por aí. Pois, eu sei que é estúpido, mas desde que um dos meus escritores preferidos foi à minha escola primária para fazer uma surpresa aos alunos e eu não tinha nada para ele assinar, convenci-me de que esta era a melhor ideia. E olha, agora está a ser útil! Desculpa, eu sou um tagarela... - disse ele, enquanto deslizava a mochila vermelha das costas para o chão e vasculhava à procura do álbum e de uma caneta, tirando-os e fechando a mochila pouco tempo depois, e sacudindo o cabelo castanho, comprido e ondulado ao levantar-se. Depois passou-lhe a caneta azul e a fotografia que tirara do álbum para a mão. Fabiana sentiu-se tremer. Pensou: "é apenas um fã", assinando a parte de trás da fotografia. A sua assinatura que dava aos fãs dos seus feitos, nomeadamente

da banda, era diferente da sua rubrica pessoal, que dava nos testes e exames da escola e nos documentos de identificação pessoal, como o cartão de cidadão. Entregou-lhe a fotografia, e ele pareceu ligeiramente espantado.

- Não podes assinar? - perguntou o rapaz.

- Sim, eu assinei. - frisou Fabiana, virando a fotografia nas mãos do fã.

- Ah, peço desculpa. É que todas as outras celebridades assinam na parte da frente das fotos.

- Também queres que assine à frente?

- Se quiseres. Fico sempre com uma à tua maneira.

Fabiana pegou novamente na fotografia e assinou-a no canto inferior direito, na diagonal.

- Muito obrigado. - agradeceu o rapaz, voltando a receber a foto e a caneta, arrumando-as na mochila antes de a fechar e de a voltar a meter às costas com um leve impulso.

- De nada. - disse Fabiana. Por muito assustada e repugnada que estivesse, era sempre muito simpática, bem educada, justa e prestável para toda a gente, e nunca desejava mal a seja quem fosse. Tinha orgulho em ser assim, nesse e em muitos mais aspetos.

Continuou o seu caminho de volta a casa, um pouco atrapalhada, pois nunca ninguém tinha parado na rua para lhe pedir um autógrafo, e decidiu passar na pastelaria da sua terra para comprar um maminho ao irmão. Levou um folhado de maçã para si e um croissant au chocolat para o irmão no cesto de metal branco da sua bicicleta, pois não queria que eles chegassem amassados por andarem na mochila aos trambolhões.

Chegou a casa por volta das três e quarenta e cinco, mais ao menos como previra. Quis tirar uma foto da sua figura quando chegou a casa com o telemóvel, para enviar à avó. Decidiu que a primeira coisa que faria seria ligar aos avós e aos

amigos a informar que já estava em casa. Depois ligaria aos pais a explicar o sucedido. Colocou o seu telemóvel a carregar e procurou no da avó o número do telefone fixo da sua casa em Aveiro. Passados uns segundos desde que ligou, a avó atendeu.

- Sim?

- Olá, avó! É a Fabiana! - exclamou ela, num tom que expressava contentamento.

- Netinha! Graças a Deus! Já estás em casa? - perguntou a avó.

- Sim, cheguei agora. Pensei que seria melhor ligar-te para ficares descansada. Vou ligar também aos meus amigos a dizer que já estou em casa e depois aos meus pais para explicar o que aconteceu.

- Acho bem, Fabiana. Vai lá, então, que eu digo ao avô.

- Está bem, avó, muito obrigada.

- De nada! Xau, até à próxima!

- Até logo! - despediu-se ela, desligando a chamada. Depois pegou no seu telefone e, sem o tirar do carregador, fez uma video chamada de grupo com Joana e Filipe.

- Olá! - disse ela, depois de eles atenderem os dois em menos de três segundos.

- Olá! Estás bem? - questionou Joana, aflita.

- Sim, não te preocupes, já estou em casa.

- Ainda bem! - exclamou ela.

- Hey! Nós também! Estamos cada um na sua, acho. - informou Filipe.

- Eu não, por acaso estou no intervalo da minha aula extracurricular de ténis. - corrigiu Joana.

- Eu já fui ao basketball e já voltei. - disse Filipe.

- A sério? Eu pedi à minha mãe que me inscrevesse no badminton este ano! Fui ontem. - disse Fabiana.

- A sério, Fabiana, já não tinhas atividades suficientes? - perguntou Joana, com uma cara que queria dizer "a sério".

- Ya... acontece que esse é um dos meus defeitos, não consigo evitar nem perder uma oportunidade para aprender seja o que for... - desculpou-se a rapariga, envergonhada.

- Já agora, pedimos desculpa por não termos dado pela tua falta. Distraímo-nos... - pediu Filipe.

- Ele agarrou-me e levou-me para a lua com ele, desculpa. - disse Joana.

- Deixem lá... Já me aconteceu tantas vezes noutras situações... Quando me distraio também consigo abandonar a Terra... Desde que tenham mais cuidado quando se tratar de pessoas.

- OK. - garantiram ambos em unísono.

- Enfim... já explicaste o incidente aos teus pais? - perguntou Joana.

- Vou dizer agora. Então até logo! - informou Fabiana.

- Até logo! - despediu-se Filipe.

- Até amanhã! - exclamou Joana. Fabiana desligou a chamada e ligou para os pais, numa chamada de voz em grupo. A mãe foi a primeira a atender.

- Sim? Fala a Maria Mafalda Silva Carvalho, chefe do restauran...

- Mãe, sou eu! A Fabiana! - interrompeu a rapariga.

- Filha?! Porque é que estás a ligar? Estou em trabalho! É muito urgente? - quis saber a mãe.

- Agora que está resolvido, não. - esclareceu ela.

- Resolvido o quê? - questionou a mãe rigidamente. Mas depois pensou melhor, resistindo à curiosidade e preocupação. - Mas se está resolvido, falamos depois. Contas-me à noite, antes de ir dormir, pode ser? Agora estou ocupada, estou a preparar a cozinha para quando as pessoas vierem jantar. Até logo.

A mãe desligou a chamada, sem deixar que a filha dissesse mais uma única palavra. Nesse momento, o pai entrou na chamada.

- Filha? Que se passa?

- Olá, pai! Queria contar-te o que me aconteceu hoje. Mas tem calma, já estou em casa.

- OK... Agora conta.

Fabiana contou a história, tintim por tintim, com todos os pormenores e tudo o que se tinha passado.

- Porque é que não nos chamaste? - quis saber o pai.

- Sabia que a mãe não podia vir e que tu estavas muito longe. E não vos queria desarranjar...

- Mas quando é assim tens de pedir que te venham buscar! Se for mais de duas horas de bicicleta, para a próxima tens de chamar.

- OK, pai.

- E promete-me que para a próxima que fijas à organização pré definida avisa as pessoas que vão contigo que vais com elas, por favor. Sei que não gostas de dar nas vistas, mas isto é uma questão de segurança.

- Sim, pai. - garantiu Fabiana. - Agora vou comer e estudar os instrumentos. Até logo!

- Até logo e bom estudo! - exclamou o pai, desligando a chamada. Fabiana também desligou. Pousou o telemóvel a carregar e foi arrumar o que trouxera na bicicleta que já tinha estacionado na garagem: arrumou a mochila que levava na visita, preparando-a para o dia seguinte e pousou os doces na mesa da sala de jantar. Como tinha sido a visita de estudo, não levava trabalhos de casa. Então escreveu uma carta a avó e colocou-a num envelope, junto com o telemóvel que ela lhe emprestara, para levar aos correios antes de ir buscar o Carlos à escola. Na carta, com caneta preta, escreveu:

14 de Abril

Albergaria-a-Velha

Olá, avó!

Como já sabes, cheguei a casa segura e não me aconteceu nada que me prejudicasse, mas tive algumas aventuras pelo caminho!

Parei na estação de serviço e comprei um chocolatinho para a viagem, com o objetivo de me fornecer energia (e vontade) para a continuar. Provei as tuas bolachas de aveia (eram muito boas) e bebi um bocadinho de água. Depois continuei, e a meio do caminho, houve uma senhora que me ofereceu boleia. Dei cinquenta desculpas para recusar: disse que vivia a uns metros de lá (era aldrabice) e que ainda estava muito adiantada em relação à hora limite dada pela minha mãe. Disse também que ela era uma stressada e que se preocupava com tudo, por isso que tinha de chegar mais ao menos à hora, e que de bicicleta demorava mais. Isto depois de meter os óculos de sol antes de lhe responder com uma voz alterada para o agudo (não queria que visse bem a minha cara nem que soubesse como era a minha verdadeira voz). Eu nunca minto, mas foi uma manobra de autoproteção. Eu nunca me meteria de livre vontade dentro do carro de um desconhecido com ele ao volante.

Depois apareceu-me um caramelo que me pediu um autógrafo. Não gostei nada do cabelo dele, estava comprido quase tanto como o meu. Dei-lhe o autógrafo, mesmo depois de ele gritar o meu nome e a minha identificação à frente de toda a gente que estava naquela rua.

Enfim. Foi uma aventura. Espero que também tenhas passado bem. Comprei uns docinhos ao Carlos, para quando ele chegasse da escola. Quando leres isto já o devo ter ido buscar, logo depois de passar nos correios para enviar esta carta. Depois conto-te quaisquer outros pormenores que tenhas interesse em saber, quando aí for.

Está aqui no envelope o teu telemóvel. A bicicleta e as proteções levo-tas quando aí for. Muito obrigada por tudo. Adoro-vos!

Beijinhos,
Fabiana

P.S.: Envio aqui uma fotografia que tirei quando cheguei a casa, antes de entrar na garagem, para veres o quanto cansada estava. O calor que eu tinha era tanto que tive de arregaçar as mangas da camisola e de amarrar o cabelo!

Imprimi-a a preto e branco porque a minha mãe precisa do tinteiro a cores para fazer os menus do seu restaurante e prefere que eu só o gaste para os trabalhos da escola quando é necessário.

Depois de enfiar a carta e o telemóvel da avó no envelope, fechou-o com fita cola de dupla face. De seguida, olhou para o relógio: já eram quatro e quarenta da tarde. Decidiu ir tomar um banho e comer qualquer coisa, antes de preparar a sua mochila pequena e a bicicleta com os capacetes para ir buscar o irmão à escola.

Por volta das cinco horas e cinco minutos saiu de casa. Já aprendera a ter mais cuidado no caminho, e desta vez preferiu fazer o irmão esperar cinco minutos do que se estate-lar no chão e ainda ter de o deixar à espera novamente. Percebeu que a única solução era sair a horas de casa e melhorar a sua pontualidade. Seguiu caminho com muita calma, o que fez com que a viagem demorasse vinte minutos em vez de dez ou quinze. Decidiu ir mais devagar e com mais cuidado, pois estava cansada da viagem que fizera de Aveiro até casa.

Ainda conseguiu chegar uns minutos adiantada em relação ao toque de saída. Os alunos de primeiro ciclo saíram da escola a correr, para irem para casa com os seus familiares ou amigos, que os esperavam do outro lado do portão. O Carlos nem era dos primeiros, nem era dos últimos. Saía apenas entre um e dois minutos depois da campainha tocar.

Mas, daquela vez, passaram um, dois, três, quatro minutos, e Fabiana ficou quase sozinha à espera do irmão. Passados seis minutos da hora, decidiu ir ver o que se passava.

- Boa tarde. - disse ela para a porteira. - O meu irmão ainda não saiu, e ele não se costuma atrasar. Posso ir ver o que se passa?

- O Carlos? Sim, vai lá. - respondeu a funcionária, num tom simpático.

- Muito obrigada! - agradeceu a rapariga, correndo para dentro dos portões. Todos sabiam que ela conhecia a escola, pois em tempos já lá andara. Por isso deixava-na entrar lá sozinha e andar por onde precisasse, sem ninguém a conduzir a

lado nenhum. Afinal, ser ex-aluna de uma escola trazia vantagens.

Entrou pela porta e subiu as escadas até chegar à sala onde o seu irmão costumava ter aulas. Mas quando tentou abrir a porta, reparou que esta estava trancada. Olhou à sua volta, e qual foi a sua felicidade ao ver o Carlos em pé ao lado de uma porta aberta. Correu na sua direção e deu-lhe um abraço.

- Carlos, estás aqui! Porque é que ainda não saíste? - quis saber a irmã. O Carlos começou a chorar.

- Eu deixei o meu casaco lá fora no intervalo e quando pedi ao professor para o ir lá buscar ele sugeriu que fosse no intervalo seguinte. Quando a aula acabou, eu fui lá buscá-lo mas ele não estava lá!

A Fabiana largou o irmão, olhando para ele com carinho.

- Tem calma, é só um casaco. Ninguém o quer, ele deve estar aqui.

p o r
-



sosegou-o ela. O Carlos pareceu ficar um pouco mais calmo.

- A dona Margarida está-me ajudar a procurar nos Perdidos e Achados. Diz que é para essa sala que o pessoal da escola leva as coisas cujo dono é desconhecido.

- É esta sala? - perguntou Fabiana, espreitando para dentro da porta aberta. Lá estava uma funcionária a vasculhar num caixote de cartão etiquetado de "Casacos", no meio de muitos outros caixotes com diversos tipos de coisas lá guardadas.

- O teu casaco era verde? - perguntou a funcionária, dona Margarida.

- Sim. - assentiu Carlos, já mais calmo, limpando as lágrimas com a manga do polo verde claro que trazia vestido.

- É este? - perguntou a dona Margarida, mostrando um casaco de fato treino azul escuro sem carapuço.

- Não. - respondeu tristemente o rapaz.

- O dele tem um carapuço atrás e é de uma cor mais clara. Quer que a ajude a procurar? - ofereceu-se Fabiana.

- Sim, obrigada. - agradeceu a funcionária.

As duas procuraram o casaco de Carlos, mostrando algumas opções ao rapaz, às quais ele negava a posse. Passados mais uns cinco ou seis minutos, Fabiana pegou num casaco.

- É este! Não é, Carlos? - perguntou, mostrando a peça ao irmão.

- É! É esse! - confirmou ele, com um sorriso. - Obrigada!

- Podemos levá-lo? - perguntou a Fabiana à funcionária.

- Sim. Não há aqui mais nenhum igual. Algum funcionário deve tê-lo trazido para aqui.

- Obrigado, dona Margarida! - agradeceu Carlos.

- De nada, até à próxima!

- Xau! - gritou o rapaz. - Até amanhã!

- Até logo! - exclamou Fabiana, levando o irmão pela mão até ao portão.

Quando lá chegou, colocou-lhe o capacete que costumava trazer para o Carlos e ele sentou-se na parte de trás da bicicleta. Fabiana conduziu-a até casa, com muita calma e cuidado como quando viera.

Chegaram a casa depois de mais vinte minutos viagem, por volta das cinco e cinquenta da tarde. Lavaram as mãos e tiraram os casacos e os sapatos, e, como era habitual, o Carlos colocou a mochila no chão, encostada à sua secretária. Tirou os livros e começou a fazer os trabalhos de casa, enquanto a irmã foi fazer o jantar. Se alguém estivesse em casa quando chegaram, já teriam ouvido um raspanete por chegarem a casa mais tarde do que o normal. Talvez o Carlos tivesse receio de que a mãe ralhasse se ele chegasse a casa sem o casaco, pois apesar de muitos divertidos, os seus pais eram também muito exigentes em termos de comportamento e empenho. Fabiana pensou que isso pudesse ser uma das razões que explicava o desespero do irmão quando pensou que perdera o casaco.

Antes de comerem, ela chamou o irmão para pôr a mesa, enquanto ela pousava tachos e panelas com a comida na mesa. Depois, por volta das sete da tarde, Fabiana e Carlos foram jantar. Ela serviu a sopa que fizera, colocando duas conchas de sopa em cada uma das duas tigelas que o irmão pusera para os dois comerem. Comeram em silêncio durante algum tempo, até o Carlos o quebrar.

- Mana, hoje não tiveste uma visita de estudo na escola?

- Sim, ainda tenho de contar tudo à mãe. - disse Fabiana.

- Tudo o quê? - perguntou o Carlos.

- Pois... acontece que me deixaram para trás na viagem de volta e eu tive de ir a casa da avó buscar a bicicleta para fazer uma hora e meia de viagem até cá.

- Não tens amigos?

- Sim, tenho. Eu fui no autocarro de oitavo ano em vez de ir no de nono para ter boa companhia na viagem.

- E eles esqueceram-se de ti?! Grandes amigos que eles são! - retorquiu Carlos. Fabiana encolheu os ombros.

- Eles disseram-me que se esqueceram de que eu devia lá estar, distraíram-se e deixaram o autocarro ir.

- Pois, pois. Ter amigos que se esquecem de ti, mais vale ir com os colegas de turma.

- Pára!

- Eu se fosse a ti tentava "repetir" a situação, para ver se eles realmente mudaram.

- Hã?

- Na visita de estudo seguinte, fazes igual ao que aconteceu hoje, a ver se eles pedem para o autocarro esperar. Mas convém ser num sítio mais perto de casa, pois mesmo que tentes não ficar para trás corres o risco de isso acontecer ou porque o autocarro parte mais cedo, ou porque te atrasas,...

- Não importa o quê. - resmungou Fabiana, revirando os olhos. Mas mesmo assim pensou no assunto, apesar de confiar nos seus amigos mais do que qualquer colega da escola. Apesar de tudo, ainda confiava mais no irmão, que conhecia desde que ele nascera. Sabia todo o seu percurso até à idade que tinha e tudo o que já tinha feito, de mau e de bom.

- Amanhã tens Educação Física? - quis saber Carlos.

- Sim, porquê?

- Porque o meu professores de Educação Física vai levar-nos à vossa escola para usufruirmos do pavilhão, uma vez que algumas das turmas que o usariam amanhã vão a uma visita de estudo.

- E a que horas vais?

- Vamos a pé no intervalo para ter a aula às dez da manhã. Depois vamos fixarmo-nos numa sala para não termos de voltar para a escola e para vermos os vossos laboratórios e

salas de desenho, que são muito mais avançadas e diferentes das nossas. Vamos ter as disciplinas normais (tipo amanhã só o Português e o teste de Matemática que vai ser na minha escola) na A34, acho eu. Tenho aqui um recado para a mãe assinar quando chegar a dizer que é para nos irem buscar à vossa escola. Talvez nos encontremos.

- E porquê é que não vos levam logo lá?

- Ah, é que amanhã nós temos um teste de Matemática ao primeiro tempo...

- Já estudaste?

- Claro que sim! - disse Carlos, sem dar tempo a Fabiana para dizer mais uma palavra que fosse. - Estudei hoje e ontem nos intervalos e ainda estudei anteontem, ontem e hoje em casa. Estive a rever a matéria antes de me chamares para pôr a mesa. Ou achas que eu algum dia demoraria duas horas para fazer os trabalhos de casa?

- Sei lá. A matéria é de que disciplina?

- Amanhã é teste de Matemática e o trabalho de casa também é da mesma disciplina.

- Então foi uma maneira de estudares.

- Claro! - exclamou Carlos. Depois calaram-se os dois por um bocado, enquanto Fabiana serviu o jantar. Quando ela se sentou para começar a comer, Carlos falou de novo. - Estou muito excitado e ansioso por amanhã!

- Porquê? - perguntou ela. - Por causa da ida à minha escola?

- Sim! Eu quero muito ver os vossos laboratórios...

- Temos aqui um jovem cientista!

- Não sei... Não sei mesmo o que quero ser. Mesmo que tenha uma ideia, quando me perguntam não digo nada porque nunca tive a certeza e não quero induzir as pessoas em erro.

- Na tua idade normalmente os alunos dizem uma coisa, mas passado uns anos já querem outra completamente difer-

ente. Faz parte da infância. Por isso não te preocupes. Quem se vai ter que decidir sou eu...

- Porquê? Ainda falta para ires para a universidade.

- Para o ano já tenho de escolher a área e este ano já passou do meio do segundo período.

- Não te preocupes, alguém te há-de ajudar.

- Obrigada. - agradeceu ela. Gostava do apoio emocional do irmão, mesmo que ele, por ser mais novo, não entendesse bem o assunto.

Depois de jantar, Fabiana arrumou a cozinha, enquanto o Carlos preparou o jogo de tabuleiro que jogariam juntos quando ela acabasse. Por volta das nove horas, os dois arrumaram-no (depois da Fabiana ter levado uma abada do irmão de dez anos, que fizera dez em Maio) e ele foi tomar banho e lavar os dentes para dormir. Antes de se ir deitar, chamou a irmã na sua voz fofa e inocente.

- Fabiana?

- O que foi? - perguntou ela.

- Podes mostrar à mamã o recado do professor?

- Sim, eu sempre vou ter de falar com ela, está descansado.

- Está bem, obrigado. Até amanhã!

- Vá, dorme bem. Beijinhos.

Carlos foi para o seu quarto dormir, enquanto a irmã ficou na sala a escrever uma música para os Threnagers, para fazer tempo até a mãe chegar. Quando a acabou, decidiu deixar a letra para o dia seguinte e ir tomar banho e lavar os dentes. Depois sentou-se no sofá a ver televisão, com o som quase no mínimo, até que de repente, por volta da meia noite e dez minutos, a porta de entrada se abriu.

- Mãe! - disse ela, mais baixo do que o habitual para não acordar o irmão, que já dormia.

- Olá, Fabiana. - cumprimentou a mãe, dirigindo-se ao escritório e pousando as malas encostadas à sua secretária. - En tão, contas-me aquilo que se passou hoje?

- Sim. - assentiu ela, desligando a televisão.

As duas sentaram-se no sofá enquanto Fabiana repetiu a história, contando todos os pormenores do que tinha acontecido, incluindo a opinião do pai e a sua suposição relativa à causa do incidente.

- Agiste muito bem em todas as situações, filha, estou muito contente contigo. Mas, apesar disso, tu devias ter avisado os professores acompanhantes do autocarro de oitavo ano antes de te meteres lá sem ninguém saber. Concordo plenamente com o teu pai no que ele te disse e acho que a causa do problema foi mesmo o facto de não teres avisado o professor de oitavo para contar contigo. Mas pronto, tudo se resolveu. Tenta não repetir a experiência, por favor. - pediu a mãe.

- Sim. - assentiu Fabiana. Depois explicou o imprevisto que causou o atraso significativo da chegada do irmão ao portão da escola e deu o recado dele a assinar à mãe. - Ele pediu-me que te desse a assinar. Tem de o levar amanhã.

- OK. - disse a mãe Maria, pegando na caneta que a filha fora buscar e lhe estendia e assinou o papel. - Pronto, coloca isto na mochila dele para ele não se esquecer. Ele tem teste amanhã, viste se ele estudou?

- Sim, o Carlos disse que sim. - confirmou Fabiana.

- OK, obrigada. Agora vai dormir.

- O pai?

- Foi jantar com os colegas ao restaurante, deve estar a chegar. Eles queriam celebrar o sucesso que a nova ideia da empresa teve.

- OK. Até amanhã, então.

- Até amanhã.

Fabiana foi para o seu quarto dormir como o irmão. Estava tão cansada que adormeceu mal se deitou, e que dormiu aterrada como uma pedra, pois o cansaço era tanto que nem um camião a passar ao seu lado parecia conseguir acordá-la antes das oito da manhã.

Capítulo IX - Um Imprevisto De Alto

Fabiana acordou com o despertar do relógio. Esticou o braço para o desligar, passando-o bruscamente pela sua mesinha de cabeceira e tocando nos objetos, enquanto resmungava baixinho e sem articular bem as palavras, falando de si para si.

- Porcaria do barulhento do relógio que não se desliga... Eu preciso de descansar da viagem de ontem...

Mas, de repente, sentiu tocar em qualquer coisa com o braço e ouviu um estrondo, abrindo os olhos de repente com o susto. O livro que estava a ler encontrava-se no chão, com a lombada virada para cima e meio aberto. Fabiana levantou-se, pegou nele e voltou a colocá-lo na mesinha de cabeceira. Depois, já desperta, carregou no botão do despertador para o desligar, quando reparou que este dizia que eram oito horas e cinco minutos! Até deu um salto. Primeiro pensou que este tivesse avariado, mas depois olhou para o seu relógio, que dizia o mesmo. O despertador devia tocar às sete da manhã, pois para si a escola começava às oito e meia. Levantou-se rapidamente e vestiu qualquer coisa praticamente à sorte, só prestou atenção para não vestir peças de roupa de cores berrantes ou que não combinavam no (seu entender), como uma camisola às bolinhas e umas calças às riscas. Foi depressa à casa de banho, passou rapidamente o pente pelo cabelo e desceu as escadas para ir tomar o pequeno-almoço.

Não estava ninguém em casa. A mãe e o pai saíram por volta das sete da manhã, tendo levado o Carlos (que entrava às nove, ficava à espera ao portão) à escola. Às vezes era a Fabiana quem o levava, quando não dava jeito aos pais tratarem disso.

Dirigiu-se à cozinha para encher um copo de leite e barrar manteiga e doce de kumquat que a avó lhe dera numa das vezes que a foram visitar numa fatia de pão. Sentou-se à mesa da sala de jantar e comeu o seu pequeno-almoço improvisado num ápice, correndo depois para a casa de banho para lavar os dentes. Depois pegou na mochila que preparara no dia anterior, calçou-se e saiu a correr de casa. Colocou o capacete e saiu de casa.

Como não estava a chover, aproveitou e acelerou um pouco. Já eram oito e vinte e ainda tinha entre dez e vinte minutos de viagem, um pouco menos do que até à escola do irmão.

Conseguiu lá chegar apenas dois minutos atrasada, e, por sorte, chegou na hora certa: quando parou em frente à porta da sala, cansada da corrida que dera e com a respiração acelerada, o professor já estava a entrar na sala com os alunos, apesar de que alguns ainda se encontrassem fora da sala. Fabiana conseguiu entrar atrás do último aluno, antes que este fechasse a porta atrás de si. Quando entrou, em vez de ficarem todos a olhar para ela, uma vez que não estava lá fora com eles há cinco segundos, ninguém quis saber, pois raramente alguém reparava na sua presença.

No segundo tempo, Fabiana desceu as escadas até ao pavilhão, onde teria a sua aula de Educação física. Quando tocou para dentro, olhou em volta. Como lhe dissera, o irmão estava lá. Ao vê-la, acenou energicamente, com um sorriso de orelha a orelha. Mas ambas a turmas, a do irmão e a sua, olharam para ela e para o irmão como quem diz "Ele é maluco, aquele não bate.". Fabiana corou, tentando ignorar. Mas não precisou de fazer muito esforço, pois o professor chamou os alunos para irem ter com ele.

- Bom dia, alunos. - cumprimentou ele.

- Bom dia, professor! - disseram alguns alunos, incluindo Fabiana, claro.

- Hoje, como já devem ter reparado, vamos fazer escalada. - continuou o professor.

Alguns alunos sorriram de satisfação, outros entraram em pânico, ou porque tinham medo de alturas, ou porque estavam com receio de caírem ou de serem péssimos naquilo e baixarem a nota final.

- Então, já tenho aqui os equipamentos que estive a preparar no intervalo. Vocês vão colocar o arnês, e quem não conseguir que peça ajuda que eu estou aqui. Claro que eu vou verificar se o puseram bem, pois correm o risco de cair. Até agora, tudo entendido?

- Sim. - gritaram os alunos.

- Pronto. Depois, vão formar uma fila indiana por ordem alfabética, com pelo menos dois ou três metros de distância à parede de escalada e ao aluno que estiver a executar o exercício pedido por mim. Vocês vão ter de escolher uma pessoa forte para segurar a vossa corda. Não convém ser sempre a mesma, porque esta tarefa requer força e cansa muito. A pessoa, convém é ser mais forte e pesada do que vocês. Por isso, eu seguro àqueles alunos mais fortes e pesados, mas não posso segurar a toda a gente porque tenho de tirar apontamentos. A corda vai esta presa ao aluno que estiver a subir a parede. O outro aluno deve segurá-la para o caso de aquele que está a escalar se desequilibrar e largar a parede e assim, em vez de cair, esse aluno fica suspenso. Entendido? - explicou.

- Sim! - repetiram os alunos.

- Então, vamos começar. Números um a cinco vestem estes arneses aqui. - disse o professor Alexandre, apontando para um caixote de cartão com um monte de arneses, mosquetões e todo o tipo de equipamentos de escalada. - Estou ali a organizar o meu caderno. Se precisarem de ajuda, digam.

- Sim, professor. - disseram alguns alunos, enquanto o professor se dirigia para uma mesa de madeira encostada a uma das paredes do pavilhão, sentando-se numa cadeira situada atrás dela.

Fabiana recapitulou mentalmente os alunos dos respetivos números da turma para confirmar o seu.

1. Amália
2. Andreia
3. Beatriz
4. Bernardo
5. Cecília
6. Cláudia
7. Daniel
8. Elsa
9. Eulália
10. Fabiana
11. Filomena
12. ...

Estava certa: não se encontrava nos primeiros cinco, nem perto. Mas, como previra, estava nos segundos cinco números, logo, se fizessem por ordem alfabética e cinco de cada vez, teria de colocar o arnês e equipar-se para começar depois da Cecília. Às vezes ficava na dúvida se era o número dez ou o onze, por isso decidiu decorar os números dos primeiros doze alunos para ter sempre a certeza do seu.

Colocou-se na fila atrás da Eulália, enquanto via a triste figura da Beatriz ao tentar colocar o arnês. Teve de fazer um esforço para não se rir, mas ao mesmo tempo teve pena dela, sabia que ela era atada nesse tipo de coisas, ao contrário de si, que se atrapalhava toda quando tinha de falar com pessoas com as quais não tinha uma grande amizade ou com quem ad-

mirasse. Na auto-avaliação, dava sempre nota baixa a si própria no parâmetro das “Relações Interpessoais”.

Viu a Amália subir à corda, divertindo-se à grande e depois dela Andreia, que estava apavorada com a ideia de subir aquela parede que formava um ângulo reto de noventa graus com o chão. Fabiana, do chão, viu-a toda a tremer, da cabeça aos pés. O Lionel, seu “melhor amigo” (só ela própria dizia que eles eram apenas melhores amigos), que lhe segurava a corda, gritava do chão incentivos para ela continuar a subir e para confiar nele. Fabiana pensou que ela só subiu para não baixar a média a Educação Física, pois era uma das melhores alunas nessa disciplina.

Enquanto Andreia subia a parede, parecendo mais nervosa do que Carlos quando perdeu o casaco, Fabiana olhou para o irmão, que se encontrava do outro lado do pavilhão a dar Badminton. Este reparou, sorrindo-lhe. Mas, ao fazer isto, deixou escapar o volante que lhe passou rente à raqueta, tendo depois de ouvir o colega que jogava com ele a ralar.

Cada aluno levava imenso tempo para subir e descer a parede, sem falar naqueles que tinham medo de alturas, que, contado no relógio ao minuto por Fabiana, chegavam a precisar de dez a vinte minutos, apesar de a maior parte deles estar mais próximo dos quinze minutos.

Chegou a uma altura, na vez do Bernardo, que Fabiana teve de se sentar, pois já estava com as pernas cansadas de estar tanto tempo seguido de pé e parada. Por outro lado, queria ter a certeza de que, quando chegasse a sua vez, estaria apta a subir a parede como deve de ser. Seria uma experiência fixe, que não se importava mesmo nada de experimentar.

Passado aquilo que lhe pareceram ser horas (foram mais ao menos uns doze minutos), chegou a sua vez de se equipar.

Antes da Cecília acabar de descer a parede de escalada, o professor Alexandre pediu aos cinco alunos anteriores que

tirassem os arneses e aos próximos quatro alunos que os colocassem. Como era a última daquele grupo, só teve o arnês quando a Cecília acabou. Colocou-o com alguma facilidade e rapidez, pois quando ia às feiras e festas costumava participar sempre em atrações tipo aborismo. Apesar disso, ainda teve de esperar mais trinta e seis minutos pela sua vez. Só a Cláudia demorou dezasseis minutos a subir e a descer. Disse ao professor que não gostava daquilo e que não queria tentar. Mas depois ele começou com as suas conversas de persuasão, dizendo que aquela modalidade tinha um peso razoável na nota, e que o segundo período contava mais para a média do final do ano, e que a média de Educação Física passara a contar para entrar na Universidade (o que teve um grande peso na consciência da Elsa, uma vez que ela queria muito seguir medicina e trabalhava muito para isso), o que fez com que conseguisse convencer a pobre da rapariga a subir. Fabiana teve pena dela. O Daniel demorou apenas cinco minutos e a Eulália demorou seis. Eram ambos muito bons naquela área. A Cláudia também tinha algum medo das alturas, mas começou a subir e o facto de escorregar e ficar pendurada só na corda que a Laura (que gostava de ir ao ginásio e segurou a corda à maior parte das raparigas) lhe segurava fê-la perceber que aquilo era o pior que lhe podia acontecer com a Laura a segurar-lhe a corda (e não era assim tão desconfortável como isso estar-se pendurado).

Finalmente chegou a vez da Fabiana. A Cecília (também mais bem constituída do que a maioria das raparigas) segurou-lhe a corda.

Começou a subir a parede com coragem e determinação e, quando a distância ao chão começou a aumentar, em vez de se assustar e parar ali, ficou ainda mais excitada e divertida, pois o desafio ficara maior (e mais emocionante) e porque pensava sempre positivo, como a Cláudia aprendera a pensar.

Subiu a parede toda, divertida, e fazendo algum esforço em certas partes em que se sentiu mais atrapalhada. Depois começou a descer, o que achou mais difícil, uma vez que não via bem onde punha as mãos, e sobretudo os pés. Atrapalhou-se mais a descer do que a subir.

Enquanto descia, a Júlia, a miúda que Fabiana não suportava, apesar de não o mostrar à turma (apenas dissera aos pais e a alguns professores), foi ter com a Beatriz e abanou-a. Esta apanhou um susto, mandando um grito agudo e largando a corda. Fabiana ouviu-a gritar e não resistiu a olhar para trás e ver o que se tinha passado. Com o movimento brusco, a sua mão transpirada deslizou e ela agarrou-se à corda como um reflexo involuntário de auto-proteção. Laura reparou no que estava a acontecer e correu para a corda, tentando apanhá-la o mais depressa possível. Mas Fabiana já tinha agarrado a corda e a outra ponta começou a subir, enquanto ela descia rapidamente. Tentou aterrar da forma mais calma possível, esticando as pernas para tentar amortecer a queda. Conseguiu, por um lado, mas ainda tinha caído de uns dois metros e tal, e isso fez com que, depois de amortecer a queda quando chegou ao chão e por vir com demasiada energia cinética, caísse ao chão.

Quando reparou, estava deitada meia de lado no chão de madeira do pavilhão, com uma multidão de alunos à sua volta. Levantou-se devagar, mas, de repente, sentiu uma dor no fundo das costas que a fez voltar a sentar-se. Evitou gritar, apenas fez uma expressão que deu a entender que alguma coisa não estava bem. Tentou levantar-se novamente, mas desta vez com mais cuidado e dirigiu-se ao professor. Mas os alunos teimavam em ficar à sua frente, fazendo perguntas às quais Fabiana não estava interessada em dar resposta.

- Estás bem?
- Queres ajuda?
- Que aconteceu?

Mas o professor Alexandre antecipou-se e, tendo visto o que acontecera, correu para junto da aluna e perguntou:

- Estás bem? Magoaste-te?

- Um bocadinho. Posso ir pedir gelo à funcionária? - pediu ela, educadamente.

- Vai lá. Repetes isto mais tarde. Ah, e a Júlia vai ser suspensão, está claro que ela fez de propósito. Eu vou levá-la à direção. Espera! - gritou o professor, quando Fabiana já estava a uns metros de si. - Queres que vá alguém contigo?

- Desta turma não. Mas obrigada. - respondeu ela, continuando o seu caminho.

Foi pedir um saco de água congelada à dona Ester (a seu ver, a funcionária mais simpática e jovem da escola, davam-se muito bem) e voltou com ele nas costas e a coxear. Óbvio foi que o professor Alexandre recomendou que ela ficasse sentada a seu lado a descansar durante o resto da aula. Colocou-a a tirar algumas notas, para ele poder ajudar mais alunos segurando-lhes a corda, e prometeu que seria ele próprio a segurar-lha quando ela repetisse o exercício.

Mal tocou para fora, Fabiana foi buscar aos suas tralhas ao balneário. Não precisava de tomar banho, uma vez que participara apenas numa parte da aula, e só fez algum exercício por uns meros minutos, ao contrário dos outros alunos, que fizeram ainda algumas vezes a escalada, e, uma vez que eles começaram a fazer asneiras enquanto estavam à espera da sua vez, o professor colocou-os a correr para estarem entretidos, podendo apenas parar cinco minutos antes de repetirem a atividade principal. Por isso, saiu do balneário coletivo sem tomar banho, dez minutos antes do toque de saída.

Capítulo X – Ciúmes da Pintora

Foi a comer qualquer coisa pelo caminho até à sala A34, onde o irmão lhe dissera que estaria. Mas, para seu espanto, quando lá chegou viu um grupo de “novatos” do sétimo ano (as turmas com os elementos mais jovens da escola do terceiro ciclo e secundário onde andava) à porta da sala. Já tinha tocado para o intervalo e já deviam estar cá fora à espera da próxima aula.

- Olá! - cumprimentou-os Fabiana, nervosa. - Pensei que vinha para aqui uma turma de quinto ano da escola primária e secundária dali, só de visita.

- Pois, hoje vamos ter de mudar de sala no próximo tempo por causa de uns canalhos a virem ocupar. Fomos avisados pelo nosso DT⁷. - resmungou um dos rapazes que se encontrava lá.

- OK, obrigada. - agradeceu ela, educadamente, saindo dali enquanto pensava no assunto.

O irmão não especificara qual o bloco horário em que iria ter Português. Devia estar num dos laboratórios ou nas salas de desenho.

Desatou então a correr como uma maluca para chegar aos laboratórios que ficavam todos no piso menos quatro. Mas o irmão não estava lá. Com apenas cinco minutos, foi ao piso menos três ver as salas de desenho. Como ele não podia estar em mais lado nenhum, claro que estava sentado à porta de uma das salas de décimo ano, das mais profissionais. Parecia entusiasmado. Mal a viu, levantou-se de repente e correu para abraçá-la, pondo o resto dos alunos ali presentes espedados a olhar. Fabiana corou.

⁷ DT: abreviatura para Diretor(a) de Turma.

- Mana!!!! Vieste aqui só para me ver?! - exclamou ele, contente.

- Pois... - hesitou ela, tirando os braços do Carlos da sua volta. Ele ficou a olhar para ela, espantado.

- Que aconteceu? Tu adoras abra...

- Falamos mais tarde. - interrompeu Fabiana, chegando-se para a parede enquanto puxava o irmão para vir com ela. - Eu estou aqui para te contar o que aconteceu na minha aula, mas já só tenho dois minutos. Versão curta: uma colega minha fez alguma coisa a outra colega que me estava a segurar a corda e ela assustou-se e gritou. Eu virei-me para ver o que se passava e escorreguei, o que me fez cair. Como ninguém me estava a segurar a corda porque a minha colega a largou, eu vim parar ao chão. Agora estou a ficar com um hematoma no fundo das costas e não é agradável. A colega que fez asneira vai ser suspensa. Mas isso não me cura instantaneamente.

- OK... - disse o irmão. Nesse momento, tocou para entrar nas aulas.

- Desculpa, tenho de ir. - disse Fabiana, apressada. - Falamos mais tarde.

- OK, então... Não almoçamos juntos, eu hoje almoço ao meio dia e quarenta com a minha escola e hoje tu almoças à uma e meia da tarde, por isso,... Até logo! - disse Carlos, num tom de voz alto, acenando energicamente. Mas Fabiana já ia a uns metros de distância, correndo de mochila às costas para a sua sala de aula, na tentativa de chegar antes do professor Rúben, de Educação Visual, lembrando-se que também a sala da sua próxima aula era no piso menos três.

O professor pediu aos alunos que terminassem o trabalho anterior nos vinte minutos seguintes (o da Fabiana já estava terminado há duas aulas de noventa minutos atrás e o professor Rúben já lhe dera um novo trabalho para a ocupar, que ela tinha terminado na aula passada). Como já tinha terminado o

trabalho pedido há duas aulas e o trabalho extra que o professor lhe dera para a ocupar na aula passada, tirou do seu caderno que trazia sempre consigo e começou a desenhar.

Naquele momento, sentia-se inspirada. Desenhou-se a si e aos seus amigos numa pista de patinagem no gelo. Ela e Filipe de mãos dadas, e Joana um pouco mais atrás. Gostava muito de patinar, apesar de não ser tanto como de tocar música (acreditava ser a sua melhor paixão e a criação da banda das suas melhores decisões). Então patinar no gelo era diferente de quando patinava nas aulas. Gostava dos dois estilos.

O que ela não percebeu foi porque é que se lembrara de se desenhar com o Filipe e a Joana longe deles. Gostava muito da Joana e, se a experiência viesse a acontecer na realidade (ela gostaria muito, por isso gostar de desenhar esse tipo de coisas), gostaria de a ter a seu lado. Mesmo assim, decidiu seguir sua a ideia original.

Passado aquilo que lhe pareceram uns minutos (quando desenhava não tinha noção do tempo, sendo capaz de passar horas a desenhar sem se aperceber disso), o professor Rúben disse:

- Muito bem, alunos do 9^ºE, eu vou começar a chamar-vos por ordem alfabética para dar uma nota de zero a vinte a esses trabalhos. Não podem fazer mais alterações nesses. Agora, têm de escolher uma paisagem (de preferência natural) da escola enquanto eu vou avaliar os alunos. Depois disso, vão todos (sem exceção) fechar o vosso caderno da disciplina de Educação Visual e vão fazer, na tela de tecido que mandei trazer (para quem ainda não comprou e não sabe, a papelaria da escola vende), o desenho da paisagem escolhida. Claro que, antes, terão de me dizer qual a paisagem que vocês escolheram. Eu irei perguntar a cada um de vocês quando vos chamar para dar nota ao outro trabalho. Vou dar-vos um Feedback e umas dicas

e, quando todos os trabalhos tiverem nota, vão dirigir-se ao local para pintar a paisagem escolhida. Compreenderam todos?

- Sim. - responderam os alunos.

- Muito bem, então, Amália, és a primeira! - chamou ele.

Amália levantou-se sem dizer uma palavra, mas nem foi necessário para toda a turma (e o professor, claro) compreender que ela estava muito nervosa. Fabiana gostava da transparência sentimental das pessoas, e Amália, mesmo tentando evitar, era muito transparente, tal como ela.

Mas, ao contrário da colega, Fabiana não estava nada nervosa. Muito pelo contrário: estava contente e orgulhosa do seu trabalho. A sua pintura do passarinho, o animal que escolhera, ficara sensacional (Fabiana só dizia que um trabalho seu ficara bom quando este estava excelente). Correrá-lhe muito bem. Claro que levou um 19,6, só porque o professor não lhe quis dar o vinte, arranjando a desculpa de um "borrão de tinta na margem esquerda da folha" para se justificar. Óbvio que ela ficou um pouco revoltada, mas isso passou com a curiosidade e o entusiasmo de saber e superar qual o próximo desafio que lhe seria proposto. Depois de todos os trabalhos terem uma nota, o professor Rúben pegou no marcador de quadro branco e levantou-se. Começou a rabiscar com ele no quadro, explicando:

- Eu já vos expliquei mais ao menos como é que isto vai ser. Se não me engano, já todos receberam dicas, certo? Quem não tem tela, vai com um dos colegas e pode arrumar e organizar as coisas dele e ajudá-lo a lavar o material ou até dar algumas dicas. Ah, e, quando lá chegarem, tiram uma foto da paisagem original e mandam para o meu mail hoje, que está aqui no quadro, para eu no fim comparar. Mas não quero que pintem através da fotografia, se o fizerem serão penalizados. Percebido? Se compreenderam tudo, podem pegar nos cavaletes que estão ali arrumados naquele armário, no material e na tela e irem para a vossa paisagem que eu já sei qual é pintá-la. Se

tiverem dúvidas, recomendo que venham aqui falar comigo. Eu permaneço na sala de aula, por isso, se precisarem de alguma coisa, podem sempre cá vir. Também há aqui um aluno que vai pintar a paisagem da janela daqui, por isso também vai cá estar. No fim, quero ver o que fizeram nestes... - fez uma pausa, olhando para o seu relógio de pulso metálico e reluzente. - ... aproximadamente quarenta e cinco minutos. Quero-vos aqui dez minutos antes do intervalo, por isso têm apenas meia hora para trabalhar. Não vos vou tirar mais tempo. Boa sorte e até logo!

- Até logo! - disseram os alunos, abandonando a sala de aula. Fabiana foi, como de costume, das últimas a sair, de forma a que pôde ver o Bernardo e a Eulália a montarem os seus cavaletes de madeira no interior da sala de aula. Ela agitava os seus cabelos loiros, compridos e frisados, meios ondulados, cuidadosamente cuidados.

- Olá! Vais pintar a paisagem exterior daqui? - perguntou-lhe.

- Sim. - Respondeu Eulália, com a sua voz fina e com um sorriso nos lábios. - Adoro esta paisagem desde a minha primeira aula nesta sala. E tu, onde vais pintar?

- Vou para a entrada. Há lá uma parte em que se vê a montanha lá ao longe e as casinhas, com a árvore em primeiro plano. - explicou Fabiana, gesticulando com as mãos.

- Fixe! Aqui também é maioritariamente natural, por isso é que eu a esco...

- Meninas! Parem de falar e toca a trabalhar! Quero ter alguns resultados hoje! - interrompeu o professor, fazendo as duas colegas virarem-se para trás de repente. Vendo que elas ficaram especadas a olhar e se preparavam para continuarem a falar, gritou. - Então? Fabiana, andor! Despacha-te!

Fabiana deixou a colega, foi buscar um cavalete, pegou na sua mala com montes de bolsos, perfeitamente organizada, onde trouxera as tintas, os pincéis, os panos, a sua paleta de

plástico reutilizável, o copo, também ele de plástico reutilizável, uma garrafa de plástico descartável pequena reutilizada com água da torneira de sua casa e a sua bata, que vestiu antes de sair da sala com as suas tralhas.

Subiu todos os pisos até ao rés do chão. Passou pelo portão da entrada, sentindo todos os olhares dos alunos lá presentes que provavelmente haviam tido furo naquela hora focados em si. Devia ser muito estranho ver uma rapariga que se achava estar também com furo cheia de malas e com um cavalete na mão. Quando chegou ao sítio onde ponderava pintar desde o início, montou o cavalete e colocou lá a tela branca. Ouviu risos de troça vindos do sítio onde estavam os alunos. Viu o seu professor de Francês sair do carro, acenando-lhe enquanto entrava na escola pelo portão. Teve de fazer um esforço para se abstrair do exterior e se concentrar no seu trabalho.

À medida que ia pintando, sentiu que os alunos não tiravam os olhos de si. Ouviu sussurros e mexericos entre eles, com um tom de espanto, mas não percebendo o que eles estavam a dizer. Supôs serem sobre o seu quadro.

De repente, quando estava a terminar as árvores, com o pincel maior na boca, a paleta colorida na mão esquerda e o pincel mais pequeno e preciso na mão direita, pintando as folhas verdejantes que voavam ao vento, a uns metros de si, sentiu alguém puxar pincel que segurava na boca, obrigando-a a rodar a cabeça e a largar o pincel antes de se magoar. Quando olhou, viu o rapaz que estava há pouco a sussurrar e a trocar opiniões com a rapariga que julgara ser sua namorada, pela proximidade que tinham, com o seu pincel na mão e com cara de quem se estava a divertir. Fabiana tentou pedir educadamente.

- Importas-te de me devolver o pincel? Isso é meu!

- O quê é? Precisas do pincel para pintar bem? - disse-lhe o rapaz, em tom de troça. Ouviu um riso vindo de trás de si. Virou-se e viu a rapariga que estava com ele. Esta tirou-lhe

a paleta da mão, pegou no copo de água que estava pousado na borda do cavalete e verteu-o em cima da paleta, inclinando-a de modo a ficar perpendicular ao chão. As tintas e as misturas que Fabiana fizera para terminar o seu quadro vieram parar ao chão, pingando diluídas na água que a rapariga vertera por cima da paleta.

- O que é que estás a fazer?! - gritou Fabiana, nervosa.

- Porquê? Sem estas cores o teu quadro fica mal? Um bom artista tem de lidar com o imprevisto! - gozou ela, atirando a paleta e o copo pelos ares. O seu copo reutilizável caiu vazio no meio da terra onde estava plantada a árvore e a paleta passou o portão e caiu no meio da rua. A rapariga tapou a boca com as mãos, na tentativa de não mostrar que se estava a rir. Depois agarrou na mão do rapaz, que largou o pincel no meio do chão, e puxou-o consigo, entrando com ele na escola.

Fabiana olhou para o relógio: já só tinha quinze minutos antes o intervalo. Desesperada, apanhou o seu material do chão e secou com o seu pano da pintura o mais que pôde o chão molhado e colorido com as tintas que estavam na sua paleta dissolvidas na água. Quando acabou, lembrou-se que tinha de estar na sala de aula dez minutos antes da aula acabar. Olhou para o relógio, e deu um salto quando se apercebeu que já só faltava um minuto para essa hora. Pegou na mala que trouxera já arrumada e com tudo no seu interior e pegou no quadro e no cavalete. Mas, quando o fez, reparou num risco torto meio diagonal e uma cara com a língua de fora a castanho no meio da área que seria o céu. Fez um esforço para não chorar. Estava muito mal desenhado, por isso o professor iria reparar e acreditar no que Fabiana iria relatar quando chegasse à aula. Ainda havia solução.

Começou a correr com as coisas na mão em direção ao piso menos três, tentando não chegar mais de cinco minutos

atrasada. Claro que, quando abriu a porta da sala de aula dois minutos depois da hora, já lá estava quase toda a gente.

- Fabiana, até que enfim. Estávamos à tua espera. Mostra-me o teu trabalho. - pediu o professor. Fabiana dirigiu-se à sua secretária para pousar os equipamentos e materiais. Depois foi, corajosamente, ter com o professor, com a sua pintura sabotada entre os seus braços e o seu peito, virada para si. Caminhou, cabisbaixa, em direção à secretária onde o professor Rúben se encontrava sentado, batendo com o pé no chão de forma impaciente.

- Caminha, mulher! Estás com medo do quê? - gritou o professor Rúben, erguendo bruscamente os seus braços peludos e bem constituídos, deixando-os depois cair sobre as suas pernas.

Fabiana teve vontade de começar a chorar. Estava muito triste com o que lhe tinham feito, sem ela ter culpa alguma, e assustada com a possível reação do professor àquela apresentação pior do que tudo o que fizera com aquele professor. Conseguiu conter-se e entregou o seu trabalho ao professor Rúben, que ficou a olhar para ele especado.

- Fabiana? O que é que se passou aqui? Se fosse outro aluno, mas... isto não é nada teu! - retorquiou ele. Fabiana desfez-se em lágrimas.

- Eu não tenho culpa, juro! Fui para o meu sítio pintar e vieram dois miúdos parvos mais velhos que se meteram comigo e me estragaram o meu trabalho e tentaram fazer o mesmo ao meu material. Não sei quem eram eles, mas só não quero que fique com uma má impressão de mim, eu juro que estou a dizer a verdade! Não fui eu que fiz isso ao trabalho, eu esforcei-me para o fazer. E não tenho a mínima culpa do que eles me fizeram, eu não lhes dirigi a palavra. Estava concentrada a pintar, a determinada altura até os ouvi falar baixinho, mas não me meti. Fiquei calada, como faço sempre com toda a gente. Eu não me

deixo deitar abaixo com o que as pessoas dizem de mal sobre mim. Se for verdade, peço desculpa e uso a crítica construtiva para emendar as minhas falhas e melhorar o meu trabalho de acordo com o aquilo que a pessoa me disse. Se for mentira e for apenas por ciúmes ou para deitar abaixo eu simplesmente ignoro e vou-me embora. Eu nem sei o que eles disseram, apenas sei que os ignorei como se eles estivessem calados ou não estivessem lá. Apresentei todos os meus argumentos lógicos e válidos. Espero que acredite em mim. - explicou ela, entre soluços, deixando o professor e toda a turma especados a olhar para si. Não esperavam que ela reagisse daquela maneira.

- Fabiana, eu sei que deves estar a dizer a verdade, acredito em ti, tu nunca me mentiste. Mesmo assim, tenho de saber quem são os alunos a quem te referes para confirmar. Eles eram de que ano, mais ao menos? - quis saber o professor.

- Deviam ser de décimo ano. - respondeu ela. - Eram os dois loiros.

- Devem ser outra vez aqueles dois caramelos que andaram a fazer disparates. - disse o professor baixinho, mais para si do que para os alunos presentes na sala. - Eu vou tratar disso.

O toque de saída soou em todas as salas e corredores da escola. Os alunos e começaram a arrumar ruidosamente o seu material e as cadeiras. Quando já só faltavam uns seis alunos, o professor Rúben foi ter com Fabiana, que, como de costume, se encontrava entre eles.

- Fabiana, deixo-te remediar este trabalho em casa. - disse ele, entregando-lhe a tela. - Mas só remediar. Não avances mais do que isto.

- OK. - assentiu Fabiana, já mais calma, pegando na tela e enfiando-a na mochila. - Na próxima semana terei isto orientado. Obrigada pela oportunidade.

- De nada. - disse o professor.

Fabiana limpou as lágrimas causadas pela sua revolta interior e saiu da sala a correr, recuperando alguma esperança. O seu trabalho ainda podia ser considerado dos melhores e ter excelente nota.

No final do dia, depois de chegar a casa, Fabiana pegou nos livros e fez todos os trabalhos de casa. No fim, pegou nas tintas e na tela e pintou, com muita paciência, por cima dos riscos feitos pelos miúdos parvos. Depois arrumou-a na mochila, junto com os livros de que necessitaria no dia seguinte, resistindo à tentação de o aperfeiçoar mais.

Depois foi buscar o seu irmão à escola e cumpriu o resto da rotina habitual, conseguindo ir dormir cedo para ficar bem disposta no dia seguinte e poder ultrapassar e resolver todos os seus problemas com a maior facilidade e eficiência possível.

Capítulo XI - Intervalos Atribulados

No dia seguinte, Fabiana acordou bem disposta. Tinha o seu problema resolvido e, otimista como sempre, pensava que tudo iria correr melhor a partir daquele dia.

As aulas correram como esperado, e no intervalo voltou a encontrar-se com os seus amigos. Começaram por falar da banda, que corria muito bem e da data do seu segundo concerto, que se aproximava a passos largos, tal como as férias da Páscoa.

- Vocês precisam de ir ao centro comercial? - perguntou Joana, a dada altura da conversa.

- Hã... comprar roupa? Depende... tenho de ver... - respondeu Fabiana, na tentativa de ser suave na sua resposta que podia desiludir a amiga. Não gostava muito de ir às compras, fosse de que maneira fosse. Mas talvez acompanhada se tornasse mais divertido, costumava ir sempre sozinha ou com a mãe comprar roupa quando precisava dela.

- Eu acho que não, mas o centro comercial tem coisas fixas para além disso. - assentiu Filipe.

- E se marcássemos um dia e fôssemos os três nas férias da Páscoa? Eu moro lá ao lado, vou lá sozinha montes de vezes. Já não somos propriamente crianças, temos alguma maturidade. De certeza que já é seguro irmos sozinhos para lá. A minha cidade não é problemática... - assegurou Joana. - Que dizem?

- Eu costumo ir sempre sozinha ou com a minha mãe, seria diferente e talvez mais fixe. Posso experimentar. - decidiu Fabiana.

- Mas completamente sozinhos? - perguntou Filipe, não muito convencido.

- A Fabiana já lá foi sozinha de bicicleta e vocês vão sozinhos para as vossas atividades extracurriculares. A minha mãe pode levar-nos lá, vai fazer os recados dela e algum tempo depois volta para nos ir buscar e leva-vos a casa. Vocês já conhecem a minha mãe, era aquela que me veio buscar no outro dia. E também foi ela que esteve no último ensaio que fizemos. Ela é muito simpática e trabalhadora. E, se acontecer alguma coisa, ela está lá perto. Ligamos-lhe e ela chega em cinco minutos. Eu sei o número dela de cor. Alinham? - propôs Joana, excitada. Os colegas entreolharam-se, receosos. - Não vos quero pressionar. Se não acharem seguro, não vão. - disse ela, compreensiva e mais calma.

- Hã... talvez... - hesitou a amiga. - O meu pai disse que a tua mãe é fixe, e ele é muito perspicaz, herdei isso dele. Mas o meu problema não é esse, eu confio em ti, só não confio nos outros...

- Olha que não sei... - disse Filipe. - Nem sei se a minha mãe deixava.

- O meu primo foi sozinho com o amigo para a Ilha da Madeira durante duas semanas e os pais deles deixaram. Eles têm catorze anos. Eu, pessoalmente, acho que isso é um exagero, mas estamos a falar de um centro comercial, não de uma ilha no meio do mar, e de uma hora ou duas, e não de duas semanas. Aquilo fica a uns cinco, dez minutos de minha casa. Então? - tentou Joana.

- Eu não sei. - admitiu Fabiana. - Só se a minha tia também lá estiver. A minha mãe diz que o meu irmão precisa de sapatos e de calças de ganga, já lhe estão curtas. Ele adora as roupas que a minha tia escolhe. De certeza que ela aceita ir. Mas claro que ela está lá connosco mas vai ver o que lhe interessa, e nós vamos ver o que bem entendermos. Pode ser assim? - propôs.

- Assim está bem. - concordou Filipe. - Até porque a minha mãe vai ver uma Workshop lá na tua terrinha. - informou, virando-se para Joana.

- OK, pode ser assim. Só não quero que a minha mãe vá para lá connosco porque eu quero comprar algumas coisas para outras pessoas e ela tem a mania que tem de escolher sempre. Mas o futuro proprietário acaba por gostar mais das coisas que eu escolhi do que das que ela escolheu. Mas pronto. E fica para que dia, então?

- Talvez para a primeira quarta-feira das férias. Dá para vocês? - arriscou Filipe.

- Sim. - disseram as duas amigas em conjunto. De repente, tocou para dentro.

- Vamos. - disse Filipe, desatando a correr para a escola. Mas não reparou que, ao tentar fazer igual, Fabiana tropeçou na fita da sua lancheira a tiracolo que trazia consigo durante todos os intervalos. Os outros dois continuaram a correr e começaram a falar entre eles. Até que Joana fez uma expressão que dava a entender que lhe tinha caído a ficha. Virou-se repentinamente para trás, desatando a correr na sua direção e levando as mãos à cabeça.

- Fabiana! - gritou ela. Parou ao lado da Fabiana e puxou-a para a ajudar a levantar-se. - A sério que aprendi a lição, agora já não me esqueço mais de ninguém!

- Ainda bem. Obrigada. - agradeceu Fabiana, aliviada, sacudindo o pó da sua saia azul marinho às pregas. As duas continuaram a correr, na tentativa de ainda chegar a horas à aula.

- O Filipe já deve estar na aula, nem deve ter reparado em mim... - disse Fabiana, num tom triste. Joana olhou para a amiga, tentando perceber porque é que ficava assim frequentemente, em muitos assuntos relacionados com o Filipe.

Joana detestava mesmo que isso acontecesse: tinha uma amiga triste e queria ajudar, mas não sabia porquê que ela estava assim nem como melhorar a situação, mesmo sabendo que a o mundo iria animá-la e fazer esquecer seja o que fosse que a deixou como estava, que iria passar depressa. Ao ver os seus amigos tristes, acabava sempre por ficar triste também, por muito impulsiva e excitada que fosse ou que estivesse. Na tentativa de melhorar as coisas, disse:

- Deixa lá. O Filipe é um totó atado, sabes muito bem. Pode estar um camião a passar ao lado dele e a gritar-lhe que ele continua o seu caminho como se nada fosse. Sei que és sensível, mas não podes deixar de sorrir por tudo o que acontece, por muito pouco tempo que seja. Sabes que ele te dá valor.

A última frase que disse pareceu fazer Fabiana sorrir.

- Obrigada. - agradeceu ela, esboçando um sorriso. Desviou o olhar da amiga e voltou a olhar para a frente. Deu um salto e parou de repente, gritando para a amiga:

- Cuidado, pára!

Mas não foi a tempo. Joana olhou para ela, chocando contra um rapaz que estava de canadianas, pois partira o pé há algumas semanas, na Educação Física. Joana não parou a tempo, empurrando-o contra a parede a que, por sorte, se conseguiu segurar, evitando cair. Joana ficou aterrorizada quando viu o que tinha provocado.

- Ai, desculpa! - pediu ela, aflita. - Não foi de propósito. Estava distraída e não te vi... Peço imensa desculpa. A sério, perdoa-me. - suplicou, juntando as mãos. O rapaz ficou espantado a olhar para ela.

- Tem calma, ainda estou aqui. - disse ele, com toda a calma que faltava a Joana naquele momento. - Estás desculpada, não te preocupes.

- Muito obrigada! - exclamou ela, abraçando-o. O rapaz corou. - O que posso fazer para te compensar? Queres algum

dinheiro? Tenho aqui umas moedas. Se quiseres compro-te alguma coisa do bufet e...

- Calma, rapariga! Não quero nada, descansa. - interrompeu ele. - Tenta só não te mandares contra mim outra vez e deixa-me chegar a horas decentes às aulas, por favor. Também devias fazer o mesmo. - concluiu, mais tímido.

Joana corou, sem saber muito bem explicar porquê. Sentia que não tinha nada para dizer, mas, por educação, sentia também que devia dizer qualquer coisa.

- Claro. Eu concordaria... quero dizer, devia ir para as aulas. - disse, atrapalhada. O rapaz parecia agora tímido e envergonhado, apesar do tom decidido com que dissera a Joana que não queria nada da parte dela, com receio que lhe oferecesse alguma coisa e que ele depois se sentisse mal, pois achava que não lhe devia dar nada.

- Vamos então para a aula, senão depois temos de ouvir o professor. - disse Fabiana.

- Hey, Fabiana! Não te tinha visto... - admitiu o rapaz.

- Conhecem-se? - perguntou Joana, elevando o tom de voz com o espanto.

- Ele é da minha turma. - explicou Fabiana. Depois virou-se para o rapaz. - O que estavas aqui a fazer?

- Demorei um bocado mais do que o esperado na papelaria e atrasei-me. Também, com o pé partido não posso fazer milagres. Depois comecei a falar com vocês. Ah, e esqueci-me de me apresentar à tua amiga. Chamo-me Guilherme. - disse ele, gentilmente, estendendo a mão a Joana. Esta apertou-lhe a mão, ansiosa, e decidiu apresentar-se também.

- Eu sou a Joana.

- A sério? Sempre adorei esse nome. Eu tenho uma gatinha, que apareceu lá em casa. Ela era muito branquinha e com olhos azuis. Quando os meus pais decidiram ficar com ela e dar-lhe um nome, Joana foi o primeiro que eu sugeri.

Joana corou, ficando de boca aberta de espanto a olhar para ele.

- A... sério? - disse, num tom que dava a entender que ela não conseguia acreditar no que ouvira.

- Sim... Sabes, a minha mãe disse que quando eu era pequeno queria dar esse nome a tudo o que tinha. Agora gosto do nome, mas já não faço isso. O meu irmão também teve um fascínio, mas foi pelo nome Felisberto. Sinceramente, eu não gosto muito. Enfim.

- Vocês podiam bem inventar e classificar nomes. - comentou Fabiana, na brincadeira.

- Podes crer. - riu-se Guilherme, largando a canadiana e ajeitando desajeitadamente os cabelos castanhos avermelhados e despenteados com a mão direita.

- Talvez. - disse Joana. - Mas isso não tem nada de mal, afinal toda a gente tem as suas manias, os seus tiques...

- Pois... - disse Guilherme, corando. - Lá isso é verdade.

- Já passam quase dez minutos da hora! - informou Fabiana, aflita. Virou-se para a amiga, dizendo: - Vamos, despacha-te.

- Posso ir contigo? - perguntou Guilherme a Fabiana.

- OK. - respondeu ela.

- A minha sala é para o outro lado no piso superior. - disse Joana, apontando para as escadas. - De certeza que o Filipe já lá está há bué. Nem deve ter reparado na minha ausência, ele é tão atado e distraído... Enfim. - continuou ela. Suspirou com um ar tristonho. - Vou andando. Até logo!

- Até logo! - exclamou Fabiana. Começou a andar, tendo o cuidado de esperar pelo colega e de manter mais ao menos a sua velocidade. Joana começara a correr sozinha na direção da sua sala. Olhou para trás e ainda se sentiu mais triste quando viu a amiga e o rapaz caminharem lado a lado a caminho da

sala do nono E. Mas conseguiu esquecer tudo, ganhar coragem e continuar a correr em direção à sua sala.

Claro que, quando tanto uma como outra chegaram, tiveram de ouvir ralar. E não só...

Fabiana chegou à sala com Guilherme e bateu à porta. Ouviram o professor gritar, com um tom chateado.

- Sim?

Ela abriu a porta e entrou à frente do colega, que largou a canadiana direita e a encostou à perna saudável para fechar a porta atrás de si, pegando-lhe outra vez depois disso. Quando o professor tirou os olhos do quadro e viu os dois alunos, começou logo a passar o raspanete que dava sempre que alguém chegava atrasado.

- Então vocês chegam a estas horas?

- Tivemos um incidente, profe... - tentou explicar Fabiana. Mas o professor interrompeu-a, continuando a escrever no quadro o texto que estava escrever quando eles chegaram.

- Não interessa. Vocês têm o dever de chegar a horas às aulas, aconteça o que acontecer. Pelo menos tentam chegar o mais cedo possível. O que aconteceu?

Fabiana e Guilherme, que já se tinham dirigido para as suas secretárias quando o professor desviou o olhar, deram um salto quando ele se apercebeu disso e gritou:

- O que é que estão a fazer?! Ninguém vos mandou sentar! De pé aqui ao meu lado! Já!

Guilherme já tinha encostado as canadianas à sua mesa e, como foi apanhado de surpresa, com o susto, desequilibrou-se e caiu para trás, para evitar apoiar-se no pé magoado. Fabiana já tinha começado a caminhar, mas reparou que ele não estava estável e correu na sua direção, apanhando-o pelo peito para ele não cair. Toda a turma começou a gritar e a dar risinhos de troça, que pareceram ter irritado ainda mais o professor.

- Calem-se todos! Estou a dirigir-me exclusivamente à Fabiana e ao Guilherme! Se não se calam, chamo aqui o diretor para ver a maravilha de turma que vocês são!

Um silêncio quase total surgiu repentinamente na sala. Todos se calaram, e só se ouvia as moscas que haviam entrado pela janela que o professor abrira no início da aula. Até os passarinhos que estavam a cantar do exterior da janela da sala se calaram, pois o grito do professor atingiu uma intensidade sonora de tal forma elevada que os conseguiu assustar.

- Fabiana e Guilherme, aqui já! - gritou ele.

Os dois dirigiram-se para onde o professor apontava com o dedo.

- O que aconteceu, então? - repetiu ele.

- Eh... Eu vinha com uma colega, - começou Fabiana, provocando uma onda de espanto entre os alunos da sua turma, pois estavam habituados a vê-la sempre sozinha. - e ela esbarrou contra ele. Depois perdemo-nos na conversa os três... E já estávamos atrasados...

- A tua justificação não é válida. Falar é nos intervalos, e não na hora das aulas. - disse rispidamente o professor.

- Peço desculpa. - disse Fabiana. - Farei para que não se repita.

- Espero bem que sim. - avisou o professor, continuando a aula.

Joana chegou à sala sozinha e bateu à porta, abrindo-a.

- Isto são horas de se chegar?! - indignou-se o professor. - Estamos em teste! Sente-se imediatamente. Como castigo não terá direito nem à leitura e explicação do teste pelo professor nem a tempo extra no final. Quando tocar tem de entregar o teste num minuto ou eu vou-me embora e leva zero. Entendido?

- Sim. - sussurrou Joana, decidindo aguentar a vontade que tinha de se tentar desculpar e explicar o sucedido para não piorar mais as coisas. Sentou-se na sua cadeira e começou a ler o teste de Físico-Química que estava em cima da sua mesa.

No intervalo seguinte, Fabiana e Joana sentaram-se num banco vazio que se encontrava no exterior da escola. Estiveram uns momentos em silêncio, até Fabiana o quebrar.

- O Filipe não vem?

- Tivemos teste. Ele é sempre o último a acabar. Eu até gosto de Físico-Química, por isso estudei bem a matéria e consegui acabar o teste quando o professor mo tirou das mãos. Nem o revi, mas qualquer coisa é melhor que zero... - resmungou Joana. - A sério que desta vez o feitiço totó e atado que ele tem jogou a favor dele. Chegou a horas ao teste e vai tirar boa nota. E tu estás bem...

- Peço desculpa, não sabia que tinhas teste... - lamentou Fabiana.

- Pois, eu não gosto de falar dessas coisas. Não é emocionante.

- Estudaste para o teste?

- Claro! Porque perguntas?

- Porque eu vejo as miúdas a estudar à pressa à porta da sala para uma última revisão e nunca te vi com os livros abertos na escola sem ser na sala de aula.

- Pois... Eu não estou habituada a estudar na escola. Estudo bem em casa e na escola aproveito para estar mais à vontade.

- Ah, OK. - disse Fabiana, que naquele momento se sentiu a pessoa mais diferente de Joana que havia no mundo, apesar de saber que não era verdade.

- Já pensaste no que vais comprar no Centro Comercial? - perguntou Joana.

- Sim. - respondeu a amiga. - Estive a dar uma volta aos meus armários e pus de lado a roupa que já não me serve. Preciso de um polo, que o que eu usava já me está pequeno, e de fatos de treino para a Educação Física, porque já só tenho um que me está bem e que vai durar ainda uns anos, que é o verde que eu costumo trazer. Uso-o das duas vezes, apesar de a minha mãe ralhar e dizer que eu não devo usar a mesma roupa duas vezes sem a lavar. Da segunda vez só estou com ele ao primeiro tempo, depois mudo de roupa. Também estive com a minha mãe a dar a volta ao armário dela e ela tem lá montes de roupa que já não usa. A prima da minha mãe é uns três anos mais nova do que ela e tem uma filha um ano mais nova do que eu. Vamos dar-lhes a nossa roupa antiga, elas devem gostar.

- Fazes bem. - concordou Joana. - Por acaso não preciso de nada, mas o meu pai vai fazer anos e está-se sempre a queixar de que não tem calças, nem cachecóis, nem meias, nem camisas de jeito, que está tudo rasgado ou encolheu com as lavagens. A verdade é que a roupa dele é toda velha, ainda é a mesma que vestia em solteiro ele está bem conservado. E os meus pais são muito poupados, felizmente, usam e arranjam as coisas até avariarem de vez. Ele anda com roupa remendada cinquenta vezes, só quando já incomoda e não há solução para isso é que eles compram roupas novas. Eu admiro muito os meus pais nesse aspeto.

- A mim não é assim tanto. Gosto de reparar as coisas, mas quando deixa de estar minimamente apresentável a minha mãe compra-me outras. Mas a tua roupa está sempre impecável.

- Sim, porque esta roupa eu só a uso fora de casa. Em casa a minha mãe diz para eu vestir roupa velha e remendada para não estragar a que ainda está boa. Mas às crianças é chato porque a roupa deixa de servir muito depressa...

- Pois. Eu tinha roupa que adorava mas que usei poucas vezes e já me está pequena. Eu fiz uma camisola com planetas que trazia para à escola uma vez por mês, tendo mesmo assim de fazer um acordo com a minha mãe porque ela achava-a "pirosa e de Maria-rapaz". Diz que isso são coisas de homens. Mas eu gosto de astronomia e dizer que astronomia é só para homens é discriminação das mulheres. - explicou Fabiana, re-voltada.

- Concordo contigo. - disse Joana. Passado algum tempo, perguntou: - O Guilherme é decente?

- Sim, é o delegado de turma. - informou Fabiana. - É porreiro no meu entender e dentro dos meus critério mas também nos critérios dos outros adolescentes. É responsável, assíduo e pontual. As notas dele são relativamente altas, entre os oitentas e os noventas. Apesar de tudo, não é tão sociável como os parvos da turma. Anda mais com os certinho e não faz disparates. Almoça na cantina, vai às aulas todas e é assim calmo e tímido com quem não conhece. Com os amigos é mais extrovertido. Porque perguntas?

- Sei lá, ele pareceu-me fixe.

- E o Filipe, tem amigos? - quis saber Fabiana, passados uns segundos.

- Não. Eu comecei a ser amiga dele porque trabalhámos juntos para tentar descobrir onde estavas e quem eras. Ele ficou com alguns dos teus livros. Sinceramente, acho que somos as suas únicas amigas.

- Sei o que é estar sozinha... Ainda bem que nos temos uns aos outros. - admitiu Fabiana.

- É.

Dois segundos depois, Filipe saiu da escola. Olhou para os lados e, ao vê-las, acenou-lhes.

- Hey! - cumprimentou, sorridente, sentando-se ao lado da Fabiana.

- Então, como correu o teste? - perguntou ela.

- Ah... Eu esqueci-me dele... - admitiu Filipe, colocando a mão atrás da cabeça. Joana bateu com a mão na testa.

- Conseguiu safar-te? - quis saber Fabiana, curiosa.

- Sim. Fiquei mais um bocadinho na sala para terminar a pergunta sete... deu-me uma branca. O que vale é que eu gosto da matéria. Estamos a dar o som: ondas sonoras são ondas mecânicas longitudinais, propagando-se apenas nos materiais de todos os estados e não se propagando no vácuo. Transportam energia, e não matéria como diz o ignorante do Afonso. Quando gritas, fazes vibrar as partículas do ar, que batem umas contra as out...

- Oh, por favor, cala-te! Já me chega ter de ouvir essa treta durante duas horas seguidas e ainda ter um teste disso, não preciso de ter um colega que recapitula a matéria toda todos os intervalos! - resmungou Joana, interrompendo o colega. Levantou-se do banco e afastou-se dos amigos, cruzando os braços e revirando os olhos. Filipe amou, abrindo e fechando a mão enquanto a colega falava, com cara de gozo, mas na brincadeira. Fabiana riu-se baixinho. Joana ouviu, e virou-se de repente.

- Estás a gozar comigo?! - gritou ela, reparando na atitude do rapaz. Ele riu-se.

- Também, és uma piegas, não se pode falar de nada! - retorquiu ele.

- És parvo! Eu não te fiz nada e estás a gozar comigo. Isso é uma prova de infantilidade e de imaturidade. - disse Joana, ofendida.

- Oh, estava a brincar contigo! - exclamou Filipe, levantando-se e aproximando-se dela pelas costas. De repente, Joana virou-se e começou a fazer-lhe cócegas. Este ria-se, gritando:

- Pára, por favor! Vou ser julgado de maluco ainda mais do que já sou! Pára!

- Pronto, está bem. Mas agora tenta não voltar a gozar comigo, se não faço-te cócegas outra vez. - disse Joana. Parou de o chatear e tentou dar um jeito ao cabelo com as mãos. Filipe sentou-se novamente no banco ao lado da Fabiana, cansado.

- Estava a brincar contigo, não foi para te deitar abaixo. - repetiu ele.

- Pronto, OK. Desculpa, eu não devia ter levado a mal. - admitiu Joana, sentando-se no banco entre Filipe e Fabiana.

- Eu também não devia fazer isso...

- Não, podes fazer. Agora eu já sei que não é a sério.

- Nós somos muito sensíveis, eu e ela. - disse Fabiana, passando o braço pelas costas da amiga. - É nosso.

- É. - concordou Joana. - Em algumas coisas não, mas quando gozam comigo eu levo muito a sério.

Passados uns segundos, a campainha quebrou o silêncio, tocando para dentro.

- E pronto, lá vamos nós outra vez. - disse Joana, aborrecida. - Preciso de férias! Os testes estão a dar cabo de mim... Já nem às aulas me apetece ir...

- Pensa assim: já só falta uma semana! - exclamou Fabiana num tom alegre forçado, esboçando um sorriso amarelo. Decidiu tentar alegrar a malta, não pelo tom "alegre" mas pela ironia e vendo o lado positivo, como sempre fazia. Mas Joana revirou os olhos, resmungando.

- Pois, tens razão com esse tom. Mais uma semana de aulas. Ye... - disse ela, imitando o tom da Fabiana mas dando um toque de aborrecimento.

Durante o resto do dia, apesar de não o mostrar, Fabiana sentiu-se um bocadinho triste e com alguns ciúmes da amiga. Quando ela começou a fazer cócegas ao Filipe, os dois pareciam estar a divertir-se imenso. Sentiu-se um pouco de parte. Mas, não sabendo explicar porquê, também sentira que gostaria

de estar no lugar de Joana. Só não gostava de se queixar como ela, gostava de ver sempre o lado positivo das coisas.

A verdade é que o dia passou depressa, tal como a semana. No sábado à tarde, depois do último ensaio do coro da igreja, Fabiana foi preparar as coisas para ir com a tia e com os amigos ao centro comercial daqui a alguns dias. Tinha de admitir: estava entusiasmada. Mas não o queria mostrar. Nunca fora dessas coisas, e não queria mudar. A moda nunca lhe dissera nada, simplesmente vestia-se como gostava e se sentia bem, ignorando os gostos e críticas dos outros. Se calhar só estava assim porque ia com os amigos, era uma experiência nova, talvez fosse diferente de ir sozinha. Talvez adicionasse uma nova e divertida variável ao programa. Ou talvez mais...

Capítulo XII – No Shopping

Era quarta-feira, o dia marcado para a viagem ao centro comercial. A mãe já estava informada e dera-lhe autorização. Confiava plenamente na irmã e na filha.

Depois do almoço, Fabiana foi de carro com a tia Mara que a veio buscar a casa para São João da Madeira, onde ficava a casa de Joana e o Centro Comercial.

Quando lá chegou, a tia disse-lhe:

- Vai ter com os teus amigos, que eu vou àquela loja de roupa para crianças ver umas calças para o teu irmão. Quando os encontrares, manda mensagem.

- Sim. - garantiu ela. - Até já!

- Até já! Olha, encontramos-nos às três e meia lá em cima nos bancos para lanchar. - gritou a tia.

- OK, ainda tenho duas horas. Se acabar mais cedo digo-te alguma coisa. - disse Fabiana, acenando à tia enquanto corria para o elevador. Esperou por ele durante meio minuto, durante o qual mandou uma mensagem para o grupo das mensagens "Geek Friends". A Joana respondeu-lhe num minuto.

Nota:

LOL - Laugh Out Loud [en] ("Ri alto" - expressão).

Mdr - Mort de rire [fr] ("Morto de riso" - expressão).

Traduções [en - pt]:

3 members, 3 online - 3 membros, 3 ligados/no chat em tempo real.

Today - hoje.

Hey girls - Olá miúdas.

Fabiana entrara sozinha no elevador onde já estava uma senhora com duas crianças pela mão, um rapaz e uma rapariga. Segurava o rapaz com a mão esquerda e a rapariga com a direita. Saiu do elevador quando ele abriu no piso de onde Fabiana estava, deixando-a lá sozinha. Fabiana passou toda a viagem no chat com os amigos, até o elevador chegar ao piso dois, sítio onde procurava encontrar Joana.

- Olá! - exclamou ela.

- Olá. - cumprimentou Fabiana com um sorriso, disposta a aproveitar aqueles momentos ao máximo, apesar de saber que fazer compras nunca foi um astro incluído no seu universo de passatempos.

- Já estou aqui há uns minutos. O Filipe deve estar quase a chegar.

- Fixe. A minha tia está lá em cima. Diz que quer que eu esteja com ela às quatro.

- Ui! Acabamos muito antes disso! São...

- Estás como o Filipe? - perguntou Fabiana, depois de cinco segundos de silêncio. As duas amigas partiram-se a rir.

- Falaram em mim? - disse Filipe, com um tom brincalhão. Vinha do elevador, com a mão levantada a fazer um gesto de "Live long and prosper"⁸. As duas olharam para ele.

- Olá, Filipe! - cumprimentou Fabiana, acenando-lhe também. - Sim, ela estava a ver as horas como tu.

- Olá. - disse Joana, ainda a tentar ver as horas, pois a chegada de Filipe desconcentrara-a. - É uma e vinte e quatro.

- Só agora? - perguntou Fabiana, ironicamente, dando um risinho.

- O que é que esperavas? Os tracinhos são pequenos. - desculpou-se Joana.

⁸ Saudação Vulcan, popularizada pela série "Star Trek", de ficção científica. "Live long and prosper" [en] - Vida longa e próspera [pt].

- Realmente, são. - admitiu Fabiana, espreitando para o relógio de pulso da amiga. Ajeitou os óculos para tentar focar melhor a imagem. - Caraças, eu não estou a conseguir ler isto. - disse Fabiana passado alguns segundos, enquanto esfregava os olhos lacrimejantes por detrás das lentes transparentes, e levantando ligeiramente os óculos. - Até estou a chorar do esforço. Eu sou pitosga, não consigo ler isso. Afinal tinhas razão.

- Mas pronto. Alguém tem uma loja em mente para visitar? - perguntou Joana.

- Ya. - disse Filipe. - Lá em baixo há uma loja para Gamers⁹. Gostaria de lá ir ver se têm o Ring Fit Adventure¹⁰ para a minha consola. É dos únicos que me faltam.

- Exato. Filipe, como ninguém mais parece lá querer ir, por favor deixa-nor ir lá depois. Vamos tentar ao contrário. Alguém aqui tenciona ir à C&A? - perguntou Joana.

- Eu, queria ver os polos para mim. Lá costumam ser fixes. Ah, e quero começar a andar de sweatshirt. Servem-me durante mais tempo do que os casacos de fato treino e são mais confortáveis. Só são é menos práticas para tirar, mas isso se estiver frio não é preciso. - afirmou Fabiana.

- Vocês vieram aqui ver roupa?! Roupa?! A sério?! - indignou-se Filipe.

- Também não é das minhas atividades preferidas, mas infelizmente a nossa roupa não dura sempre. Eu vou comprar um vestido para mim e roupa para o meu pai. Ela já lhe deixou de servir muita coisa e de certeza que também te falta alguma coisa. Eu pensei que, já que tinha de ser feito, podia ser com vocês.

- É assim, a minha mãe anda a dizer há muito tempo que eu preciso de uma camisa... - admitiu Filipe. - Sinceramente, eu

⁹ Gamers: apaixonados por jogos de computador. Jogam-nos muito.

¹⁰ Ring Fit Adventure: jogo para a Nintendo Switch



Geek Friends

3 members, 3 online

Today

Olá! Já cheguei.

Estou à espera do elevador no piso 0. Onde estão?

Joana

Olá! Estou no piso 2, vem cá ter. 😊😄😄 ☐

Filipe não está comigo, ainda não deve ter chegado.

Filipe

Hey girls. 😊

Saí agora de casa. Chego aí em...

Joana

Em?...

Filipe

Esperem aí, estou a fazer as contas... 🤔

Joana

Tanto tempo para somar dois números? 😞

Filipe

Não é assim tão simples: o carro da minha mãe diz que chegaremos aí às 13h23 e ainda são 13h16. Por isso não é propriamente "somar dois números"; é subtrair a segunda hora (13h16) à primeira hora (13h23).

Joana

A sério, @Filipe, tu davas para professor, com as tuas explicações rebuscadas. 🙄

LOL (não literalmente) 😂😂

Joana

Mdr 😂

não gosto de que seja ela a escolher porque da última vez trouxe-me uma camisa às bolinhas cor-de-rosa. Eu gosto da cor, mas eu gosto de passar discreto. Prefiro tipo cinzento, verde escuro, azul marinho,...

- Também eu. - concordou Fabiana.

- Eu gosto das camisas dessa loja. Vamos lá, então. - disse Filipe. Os três amigos dirigiram-se então à entrada da loja escolhida. Cada um foi ver o que precisava, pedindo a opinião aos outros.

Depois de revistar as prateleiras, Fabiana pegou numa sweatshirt bege simples, com dois cordões dobrados e cosidos na ponta. Tinha uma estrelinha desenhada através de brilhantes também bege mas muito clarinhos alinhados em baixo do lado esquerdo.

- Gostam desta sweat? - perguntou ela aos amigos. Filipe, que estava a ver se gostava de alguma das camisas de lá, olhou para ela durante um segundo e sorriu-lhe, erguendo o polegar da mão direita em sinal de aprovação. Já Joana foi ter com ela.

- Deixa ver. - disse ela. Fabiana passou-lhe a cruzeta com a peça. - Que fofinha! É mesmo a tua cara.

- E é cem por cento algodão. Vou levar. - decidiu Fabiana.

- Fazes bem. - concordou Joana. Adorava dar a sua opinião, apesar de só o fazer quando lho pediam.

- Isto dá para levar mesmo sem ser Educação Física, mas também substitui o fato de treino. - disse Fabiana. - E depois tem pêlo por dentro e é muito quentinha. Agora vou ver uns polos.

Remexeu nas cruzetas de roupa e nas prateleiras, mas não encontrou nada de que gostasse. Só havia polos rosa choque, amarelos, verde claro, assim cores chamativas. Como Filipe, preferia algo mais discreto. Não queria comprar nada com

que não se sentisse à vontade, pois sabia que não o ia usar. Preferia não comprar nada.

- Não gosto muito dos polos daqui. - informou ela, dirigindo-se para o sítio onde estava Filipe.

- Hm. Vou levar esta. Que achas? - perguntou Filipe, mostrando-lhe uma camisa fina de manga curta, cujo padrão eram linhas verdes cruzadas e sobrepostas que formavam quadrados. Fazia lembrar a toalha de mesa da avó.

- Ah... é um pouco pró... tipo... é gira, mas faz lembrar



um pouco a toalha de mesa da avozinha. - disse Fabiana.

- Achas? Por acaso faz... - admitiu Filipe, curvando-se e olhando para ela com mais atenção. Depois voltou a olhar para a colega. - Eu gosto dela assim.

- É só porque... como és assim tipo Geek, pensei que gostasses de coisas mais modernas...

- E gosto, Fabiana. Mas gostei desta. Vou dar mais uma volta para depois experimentar. - disse ele, levantando-se e voltando a focar a sua atenção nas camisas.

- Se te sentes bem com ela, eu incentivo-te a levá-la. - disse ela. Fez uma pausa. Depois continuou. - Eu queria ver se gostava de mais alguma coisa, mas prefiro ir dar uma volta e ver o que há nas outras lojas. Vou experimentar esta e escolher o tamanho. - explicou Fabiana. Dirigiu-se aos provadores, passando pelo sítio onde tinha encontrado a sweat. Tirou os tamanhos de doze, treze e catorze anos e foi experimentá-los.

Enquanto isso, Joana encontrou um vestido que achou engraçado: era vermelho, com umas riscas azul marinho, vermelho escuro e branco formando quadrados, com um aspeto antigo.

- Fabiana, eu encontrei este vestido, o que achas dele... Fabiana? - chamou Joana, apercebendo-se de que a amiga não estava lá. Olhou em seu redor e viu o amigo. - Filipe, a Fabiana?

- Ela foi experimentar as sweats. - gritou ele.

- Ah, OK. Obrigada.

- O que achas desta camisa? - perguntou ele, mostrando a mesma que mostrara a Fabiana.

- Muito fixe. Faz estilo mais antigo.

- Ela disse que faz lembrar a toalha de mesa da avó.

- Ela é muito moderna.

- Pois, eu percebi.

- Faz lembrar, mas eu gosto.

- Mesmo que não gostasses, eu ia levar. Até a Fabiana me incentivou.

- Se gostares, podes levar. Não te podes deixar levar pela opinião dos outros. Ela tem razão.

- Mas gostas mesmo?

- Sim. Eu gosto mais do estilo antigo, escrevo as cartas com tinta e pena. Já a Fabiana gosta mais de canetas modernas com luzinhas. Mas gostos são gostos, não se discutem.

- Sim, tens razão. Mas escreves com tinta da china e pena verdadeira ou pena daquelas canetas antigas?

- Depende da minha disposição e da formalidade do que vou escrever. Normalmente uso a caneta, mas quando é mais informal às vezes uso a pena verdadeira, que é uma pena do papagaio colorido da minha prima Carla que ela me deu. Ele muda de penas de xis em xis tempo. Eu só lhe cortei a ponta e já posso escrever com ela.

- Custo zero.

- Sem a tesoura, é.

Nesse momento, Fabiana saiu do provador com as sweats na mão. O tamanho de doze anos era-lhe muito justo, por isso optou pelo de treze, pois apesar de ser um bocado mais largo, ficava-lhe bem e assim iria servir-lhe durante mais tempo. Dirigiu-se ao cabide onde as tinha encontrado e colocou lá as sweats de doze e de catorze. Ao ver a amiga sair do provador, Joana pegou no vestido e gritou:

- Fabiana!

Fabiana olhou para ela. Estranhamente, Joana ouviu o som de um telefone a chamar e desviou o olhar. Fabiana franziu o sobrolho, desconfiada. Ao ver um rapaz a uns metros de si a telefonar a alguém, percebeu que não era o seu telemóvel a ligar sozinho e ficou mais descansada, voltando a olhar para a amiga.

- Que se passa? - perguntou Fabiana.

- Nada, ouvi um telefone tocar, mas afinal está ali um a telefonar, como estava atrás de mim e longe pensei que pudesse ser o meu telemóvel. - explicou Joana.

- Ah, OK. - disse Fabiana. - E o querias, afinal?

- Era para te mostrar isto. Vem cá.

Fabiana foi ter com ela, com a sweat debaixo do braço.

- Gostas deste vestido? - perguntou Joana.

- É muito anos oitenta... mas realmente é muito lindo.

- Com o laçarote vermelho dali, que tem o mesmo padrão... Vou levar. Usá-lo-ei no concerto de sexta-feira.

- Eu não tenho nada para levar ao concerto! - lembrou-se Fabiana.

- Então e o vestido azul marinho que levaste no primeiro?

- Uma amiga da minha prima pediu-mo emprestado para a festa que costumam fazer na conservatório de dança onde ela anda. Esqueci-me que iria precisar dele...

- Não tens mais vestidos?

- Que me sirvam, não. Estão todos no saco para dar à filha da prima da minha mãe.

- Então vê se gostas de algum.

Fabiana correu os cabides, até que encontrou um vestido que achava tão bonito que até tinha vontade de o comprar sem pensar. Era em tons azul escuro e lilás, combinados de forma a formar um fundo espacial, salpicado de estrelas brancas e alguns planetas. Era de manga comprida, e a parte de baixo era rodada e ondulada. Depois de certificar de que o preço não era exagerado, tirou os tamanhos de doze e treze e foi experimentar. Mais uma vez, o tamanho de treze anos ficava-lhe melhor, e decidiu comprá-lo, juntamente com a sweat.

Os três amigos dirigiram-se à caixa de pagamento.

- Onde é que encontraste isso? - retorquiu Joana, olhando para uma camisa com o mesmo padrão espacial do vestido da Fabiana que Filipe levava nos braços.

- Andei a revirar as camisas e adorei esta. Eu adoro espaço. Olha, a Fabiana também leva um vestido igual!

- O quê? - disse repentinamente Fabiana da frente da fila, virando-se para Filipe. - Este vestido? É muito lindo. A minha mãe não lhe vai achar muita piada, mas eu sinto-me bem com ele. Ela diz que eu não devo andar com roupas de que não gosto só para agradar aos outros, por isso não pode reclamar comigo.

- Não, totó. O Filipe tem uma camisa igual ao teu vestido. - disse Joana, rindo-se.

- Hã?! - exclamou Fabiana, sobressaltada, olhando para o que Filipe trouxera: a camisa dos quadrados verdes, um polo verde escuro de manga curta, uma camisola com riscas coloridas a formar losangos e a camisa com o padrão espacial.

- Sim. Estão bem um para o outro. - riu-se Joana, fazendo Fabiana corar.

- Próximo. - disse monotonamente a vendedora.

Fabiana deu um salto e virou-se para a frente. Entregou à senhora o vestido e a sweat e tirou a carteira da sua mochila.

- São vinte e cinco euros, o vestido está em saldos.

- Está aqui. - disse Fabiana, contando mentalmente as moedas e colocando-as por cima da nota de vinte, na bancada. A senhora recolheu o dinheiro e deu-lhe as coisas num saco.

- Obrigada. Até à próxima! - despediu-se Fabiana. Ao passar por Joana, disse-lhe, baixinho: - Estou à vossa espera à porta da loja.

- Sim. - afirmou ela.

- Seguinte! - exclamou a senhora.

Joana aproximou-se e colocou na bancada o vestido vermelho para si e um pacote de meias, uma camisa e um polo para o pai. A senhora estranhou ao ver lá roupa de homem.

- É para oferecer? - perguntou.

- Sim, mas por favor não embrulhe. Pode fechar o saco?

- pediu Joana, educadamente. - Eu não gosto de usar embrulhos, não é ecológico.

- Sim. - afirmou a senhora. Fechou o saco com fita-cola transparente e colou-lhe uma fita decorativa enrolada. - Está.

Joana pagou e juntou-se à amiga. As duas esperaram por Filipe à entrada da loja.

- Finalmente. - disse ele. - Agora já podemos ir à loja de Gaming.

- Por acaso, gostei muito dos jogos que me mostraste na visita de estudo. - admitiu Fabiana, com as mãos segurando o saco atrás das costas e o brilho no olhar. - Eu também quero lá ir. - Depois virou-se para Joana. - Vens connosco?

- OK, eu também disse que ia lá depois. Eu sou pessoa de palavra.

- Fixe. É lá em baixo. - disse Filipe. - Vamos de elevador?

- Pode ser. - assentiu Fabiana.

Então os três amigos dirigiram-se para os elevadores e Filipe carregou no botão para o chamar. Esperaram, esperaram, mas nada acontecia.

- Vamos pelas escadas. Pode ser? - acabou por sugerir Joana. Os três foram para as escadas rolantes e, todos no mesmo degrau, esperaram que estas chegassem ao fundo. Entretanto, foram os três a conversar sobre os jogos eletrónicos preferidos e conhecidos por cada um, quando Fabiana reparou num homem mesmo à frente da saída das escadas rolantes. Eles iam lá chegando, mas o homem não se mexia. Parecia esperara qualquer coisa. Fabiana olhou para trás, reparando que estavam sozinhos na escada rolante e que não havia ninguém no piso su-

perior com intenções de lá entrar. Fabiana desconfiou, e decidiu partilhar o seu medo com os amigos, que continuavam a conversar. Então disse, baixinho:

- Hey! Olhem para aquele homem. Não acham estranho ele ali estar? Parece que espera qualquer coisa ou alguém, mas somos os únicos aqui.

- E se nos espera... a nós? - apostou Joana, amedrontada. Os três pareceram aflitos.

Capítulo XIII - Aventura no Centro Comercial

Ela continuou.

- Alguém aqui o conhece?

- Eu não. - disseram Fabiana e Filipe em coro.

- Vamos voltar para cima, é melhor. - recomendou Joana, a uns degraus do homem, que parecia falsamente distraído. Os três subiram discretamente a escada rolante, indo contra o seu sentido de rotação. Fabiana olhou para trás. O homem pareceu não reparar. De repente, olhou para eles, como se aquilo que ele esperava não chegasse, e, reparando que tinham começado a subir, desatou a correr atrás dele. Fabiana até transpirou com o susto, pois apesar de ter previsto que aquilo poderia acontecer, não esperava que fosse mesmo verdade.

- Rápido! - gritou para os amigos, virando-se para a frente. - Ele vem atrás de nós, acelerem! E não olhem para trás agora, podem cair.

Joana, parecendo ignorar Fabiana, virou-se para trás. Até deu um salto, e quase escorregou e caiu escada abaixo.

- Eu disse-te para não olhares para trás nas escadas! O que é que te deu? Não acreditas em mim? - ralhou Fabiana, com a respiração acelerada. - Se ele nos quer mesmo apanhar, o que aconteceria se tu caíesses? Eu agora quase chorei de susto quando te vi cambalear.

- Acredito em ti, mas fiquei um tanto curiosa e assustada.

- Desculpa se estou a ser rígida contigo, mas eu fico alterada quando tentam fazer mal àqueles que me fazem bem e que me são especiais.

- Não faz mal.

- Nós vamos continuar a fugir a direito? Quem é que faz isso?! Assim vamos ser apanhados! Já percorremos o corredor e ele continua atrás de nós, eu espirei. De vez em quando é preciso fazer um ponto de situação, ou ele esconde-se e apanha-nos de surpresa. - avisou Filipe.

- Tens razão, temos que arranjar um sítio para... Para o elevador! - gritou Fabiana.

Os três dirigiram-se para o elevador, e Fabiana, sendo a primeira a chegar, carregou no botão

- Oh, vá lá, vá lá, vá lá! - sussurrou, ansiosa, carregando repetidas vezes no botão.

Filipe vinha a correr, com o homem a uns dois metros de si. Chegou arfante ao sítio onde estavam as amigas. O homem, pensando que eles não iriam a lado nenhum, abrandou.

- Essa porcaria não abre? - reclamou Filipe. - Ainda vamos ser apanhados.

Nesse momento, a porta abriu-se de rompante e os amigos aproveitaram a oportunidade para entrar. O homem apercebeu-se disso e correu para tentar lá entrar também, mas Fabiana carregou no botão do piso um e no de fechar as portas quando ela entrara, não dando ao homem o tempo que este esperava ter. Este ficou do lado de fora, a bater com os punhos na porta de metal, furioso.

O elevador começou a viagem, e os três amigos tentavam acalmar. Estavam os três arfantes, cansados da corrida e com a respiração acelerada por causa da ansiedade de escapar à perseguição.

- Estamos mais ao menos seguros. - disse Joana. - Ele não sabe para onde vamos.

- Porque é que vamos para o piso um? - perguntou Filipe. - Devíamos ter ido para o mais longe possível.

- No piso um há uma única janela aberta e dá para saltar para o telhado. - explicou Fabiana. - Lá não nos encon-

trará. E não se preocupem, eu encostei-me à parede em frente ao botão para ele não ver qual é que eu escolhi. Espero bem que ele pense como vocês.

O elevador chegou ao destino e abriu as portas. Os adolescentes dirigiram-se o mais rápida e discretamente possível para a janela aberta. Fabiana ganhou coragem e subiu para o parapeito da janela. Depois saltou para o telhado plano e branco do edifício. Tentou ser o mais rápida possível, recomendando o mesmo aos seus amigos para não serem vistos por ninguém. Eles fizeram o mesmo: primeiro foi Filipe, a pedido de Joana, que foi a seguir.

Já os três agachados debaixo da janela, ouviram passos acelerados e sorrateiros.

- Deve ser ele. - supôs Fabiana, no tom de voz audível e mais baixo que conseguiu. - Vamos dar a volta.

Fabiana, Filipe e Joana caminharam cautelosamente pelo telhado, para explorar e tentar encontrar uma possível saída onde ninguém os encontraria. Seguiram por aquele telhado durante algum tempo, que parecia ter um metro até à janela de onde tinham saltado e uns cinco metros de altura até ao chão. Depois de andarem à volta algum tempo, chegaram a outra parte do telhado, mas ligeiramente mais alta.

- Olhem, se calhar conseguimos subir aqui! Só parece ter um metro e picos. - observou Joana.

- Nós ajudamos-te. - disse Filipe, olhando para Fabiana. Esta fez-lhe um sinal afirmativo com a cabeça.

Antes de mais nada, mandaram os sacos das poucas compras feitas lá para cima. Depois, Filipe pegou em Joana e tentou levantá-la o mais que conseguiu. Ela conseguiu-se agarrar ao telhado, mas ainda não conseguia subir. Então Fabiana empurrou-a para cima. Ajudando-a a chegar lá.

- Já consegui! - gritou, triunfante.

- Fala mais baixo. - recomendou Filipe. - Eles podem ouvir-te, não sabemos onde andam.

- Ah, OK. - disse ela.

Joana pôs-se de pé e olhou em seu redor. Começou a caminhar em frente e virou a esquina.

- Joana! Onde estás? Já não te vemos! Encontraste alguma coisa? - gritou Joana, tentando afinar a intensidade da voz, de forma a ser audível para a colega mas inaudível para pessoas no chão ou no interior do edifício.

- A estrada continua lá em baixo. - descreveu Joana. - E há aqui uns materiais de reparação. Deve ser aqui que arranjam os ar condicionados e as tretas do género.

- E eles entram por onde? Não tem aí ninguém? - perguntou Filipe, com uma intensidade parecida com a da Fabiana, mas não tão controlada e precisa, pois ela tinha aulas de canto e controlava muito bem a voz. Às vezes isso dava jeito.

- Há aqui uma escada! - gritou Joana, excitada. Os outros dois sorriram. - Dá para o topo do edifício!

- Joana, nós gostaríamos de descer, e não de subir. - lembrou Fabiana.

- Mas lá em cima é onde estão os "ar condicionados e tretas do género". - raciocinou Filipe, indicando as aspas com os dedos. - Por isso, as pessoas que arranjam isso devem usar essa escada. Como é que elas sobem para onde estás agora?

- Há aqui outra escada! Dá para o chão! Aqui! - excitou-se Joana. - Mas parece que foi posta aqui temporariamente. Por isso devemos ter de nos despachar, nunca sabemos quando é que a tirarão daqui. - disse Joana, já mais séria. Depois voltou para o sítio onde tinha subido para ali e espreitou. - Vocês têm de subir também. Quem vem primeiro?

- É melhor ser ele, porque ele é mais pesado e eu acho que não o consigo puxar. Assim vocês ajudam-me daí, eu sou mais leve. Vai, Filipe, eu ajudo-te daqui. - explicou Fabiana.

Colocou a sua mão a fazer de plataforma para Filipe colocar lá o pé e subir. Joana estendeu os braços e puxou-o pelos pulsos.

- Já consigo subir. - informou Filipe, já com as mãos e o peito no patamar mais alto. Uns vinte segundos depois, já completamente estável, Filipe espreitou e estendeu os braços como Joana. - Fabiana, agarra aqui!

Fabiana agarrou um braço de Filipe e um de Joana, para distribuir o peso. Com algum esforço, lá a conseguiram meter em cima daquilo. Joana levantou-se de repente e dirigiu-se apressadamente à escada.

- Aqui, rápido! - indicou. Filipe desceu para os primeiros degraus da escada a contar de cima.

- Parece estável. - confirmou. Continuou a descer até lá abaixo. Quando chegou ao chão, largou a escada e afastou-se dela. - Podem subir! Fabiana, vem primeiro, que és mais leve!

Fabiana obedeceu, e desceu a escada com o máximo de cuidado possível. Não confiava nela. Quando chegou lá abaixo, para junto de Filipe, sentiu-se aliviada. Olhou para as suas mãos, e reparou que ainda tremiam do medo que sentira ao começar a descer a escada de metal, que ainda porcina não estava fixa, pois era temporária. Filipe, que pareceu reparar nisso, passou o braço esquerdo por trás das costas da amiga e puxou-a ligeiramente contra si, fazendo-a corar. Fabiana ficou sem saber o que fazer ou o que dizer. Decidiu simplesmente não fazer nada e deixar-se ficar.

- Vou descer com as compras. - gritou Joana, que pareceu não ver o que se passava lá em baixo. Começou a descer as escadas, até que Filipe largou repentinamente Fabiana e gritou:

- Nem penses nisso! Essa escada está estável mas é traiçoeira e não está em boas condições. Atira os sacos das compras primeiro e desce depois.

- Mas vão-se estragar! - exclamou Joana.

- Não vão nada. É roupa, não tem lá nada que parta. De qualquer maneira, eu vou tentar apanhar. Faz só um esforço para não mandar para a estrada atrás de nós, se não te importares. - pediu ele. Depois virou-se para Fabiana. - Ajuda-me a apanhá-los, por favor.

- Sim. - disse Fabiana, ligeiramente desiludida. Estar com Filipe tinha ajudado imenso a aliviar, gostaria de ficar com ele mais tempo. Mas a segurança de Joana era mais importante naquele momento, e ela sabia que ele se preocupava com as duas, apesar de tudo.

Joana pegou nos sacos e mandou-os pelo prédio abaixo. Filipe e Fabiana correram para os tentar apanhar, mas, dos três, apenas apanharam o de Joana.

- Ao menos apanharam o meu! - disse Joana, começando a descer a escada. Passou um vento um pouco mais forte, que fez o seu cabelo voar. O da Fabiana levantou ligeiramente e o de Filipe abanou.

- Tem cuidado! - avisou ele. - Segura-te que agora está vento.

- Também, só a mim é que me olha estas tretas que dificultam a descida. - resmungou Joana.

- A Fabiana não é maluca como tu, eu sei que ela tem noção das coisas e não se vai pôr em perigo. - disse Filipe. - Desculpa, mas não passa pela cabeça de ninguém que perceba o risco que corre descer umas escadas temporárias de cinco metros com sacos na mão.

O vento acalmou, e Joana acabou de descer a escada e saltou do penúltimo degrau diretamente para o chão.

- Devíamos sair daqui antes deles perceberem que não estamos lá dentro. - aconselhou Fabiana.

- Tens razão. - concordou Filipe. - Mas para onde?

Então os três adolescentes olharam à sua volta. Decidiram seguir o passeio até uma loja onde se pudessem esconder.

Caminharam até uma rotunda e seguiram em frente, até que chegaram a uma zona habitada. Meteram-se atrás das casas, certificando-se de que tinham vários caminhos para seguir no caso de serem encontrados, e que não se tinham enfiado num beco sem saída. Depois sentara-se no chão encostados à casa e Fabiana tirou o telemóvel da sua mochila.

- Aqui não temos Wi-Fi. - avisou Filipe. - Tens Net móvel?

- Sim. - respondeu ela. - Daqui a uns dias vou receber um pacote novo, por isso já não tenho muita. Mas deve chegar.

Entrou na aplicação "Telemóvel" e, quando esta terminou de carregar, carregou no contacto da tia, no qual tinha uma foto dela num bar de uma praia de camisola amarela de alças e óculos de sol, escolhendo a opção "Ligar". O telefone começou a apitar, e de repente a tia atendeu.

- Estou? Fabiana, o que se passa?

- Tia, tens de me vir buscar. Fomos perseguidos por um homem, fugimos pelo telhado, descemos por um escadote todo mal enjorcado e fugimos para uma área habitada e agora estamos aqui escondidos a tentar arranjar uma maneira de desaperceber daqui, que neste momento és tu.

- Ainda bem q... que t'es bien, on parlerons plus tard. Je viendra à toi. Attends un peu. Je suivrai la localisation de ton téléphone. - disse a tia.

- OK, je t'attends, ainsi. Au revoir. - disse a sobrinha, apressadamente. Depois desligou a chamada. Curioso, Filipe perguntou:

- Porquê que ela estava a falar francês? Deu para perceber, só não sei o que ela disse.

- Ela deve ter percebido que andava lá alguém no Centro Comercial que ela não sabia quem era e, para não arriscar, decidiu falar de forma a que o mínimo de gente possível entendesse, de preferência ninguém. E se estava lá o tolo que nos estava a perseguir? - supôs Joana, baixando a voz. - Se ele

ouvisse a conversa, aconteceria uma destas coisas: ou ele ouvia que nós estávamos aqui e vinha ter connosco; ou percebia pelo tom aflito e por algumas das palavras dela que se passava alguma coisa de anormal e podia relacionar connosco; ou ouvia o que ela dizia e obrigava-a depois a dar informação sobre nós; ou então é um totó e nem se apercebia de nada, o que é pouco porvável. Por isso ela não deve ter arriscado, assim talvez até passe por emigrante e seja logo descartada como hipótese, uma vez que a Fabiana tem nacionalidade portuguêsã, por muitas mais línguas diferentes que saiba falar. Entendeste? Agora, o que ela disse, só a Fabiana nos pode explicar. - continuou Joana, virando-se para a amiga. Esta começou a contar.

- A minha tia disse que já nos vinha cá buscar, e que iria seguir a localização do meu telefone. Ela pode, porque tem o meu contacto. - explicou Fabiana. De repente, o seu telemóvel tocou. Felizmente, era a tia.

- Estou em frente à casa onde estão escondidos. Por favor despacha-te, que eu não posso ficar aqui muito tempo porque estou a entupir a via e isso é obviamente ilegal. Se a polícia me apanha vamos ter problemas.

- Estamos aí em segundos. - descansou-a a sobrinha.

Desligou a chamada, arrumou o telemóvel e foi a correr com os amigos para o carro da tia. Fabiana foi à frente e atrás de si foi Filipe com Joana a seu lado.

- Saí de lá o mais depressa que pude, com medo que ele me visse e me associasse à Fabiana e, já no carro, sempre com muita atenção à estrada, liguei à polícia. Ela já lá deve estar. Disseram-me que iam fechar o Centro Comercial para ele não conseguir fugir e guardaram o meu número de telemóvel, para me dar notícias. - contou a tia. - Mas agora o meu dever é levar-vos para um local seguro sem ser a vossa casa, porque não temos a certeza de que não estamos a ser seguidos.

- Obrigado por nos ajudar a sair desta alhada. - agradeceu Joana. - E peço desculpa, eu não contei com o facto de sermos conhecidos no país. Agora levo sempre alguém comigo.

- Tem calma, todos cometemos erros. O importante é aprendermos com eles para que estes não se repitam. Não precisas de ter sempre um guarda-costas contigo, vocês já são grandinhos. Basta andar alguém nos mesmos sítios que vocês, e vocês fazem de conta que essa pessoa não está lá. Vais ver que até te esqueces de que estás sozinha. Só te lembrarás quando precisares dessa pessoa. - explicou a tia.

- OK, obrigada pelo apoio. - agradeceu Joana, um pouco espantada com o carisma da tia da Fabiana.

Os quatro percorreram mais ao menos meia hora de viagem. Ao sair do carro, tiveram extremo cuidado, olhando em sua volta várias vezes para ter a certeza de que não havia ninguém suspeito por ali.

A tia Mara rodou a chave para abrir a porta de sua casa, sempre com um olho no burro e o outro no cigano, como se costuma dizer. Os quatro entraram, fechando a porta à chave o mais depressa possível.

- Pronto, estejam à vontade. - disse a senhora Mara. - À partida estamos seguros aqui. Vou ligar aos vossos pais para que vos venham buscar.

Os três adolescentes foram para a sala de estar falar sobre o possível interesse do seu perseguidor.

- Como nós somos conhecidos, se calhar queria que lhe prestássemos algum serviço relacionado com isso. - supôs Filipe.

- Não sei. - pensou Joana. - Talvez. Pode estar diretamente relacionado com a banda.

- E se ele quisesse ficar com os lucros? - disse Fabiana. - Hoje em dia, o dinheiro é o objetivo de quase todas as pessoas psicologicamente mais limitadas.

- É provável... - sussurrou Joana. De repente, a porta abriu-se e a tia entrou.

- A polícia ligou e disse que apanharam o homem! Ele denunciou-se e admitiu que queria ficar com vocês para controlar a banda e ficar com o dinheiro que ela vos dava. aproveitou o facto de serem menores e de estarem sozinhos. Os polícias dizem que ficaram impressionados com a forma como vocês lhe escaparam. Foi fenomenal!

- Felizmente. - disse Fabiana, aliviada.

- Ah, e já liguei aos vossos pais. Daqui a meia hora estão aqui para vos virem buscar. - depois virou-se para a sobrinha. - Fabiana, como os teus pais estão a trabalhar e a tua avó está em casa com o teu irmão, eu vou levar-te casa depois de os pais deles chegarem, está bem?

- Sim. - concordou Fabiana.

E assim foi. Depois de a mãe de Filipe e o pai de Joana levarem os filhos para casa, a tia foi de carro levar a sobrinha a casa.

- Até à próxima! - despediu-se ela, depois de cumprir o prometido.

- Boa viagem! - disse Fabiana, já em sua casa a preparar o lanche. A tia saiu e fechou a porta, deixando a sobrinha com a avó paterna e o irmão Carlos. Depois de lanchar, foi ao site oficial da sua banda dos 3nagers e, com a autorização de todos os membros, decidiu mudar a fotografia que tinham por uma em que todos estavam de óculos de sol e chapéu, só para prevenir.

Capítulo XIV - O Espetáculo

Fabiana sentiu que aquela foi das semanas mais emocionantes que já vivera. Depois daquela aventura, saber que estava a dois dias de um concerto público para muitas pessoas era enervante, até porque foi por causa da banda que vivera aquela aventura no Centro Comercial. Não por causa dos espetáculos, pois ainda só tinham dado um, mas pelo simples facto de as fotografias que colocaram no site depois de terem ganhado alguns ouvintes mostrarem bem como eles eram, o que fazia com que fossem reconhecidos facilmente por qualquer pessoa. Mas isso já estava corrigido, pois Fabiana aprendia sempre com os seus erros.

O concerto... Já não era nada de novo para nenhum dos amigos. Mas estavam cansados, e não apetecia. Apesar de tudo, haviam ensaiado todos os dias desde as férias e três vezes por semana ainda durante a escola, algumas semanas antes do espetáculo, sempre na empresa do pai da Fabiana. Além disso, já estava marcado, não podiam simplesmente desmarcar só porque não apetece ir. Começaram a preparar as coisas, porque sabiam que o entusiasmo ia surgir quando subissem ao palco.

Duas horas antes, Fabiana vestiu-se e preparou-se para atuar: vestiu o vestido com as estrelas e os planetas que comprara com os amigos, o que até fazia sentido, porque uma das suas músicas chamava-se "Orientação Espacial"; Colocou os seus brincos de ouro branco preferidos das estrelas prateadas, com o colar e a pulseira a condizer; Apanhou o cabelo numa trança e colocou-a à frente, depois de colocar estrelinhas prateadas ao longo da trança; Vestiu umas meias-calças finas azul marinho; calçou umas sabrinhas prateadas e colocou excepcionalmente os seus óculos de armação prateada, que tinha

como sobreceletes. Pintou ainda umas ligeiras sombras azuis escuras nos olhos.

Em sua casa, Joana vestiu-se mais à antiga: decidiu usar o vestido vermelho que comprara com os amigos, com um lacinho com o mesmo padrão no cabelo solto e umas meias-calças brancas e uns sapatos de fivela azul marinho.

Filipe levou a camisa do espaço e umas calças brancas a contrastar com a armação preta dos óculos redondos com os quais andava habitualmente. Calçou umas meias brancas e os sapatos brilhantes pretos. Pôs gel no cabelo e teve o cuidado de fazer pormenorizadamente o ligeiro bigode que tinha de eliminar frequentemente.

Os três encontraram-se no sítio do espetáculo, quarenta e cinco minutos antes deste começar. Os pais levaram-nos lá e voltaram para casa para se arranjamem antes de voltarem lá para assistir com orgulho ao concerto dos filhos.

Depois de organizarem as pautas e afinarem os instrumentos, começaram o ensaio geral. Os técnicos do som e da luz estavam no seu sítio a testar o equipamento. Os três amigos subiram então ao palco para começarem o ensaio.

Fabiana bateu no microfone e cantou a nota Dó, enquanto os técnicos ajustavam o volume das colunas. Depois tocou a corda Mi da sua guitarra, e eles afinaram o som do microfone que amplificava o seu som. Fizeram o mesmo para o piano de Filipe e para o acordeão de Joana, embora este tivesse sido configurado para amplificar menos o som do acordeão, pois este dava um som mais alto do que os outros dois instrumentos. Fabiana aproveitou os testes de som para afinar a guitarra com o seu afinador eletrónico.

Quando já estava tudo a funcionar como devia, decidiram começar os ensaios. Tocaram por ordem todas as músicas que iriam tocar no espetáculo, conseguindo ainda corrigir algumas

imperfeições na música antes da porteira entrar na sala e dizer:

- Meninos, já estão ali à espera de entrar.

- OK, obrigada. - agradeceu Fabiana. - Dê-nos uns dez minutos e depois pode deixá-los entrar. Se quiser dar mais ao menos cinco minutos, pode dar, está à vontade.

- Sim, obrigada. - respondeu a porteira, voltando a sair pela porta.

Fabiana e Joana arrumaram os seus instrumentos e os três pegaram nas suas pautas e foram para uma sala atrás do palco. Lá as raparigas voltaram a tirar os instrumentos e pegaram neles, deixando lá as caixas. Todos com as pautas na mão e as raparigas a segurar cada uma o seu instrumento ao peito, colocaram-se atrás da cortina. Os técnicos já tinham apagado as luzes e a sala encontrava-se escura. Passados uns minutos, em que os elementos da banda estiveram a falar sobre a entrada, as luzes da plateia acenderam-se e o público começou a entrar na sala ordenadamente. Quando já todos estavam sentados, as luzes apagaram-se e o edifício voltou a mergulhar numa escuridão ligeira, em que as pessoas ainda se viam umas às outras com alguma facilidade.

A banda esperou uns minutos antes de entrar, na tentativa de acalmar os nervos. Respiraram fundo, recapitularam muito baixinho a ordem de entrada definida entre os três e entraram. Fabiana primeiro, Joana veio depois, atrás de si e Filipe atrás da colega, em último lugar. Mal os viram, o público começou a bater palmas e as luzes do palco acenderam. Ao chegar ao seu lugar (Fabiana no centro com a guitarra e o microfone, Filipe ao piano do lado direito da Fabiana e Joana do seu lado esquerdo), os três esperaram uns segundos e fizeram uma vénia todos ao mesmo tempo. Depois, Fabiana pegou no microfone e começou por dizer:

- Boa noite!

O público começou novamente a bater palmas. Fabiana esperou um pouco e depois continuou.

- Muito obrigada por terem vindo. Relembro já que o dinheiro que ganhamos com os bilhetes é repartido por nós e usado nos nosso projetos para melhorar este mundo, e para que um dia possamos todos, especialmente os que agora são mais novos, ter um mundo limpo, bonito e habitável para viver. Por isso, obrigada pela vossa contribuição.

Todos aplaudiram outra vez.

- Vamos começar, então. Mais uma vez, obrigada.

A banda preparou-se para começar a tocar, enquanto as pessoas bateram as palmas mais uma vez, até ouvirem a voz da Fabiana a cantar.

Os três tocaram e cantaram várias das suas músicas lindas, todas originais e compostas pelos três jovens. Até que Fabiana fez uma pausa maior depois de uma das músicas, dizendo:

- A música que vamos tocar a seguir é para desejar uma boa sorte aos casais aqui presentes.

Depois começaram a tocar e a cantar uma das suas músicas mais conhecidas, "Amor Pintado", que falava de uma rapariga que pintou a uma rapaz um quadro que representava o amor que sentia por ele, e que esse casal nunca mais se separou.

Continuaram a tocar as suas canções mais recentes e conhecidas, sem as dedicar a ninguém em particular. Às vezes, diziam às pessoas para cantarem o refrão algumas vezes, continuando depois eles a cantar.

O espetáculo acabou uma hora depois de começar, às dez da noite. O público começou a sair, e alguns miúdos mais novos vieram ter com eles para pedir autógrafos. Depois de toda a gente deixar a sala, Fabiana, Joana e Filipe foram à sala

onde tinham deixado as suas coisas, arrumaram-nas e foram cada um para sua casa.

Claro que, assim que chegaram às onze da noite, a única coisa que fizeram foi comer qualquer coisa e dormir para recuperar as horas de sono perdidas, e para estarem bem no dia seguinte e poderem aproveitar a próxima semana de férias ao máximo.

Capítulo XV - Simpatia e Surpresa

O terceiro período escolar começou com a sorte do lado dos professores. Os alunos pareciam ter descansado e estavam muito mais calmos e bem-comportados. Até os alunos que costumavam ser problemáticos subiram as notas e melhoraram o seu comportamento e empenho. Mas isso não impediu os alunos excelentes de ficarem ainda melhores, muito pelo contrário. Todos seguiram o mesmo exemplo.

Fabiana, apesar de ter descansado da escola e da aventura que tivera quando esta acabou, sabia que a esperavam semanas complicadas e cansativas, com todas as suas atividades extracurriculares e os seus testes e exames. Apesar de gostar de todas as atividades que frequentava, provocavam-lhe um cansaço a longo prazo que só as férias do verão eram capazes de reparar.

Mas decidiu encarar as coisas de uma forma positiva, como costumava fazer: iria mudar de ciclo e a vida no conservatório iria mudar bastante, por isso devia aproveitar este último período escolar em todos os sentidos o melhor que conseguisse.

No conservatório, os alunos festejavam o final do ciclo e falavam nesse assunto uma data de vezes. Fabiana não conseguia perceber o porquê de tanta festa. Afinal, já tinham mudado de ciclo três vezes, e nunca os vira a fazer tanta fita. Talvez se sentissem contentes por começar a pensar na profissão que iriam seguir e na sua área.

O terceiro período escolar daquele ano passou depressa, e rapidamente se aproximavam os exames nacionais para Fabiana e as provas de aferição para Filipe e Joana. Todos deram o

seu máximo, principalmente Fabiana, que sentiu que nunca tinha estudado tanto na sua vida.

As aulas de Português e Matemática de a preparação para os exames nacionais de final de ciclo estavam quase a começar. As aulas normais terminariam em breve para todas as outras disciplinas, o que deixou Fabiana em baixo, pois adorava todos os professores que lhe tinham calhado naquele ano. Não os queria deixar. Mas teve de esquecer isso para se comçar a preparar não só para os exames da escola, mas também para as provas de Instrumento e Formação Musical do conservatório de música que frequentava.

Depois de ir buscar o Carlos à escola, no último dia de aulas do conservatório e na véspera do fim de semana antes do início das aulas de preparação para os exames da escola, Fabiana foi com o seu irmão ao conservatório que ambos frequentavam fazer as provas. Como tocavam instrumentos diferentes, ela devia ir levar o irmão à prova de instrumento dele e depois chamá-la-iam para fazer a sua. Mas a do irmão atrasou uns quinze minutos, e Fabiana tinha medo de o deixar sozinho no conservatório sem a supervisão de um adulto. Quando a chamaram, ela disse à professora vigilante que a veio buscar onde estava:

- A prova dele devia ser antes da minha, mas atrasou e eu não o quero deixar aqui sozinho. Posso fazer a minha mais tarde?

- O horário foi assim definido. E, além disso, a pessoa que fará a prova depois de ti ainda não chegou. - retorquiu a professora. - Deixa-o aí, que ele não foge. Já é crescido.

Um pouco a medo, Fabiana abraçou o irmão e disse-lhe baixinho:

- Não saias daqui, são só uns minutinhos. Eu já volto.

Seguiu a professora, olhando sempre para trás. O irmão ficou com uma cara um tanto assustada e apreensiva, o que fez

Fabiana ficar ainda mais preocupada com ele. Até que, inesperadamente, viu Filipe descer as escadas e colocar-se ao lado do irmão. Ele olhou para o lado, ainda a tempo de a ver virar a esquina ao lado da professora. Reparando na sua preocupação, fêz-lhe um "like" com a mão direita levantada e começou a falar para o Carlos.

Sabendo que o irmão estava com alguém responsável em quem confiava, sentiu-se mais relaxada e na prova deu tudo o que tinha e mostrou tudo aquilo que podia mostrar. Não conseguiu ser perfeita, pois tinha ficado preocupada e ainda não estava totalmente relaxada quando fez a prova, mas correu-lhe melhor do que esperava depois daquela situação.

Quando saiu, a sua professora de Formação Musical foi ter com ela e chamou-a, pois o aluno que deveria estar a fazer a prova àquela hora iria faltar. Então Fabiana decidiu ir lá e despachar as provas o mais depressa possível, para ficar relaxada e não ter de lá voltar.

Fez o teste e a prova e saiu da sala a correr de encontro ao sítio onde estava o irmão. Mas, quando lá chegou, só viu Filipe. Sentou-se no fundo das escadas a seu lado e perguntou-lhe, com a respiração ligeiramente acelerada da corrida que dera para lá chegar:

- O meu irmão?

- Entrou há uns minutos para fazer a prova. Deve estar quase a acabar. - respondeu ele.

- Muito obrigada por teres tomado conta dele. - agradeceu ela, aliviada. - Estava com medo que ele se fartasse de esperar e se metesse noutra sítio qualquer...

- Não, eu estive aqui a jogar à "Sardinha" com ele. - explicou Filipe. - Só que ele fartou-se de perder sempre e então depois jogámos ao "Pedra, Papel, Tesoura" e ao "Palito" e ele depois lá começou a ganhar e a achar piada.

- Sabes que quando se toma conta de uma criança pequena não podes ganhar sempre. Deves deixá-la ganhar algumas vezes para a motivar, se não ela frustra, farta-se e faz birra. - disse Fabiana. - O meu irmão não é assim tão mau nesse aspeto, mas de qualquer maneira ficas a saber porque isso é importante. De qualquer forma, impediste-o de se meter em problemas. Obrigada.

- De nada.

- Afinal, porque é que estás aqui?

- Eu frequento isto desde o terceiro ano da escola.

- A sério? Não me lembro de te ver cá... Pensei que andasses noutra conservatório sem ser o meu.

- Nem eu. Eu tenho aulas nestes dias. - disse Filipe, tirando o horário do bolso das calças. - Juntei o horário da escola e do conservatório e fiz um completo no computador. Depois imprimi.

- Eu escrevi por cima do da escola as aulas daqui. Estava com perguiça no início do ano. - disse Fabiana. Depois focou-se no horário que o amigo lhe mostrava. - Eu não tenho aulas aqui nesses dias. - concluiu. - Não nos devemos cruzar.

- Pois. É possível. - concordou Filipe.

Nesse momento, Carlos chegou a correr e atirou-se para os braços da irmã, que quase bateu com as costas no degrau superior àquele onde estava sentada.

- Mana! - gritou ele. - Então, correu-te bem?

- Sim, correu. - respondeu Fabiana, numa voz abafada. Depois largou o irmão e recompôs-se. - E a ti?

- Muito bem! Só me enganei uma vez! E na de Iniciação só falhei duas perguntas no teste! - exclamou ele, entusiasmado. - A mamã vai ficar tão feliz!

- Sim. Agora vamos para casa. Bom fim de semana, Filipe, e muito obrigada pela ajuda. - disse ela.

- De nada. É bom fim de semana para ti também! - respondeu ele, acenando-lhe.

Fabiana retribuiu-lhe o aceno, saindo pela porta com o Carlos pela mão. Filipe corou, ficando a olhar para a porta até ser chamado pelo seu professor para a prova de piano.

Fabiana foi a pé para casa, com o irmão pela mão. A certa altura, o Carlos perguntou-lhe:

- Qual é a música que gostas mais?

- Das que canto na banda?

- Não. De todas.

- Eu tenho no meu blog a homenagear o cantor que a escreveu. Ele é um génio. - disse Fabiana, tirando o telemóvel da carteira e emprestando-o ao Carlos. Este foi ver o site da irmã.

- Ah, este. Sim, também gosto dele. Mas eu pensei que era das tuas músicas que tu gostavas mais. - afirmou o Carlos.

- Há sempre alguém melhor do que nós. - explicou Fabiana. - Eu, pessoalmente, acho todas as músicas dele melhores que as minhas. É verdade que também tem mais experiência, mas mesmo assim.

- OK. Mas as tuas músicas também são muito fixes.

- Obrigada. É sempre bom ter quem nos apoie. - disse Fabiana. O irmão sorriu.

Os dois foram para casa e a rotina repetiu-se pela última vez para Fabiana. A partir dali até às férias do Verão, tudo seria ligeiramente diferente.

Capítulo XVI – Os Exames

Durante o fim de semana que antecipava as duas semanas de preparação para os exames, Fabiana reorganizou a secretária para facilitar a tarefa, arrumou todos os livros exceto os de Português e Matemática, tirou do estojo da escola os materiais específicos para certas disciplinas que não fossem Português e Matemática, foi comprar livros de preparação para os exames com a matéria dada durante todo o ciclo e colocou-os também na sua secretária e começou a rever toda a matéria de Português e Matemática desde o início do sétimo ano.

Durante aquelas duas semanas, fez mais perguntas ao professor e estudou mais do que o resto do nono ano inteiro. Em casa, não fazia mais nada senão estudar. Estudava às refeições, antes de ir dormir e chegava a ficar até à uma da manhã a estudar na secretária. Os vizinhos diziam que ela era maluca.

A verdade é que Fabiana queria poder chegar à altura de escolher a profissão ou a área e poder escolher o que quisesse, independentemente da média. Então queria ter a média máxima, ou o mais próximo disso que fosse capaz. Assim teria a certeza de que escolhia algo de que gostasse.

As semanas iam passando e, por mais que estudasse, Fabiana sentia sempre que ainda lhe faltava saber qualquer coisa. Os professores ficaram espantados com o que ela já sabia, pois passava a maior parte da aula com a mão no ar, ao ponto de chegar a ficar com o braço dormente por os professores deixarem de a chamar para tentar dar a oportunidade aos outros alunos. Como eles muitas vezes não sabiam a resposta, Fabiana punha a mão no ar e esperava que os professores se fartssem de ouvir disparates e a chamassem para ouvirem a resposta correta.

Chegou o dia e, por mais nervosa que estivesse, Fabiana sentiu que era quase a mesma coisa do que as provas de aferição que fizera no ano passado, mas mais rigorosas ainda.

Entrou na sala quando o professor mandou e, depois deste abrir o envelope com as provas e as distribuir, Fabiana começou a fazer logo que ouviu o professor dizer que já era para começar.

Leu o exame uma vez e conseguiu fazer todas aquelas páginas em apenas quarenta e cinco minutos. Tinha a matéria na ponta da língua, e achou o exame difícil, pois tinha muitas perguntas indiretas. Até se assustou a si mesma quando acabou a prova e olhou para o relógio. Por isso reveu-a umas dez vezes e, vendo que ainda faltava muito para o tempo acabar, reveu-a novamente até o professor lha tirar das mãos.

Saiu da sala toda a transpirar, ainda mais do que na prova do oitavo ano, mas sabendo que deu o tudo o que podia e que fez o possível, e talvez o impossível.

Foi para casa aliviada, pois tinha menos um peso e uma tarefa diária. Já passara, já não precisava de estudar e podia simplesmente não pensar mais nisso até saírem os resultados.

Capítulo XVII - A Festa

Os exames passaram e a escola terminou oficialmente para Fabiana. Só teria a sua festa de final de ciclo, uns dias depois dos exames.

A escola onde andava só tinha até ao nono ano, por isso os finalistas do terceiro ciclo faziam uma festa de despedia, em que podiam escolher um ou uma acompanhante. Como os seus amigos ainda estavam no oitavo ano, não só não podiam ir à festa como também deixariam de ver Fabiana quando ela mudasse de escola, pois à partida permaneceriam naquela. Por isso, Fabiana gostaria de poder escolher os dois amigos como acompanhantes, e tinha de tomar uma decisão para informar que iria à festa e marcar o seu lugar e do/a seu/sua acompanhante.

Passou a semana inteira a pensar no assunto e, ainda sem decidir, foi dois dias antes com a sua mãe escolher um vestido.

Foram a uma loja de roupa de festa e acharam tudo muito extravagante. Fabiana deu uma volta à loja, pegando nas peças do seu tamanho dos modelos que gostava mais. A certa altura, a mãe, com um vestido verde vivo e fluorescente comprido até aos tornozelos e cheio de brilhantes na mão, propôs:

- Filha, gostas deste? Eu acho-o muito giro.

Fabiana virou-se para ela, olhou para o vestido de cima abaixo e encolheu os ombros, dizendo:

- Não o achas muito extravagante? Toda a gente vai reparar em mim, e eu prefiro passar despercebida e não chamar muito a atenção. Assim evito críticas.

- Mas não gostas que as pessoas te elogiem? - perguntou a mãe. O sorriso que surgira no seu rosto quando vira o vestido desapareceu com a resposta da filha.

- Mas nem toda a gente dá críticas positivas. Infelizmente, eu não sei muito bem porquê pareço que atraio as críticas negativas de deitar abaixo gratuitamente. Por isso prefiro que ninguém note em mim e que fique apenas com a opinião daqueles em quem confio. Pode ser?

- Faz como te sentires melhor. - apoiou a mãe, voltando a pendurar o vestido no cabide.

Passados alguns minutos, Fabiana disse:

- Acho que já vi tudo. Vou experimentar estes, que eu gostei.

- Leva também os que eu tenho. - aconselhou a mãe. - São discretos e bonitos. Acho que vais gostar.

Fabiana pegou neles e deu uma olhadela a todos, passando-os de cima para baixo do monte.

- A sério, mãe. Vermelho? - resmungou Fabiana. - Isso não é discreto. Discreto é cores escuras ou muito claras. - explicou Fabiana, mostrando à mãe os vestidos que escolhera. Esta ficou um pouco triste com a escolha da filha, mas encolheu os ombros.

- De qualquer maneira, experimenta para ver se gostas, pode ser? - pediu calmamente a mãe.

- OK. - disse Fabiana, dirigindo-se para o provador.

A mãe ficou à sua espera cá fora, espreitando para ver a filha com os vestidos. No fim, Fabiana saiu de lá e foi pendurar os vestidos que excluía logo, enquanto tentava responder às perguntas impacientes da mãe.

- Já escolheste? - quis saber a senhora Maria, curiosa. - Gostaste de algum dos que te dei?

- Gostei do vermelho, mas o que eu gostei mais e acho que é esse que eu vou levar é este azul marinho. É discreto e rodado, apesar dos brilhantes que tem na parte de cima, que também não são muito chamativos. É simples e bonito. Quando eu o vi nos cabides, gostei muito dele e levei-o quase sem pen-

sar. Como não é muito comprido, pensei que ao início não irias gostar...

- Por acaso é. - admitiu a mãe. - E eu gosto dele curto, por acaso achei que te ficava muito bem. E é todo coberto em cima, assim não passas frio. E não é muito caro.

- Pois não, está em promoção. - informou Fabiana.

As duas compraram o vestido azul e foram para o carro elétrico para dar uma volta e ver acessórios. Durante a viagem, a mãe perguntou à filha:

- Fabiana, já te decidiste sobre quem vais levar?

- Sei lá... Eu queria ir com os dois, mas não dá... Estou inclinada para levar a Joana...

- A sério? Já pensaste como é que o Filipe se vai sentir?...

- Se fores por aí, deixas sempre alguém triste... Eu acho que ele vai compreender. Não sei porquê, mas eu estou mais à vontade para ser eu com a Joana do que com ele... Ela é muito fixe. São os dois, mas... Isto enerva!...

- Eu sei que é difícil, mas vais ter de escolher. Até é bom, pois vais ter de tomar muitas decisões difíceis na tua vida, e isto até serve de treino e para te ambientares. Já vais para o secundário, daqui a nada és adulta e terás de tomar as tuas decisões, porque a partir dos dezoito anos já não podemos fazer grande coisa em relação a isso.

- Mãe, eu sou dois anos mais nova.

- Está bem, mas cresces igual aos outros e um dia vais fazer dezoito anos como toda a gente e não podes estar à espera que nós tomemos as decisões por ti.

- Eu sei, mas parece que eu fico triste escola eu quem escolher, pois desiludo sempre alguém.

- De certeza que o Filipe pensa como tu e vai compreender a tua decisão. Tens é de ligar à Joana a avisar, a festa é depois de amanhã. Já te increveste?

- Sim, pedi para mim e para quem eu escolhesse, na altura ainda não sabia quem iria comigo. Vou levar a Joana, se eu não me despacho ela ainda marca alguma coisa para o dia e depois eu vou é sozinha.

- Tens razão, corres esse risco. Fazes bem.

Foram a umas lojas ver um colar e uns brincos que combinassem com o vestido. Acabaram por trazer também uma um anel e um laço azul para o cabelo.

Chegando a casa, Fabiana foi lavar o vestido para o tanque e pô-lo a secar para conseguir usá-lo no dia e depois mais tarde talvez na comunhão do irmão Carlos e em outras festas em que participasse.

Depois, segura da sua decisão, ligou a Joana.

- Estou? - disse ela.

- Olá, é a Fabiana.

- Ah, olá! Já há uns dias que não nos vemos. Estou a ficar com saudades...

- Se com uns dias já tens saudades então com um ano...

- Nós podemos falar pelo telefone e marcar uns encontros durante o ano, certo?

- Claro. Eu apoio a cem por cento.

- Ah, já agora, já te decidiste sobre o teu par para tua a festa de final de ciclo?

- Pois, sim. Foi por causa disso que eu te liguei. Gostaria que fosses comigo. Aceitas?

- Eu?! A sério?! - exclamou ela, parecendo excitada e comovida ao mesmo tempo e dando gritinhos agudos de felicidade. Depois fez um momento de silêncio e perguntou:

- E então... e o Filipe? Muito sinceramente, pensei que o irias levar a ele...

- Eu sinto-me mais à vontade contigo do que com ele. Não sei porquê.

- Tu tens algumas reações que me fizeram pensar que talvez o achasses fixe.

- Como assim?! - perguntou Fabiana, corando.

- Tipo... eu notei que ficaste com ciúmes quando eu comecei a fazer-lhe cócegas. Pareceu-me que ficaste revoltada contigo própria quando percebeste isso, porque tu gostas de mim e não querias ter ciúmes e ser má comigo.

Fabiana ficou pensativa, até chegar à conclusão de que a amiga estava certa.

- Eu não... Como é que sabes?! E porquê?!

- Fabiana, tu és demasiado transparente e bondosa para esconder seja o que for de toda a gente. Eu não sou nenhuma vidente, apenas uso o que tu me mostras para tirar conclusões. Agora, porquê que sentiste assim, eu tenho um palpite, mas só tu podes responder a essa pergunta com precisão.

- O que é que tu achas?

- Se for o que eu acho, pensa melhor que tu chegas lá.

- Hã?!?

- Ah, e pensa melhor sobre quem queres levar à festa. Eu não me importo de não ir, e acho que o Filipe ia ficar muito feliz por ir contigo à festa.

- Eu sei que és muito altruísta, mas esta decisão já foi difícil de a tomar, não preciso que a tornes mais complicada ainda.

- Se não o quiseres levar, eu vou contigo, gostaria muito de ir. Mas acho que o Filipe iria gostar ainda mais. Pensa bem. Eu vou acabar de plantar estas flores no meu jardim e depois ligo-te para saber a tua decisão. Até logo!

- Até logo. - disse Fabiana, baixinho.

Desligou a chamada e sentou-se no sofá. A confiança que tinha na sua decisão desvaneceu-se e a dúvida voltou a surgir. Decidiu ir falar com a mãe, e foi ter com ela ao escritório onde

ela estava a fazer o menu do restaurante para a semana seguinte.

- Mãe, eu liguei à Joana e ela disse-me para pensar melhor na minha decisão. Eu já não sei o que fazer. Quem é que achas que eu devo levar?

- Leva quem tu bem quiseres.

- Eu queria levar a Joana, mas a conversa dela fez-me pensar. Ela tem uma capacidade de persuasão das pessoas que me mete confusão. Mãe, ajuda-me...

- No fundo, ela está a dar o seu lugar ao Filipe, e está a tentar fazer o melhor por vocês os dois. Ela não dizia isso se não achasse que tu não te irias divertir mais com ele. Confias na tua amiga?

- Ela é realmente muito simpática em dar o seu lugar ao amigo. Eu vou à festa com ele, mas só porque ela pediu. - disse ela. A mãe sorriu.

De repente, o telefone da Fabiana tocou. Ela tirou-o do bolso das calças e viu que era um número desconhecido. Desligou a chamada. Mas, quando estava a guardar novamente o telemóvel, recebeu uma mensagem. Revirou os olhos e voltou a pegar no telemóvel. Carregou na notificação e viu uma mensagem do mesmo número que lhe tinha ligado que dizia "Olá Fabiana! Sou o Guilherme da tua turma. Falei com a Sara e ela deu-me o teu número. Mandas-me o contacto da miúda com quem choquei quando ela se mandou contra mim? Gostaria de falar com ela. Obrigado."

Claro que a primeira coisa que Fabiana fez foi voltar a ligar à Joana a pedir autorização.

- Sim?

- Já?! Pensei que irias demorar mais tempo! - retorquiu Joana.

- Não é isso. O Guilherme pediu-me o teu número. Posso dar-lho?

- A sério? Ele pediu mesmo?!
- Ya.
- Podes dar, claro que podes.
- É que ele disse que queria falar contigo.
- Manda, que eu confirmou que é ele.
- OK, obrigada. Até logo!
- De nada. Até logo.

Fabiana desligou a chamada e enviou o contacto da amiga ao colega. Ele agradeceu-lhe e Fabiana pôde finalmente continuar a falar com a mãe.

- Era um colega meu a pedir o número da Joana. Eu liguei-lhe e ela disse para lho dar, que conseguia perceber se era ele ou não. - antecipou-se Fabiana, pois sabia que a mãe era muito curiosa e que de certeza iria perguntar. - Agora vou ligar ao Filipe. - continuou, já mais confiante.

- Estás aí? Ah, olá Filipe.

- Olá. Que se passa?

- Era para perguntar se querias ir comigo à festa daqui a dois dias.

- Então e a Joana?

- Eu ao início pedi-lhe a ela mas ela insistiu que eu fosse contigo porque disse que tu gostarias mais de ir do que ela.

- Pois, aquela miúda é muito altruísta. Claro que eu vou contigo! - disse ele, num tom animado. - Mas se quiseres ir com a Joana, estás à vontade.

- Não, ela tem alguma razão. Eu já estou um pouco mais segura do que estou a dizer. Também é um pouco por ela, mas eu confio na Joana.

- OK, mas se mudares de ideias podes sempre dizer.

- Sim, muito obrigada. - agradeceu ela, sentindo-se mais entusiasmada por ir com o amigo. - Vemo-nos na festa, então.

- Até lá! Eu vou acabar o jogo que estou a programar. Estou mesmo no fim.

- OK, boa sorte. Até logo!

Fabiana desligou a chamada, mas logo o telefone começou a tocar. Era Joana. Mas depois desligou-se, sem lhe dar tempo de atender. Preocupada, Fabiana voltou a ligar à amiga.

- Joana? Que se passa?

- Hã... Nada, nada.

- Então porque é que me ligaste?

- Mudei de ideias. - disse ela, animada. - É verdade, já te decidiste?

- Sim, vou com o Filipe. Confio em ti.

- Ainda bem. Vêmo-nos mais tarde, então! - exclamou Joana, desligando a chamada.

Fabiana franziu o sobrolho estranhando. A única coisa que percebera fora que dali a dois dias iria a uma festa com o colega. Acerca de Joana, não percebera nada.

No dia seguinte, Fabiana foi ao cabeleireiro de manhã para arranjar o cabelo. Com cuidado para não o desmanchar muito, durante a manhã e parte da tarde esteve a escrever outra música para a sua banda, e tencionava mostrar a Filipe na festa.

Uma hora e meia antes da festa, foi vestir o vestido, ajeitou o laço azul no cabelo, colocou os fios, as pulseiras, o anel e os brincos e pintou ligeiramente os olhos de azul escuro com brilhantes. Só fazia isso em dias de festa.

Depois de preparar a mala e o casaco, a mãe foi levá-la à festa.

- Vocês os quatro vão divertir-se tanto na festa a dançar e eu vou ficar em casa a trabalhar. - disse a mãe na brincadeira.

- Nós... os quatro?! Como assim?! - quis saber Fabiana.

- Sim. Tu, o Filipe, a Joana e o Guilherme.

- A Joana?! Ela vai?! Ninguém me disse nada?!

- Ela não te disse? A mãe dela ligou-me ontem e estivemos a falar. E ela disse que o Guilherme da tua turma tinha convidado a Joana para ir com ele. Ela também me disse que a filha contou depois de dizer sim, porque pelos vistos ela achá-lhe piada e foi uma maneira de ir contigo e com o Filipe.

- Uau, que fixe! Vai ser ainda melhor com ela! Vou pregar com ela por não me ter dito nada. Ficaria muito menos triste se soubesse que ela estivesse lá. Eu estava aborrecida com a ideia de ter de deixar um deles para trás.

- Mas não vais deixar. - disse a mãe, parando o carro. - Vai lá e depois conta-me como foi. Sabes que eu adoro ir a esse tipo de bailes com música popular. Diverte-te e até logo!

- Eu também. Até logo, mãe! - exclamou Fabiana, saindo do carro em direção à escola festivamente iluminada. Entrou e desceu as escadas.

Quando chegou ao pavilhão de desporto da escola, onde era a festa, ficou espantada. Aquele espaço desportivo fora temporariamente transformado num salão de festas e numa pista de dança. Os alunos dançavam de como lhes apetecia, como se ninguém os visse: sozinhos, com o seu par, e alguns dançavam de uma forma tão maluca e tão esquisita que era de espantar nenhum espartinho os criticar. Esse ambiente fez com que Fabiana tivesse vontade de dançar como fazia em casa com a mãe. Gostava muito de dançar assim, mas dançava mal. A mãe dizia-lhe que não se dançava como ela fazia, mas era daquela maneira que Fabiana gostava de dançar a dois.

Olhou em volta para procurar os seus amigos, e viu a Joana a dançar com o Guilherme. Dançava muito bem, mais ao menos como a mãe lhe dizia para fazer. De uma maneira divertida e cansativa, aos saltinhos. No fundo, era uma mistura da dança agitada e incorreta que gostava de fazer com a dança certinha e tradicional da mãe. Ficava bem e parecia fixe. A

música acabou e foi sem hesitar ter com a amiga, que estava curvada com as mãos sobre os joelhos, parecendo cansada.

- Hey! - gritou, a uns metros dela. Joana levantou-se, acenando-lhe.

- Olá, Fabiana! - exclamou ela, correndo para ela e abraçando-a. - Então?

- Não me disseste que vinhas!

- Queria fazer efeito surpresa. Eu liguei-te para te contar, mas depois pensei que seria mais fixe surpreender-te. Sabia que estavas triste por eu não poder vir, e lembrei-me de ti quando o Guilherme me convidou para o acompanhar. Disse que sim não só porque gostaria de ir com ele mas também para estar contigo.

- Obrigada!

Outra música alegre começou e Guilherme veio ter com Joana.

- Queres dançar? - perguntou ele, educadamente.

- Estou cansada, espera um bocadinho! - pediu ela.

- Quando quiseres, estou aqui a dançar sozinho. - disse Guilherme. Virou costas e começou a dançar sozinho no meio dos pares na pista de dança.

- Ele é tão fixe. - elogiou Joana, virando-se para a amiga. - O Filipe?

- Sei lá. Eu cheguei agora, já o procurei e não o vi. Deve estar a chegar. - respondeu Fabiana. Passados uns segundos, disse: - Estás tão gira!

- Obrigada, tu também! - garantiu Joana.

Ela trazia um vestido comprido armado, com um pano sintético e transparente por cima da saia vermelha opaca. Em cima, o vestido tinha umas mangas transparentes e o resto de um tecido vermelho simples. Amarrara o seu cabelo numa trança e colocara flores em todo o cabelo avermelhado.

- Podes pousar as tuas coisas junto com as minhas e do Guilherme. - propôs ela, apontando para um canto no meio das mochilas dos colegas e reparando que Fabiana ainda tinha o casaco e as malas consigo.

Fabiana foi então pousar as tralhas junto com as de Joana, quando ouviu alguém perto de si.

- Hey!

Deu um salto, virando-se para trás. Filipe estava a meio metro de si.

- Desculpa ter-te assustado. - pediu ele. - Posso deixar aqui as minhas coisas, para não me esquecer delas?

- Acho que sim, foi a Joana que me propôs deixar as minhas ao pé das dela.

- Eu vou perguntar-lhe. - disse ele. Foi ter com ela, esteve lá uns dez segundos e voltou para trás. - Ela deixa. - confirmou para Fabiana. Baixou-se e pousou as suas coisas ao lado das dela. Depois levantou-se, repirou fundo e perguntou-lhe: - Queres dançar uma canção?

Fabiana corou, sem saber muito bem o que dizer. Sabia que não dançava muito bem, apesar de não ser a única nessa sala com esse defeito.

- Eu... não sou muito boa a dançar...

- Ah, OK... Se não quiseres, não venhas, eu vou petiscar qualquer coisa ali aos aperitivos.

- Eu ensino-a. - disse Joana, que tinha ido para a beira deles ouvir a conversa. - Eu sei dançar. Pode ser? - perguntou a Fabiana, piscando-lhe o olho.

- Pode ser.

Mal ela aceitou, Joana pegou nela e arrastou-a para a pista de dança. Ensinou-lhe tudo o que sabia, e dançaram umas três músicas, até a colega estar confiante de si.

- Isto cansa. - retorquiu Fabiana.

- É porque estás a dançar bem. Leva-o a dar uma volta assim que ele chega ao fim e nem se aguenta de pé. - brincou a colega.

Então Fabiana foi ter com Filipe, que estava encostado à parede ao lado das suas coisas.

- Sempre queres dançar? - perguntou ele.

- Pode ser. - disse Fabiana.

Os dois dançaram algumas músicas, e Fabiana, ao reparar que ele estava habituado a dançar mais calmamente, dançou como Joana lhe ensinara. Quando uma das músicas acabou, ele sentou-se novamente encostado à parede.

- Danças depressa. Assim cansa. Mas também danças bem. - elogiou ele.

- Obrigada, foi a Joana que me ensinou assim. Agradece-lhe a ela, senão não sei se viria.

- Fabiana, eu vejo-te como uma verdadeira amiga para mim. Vejo-te como uma amiga para a vida, que é impossível de perder, e como a pessoa em quem eu mais confio a seguir à minha família. Achas que eu sou um bom amigo? - perguntou Filipe, parecendo nervoso. Fabiana corou.

- Sim. Quando te vi, senti-me estranhamente atraída por ti, e fico feliz por saber que me dás valor e que terei sempre um verdadeiro amigo ao meu lado. Neste caso, dois, porque a Joana também é uma pessoa e uma amiga extraordinária e eu também a admiro muito. Espero que nós fiquemos amigos para a vida. - respondeu ela.

- Também eu. - disse Filipe. - Ficaria muito feliz.

Ficaram os dois sentados lado a lado até Filipe se levantar e perguntar a Fabiana, estendendo-lhe a mão.

- Queres dançar mais uma?

- Sim. - aceitou Fabiana.

E ambos dançaram mais algumas músicas, até Filipe já quase não se aguentar de pé por causa do cansaço.

- É muito mais divertido dançar como vocês fazem. - admitiu Filipe. - A sério, não me arrependo nada de cá ter vindo.

- Nem eu. - disse Fabiana.

- Já estás cansado? - perguntou Joana a Filipe, vendo-os parados na pista de dança. Depois perguntou a Fabiana. - Danças uma música comigo? O Guilherme já está de rastos e pediu-me uma pausa. Só uma música.

- OK. - aceitou Fabiana.

Dançaram uma música as duas, rindo-se que nem umas perdidas, e depois Fabiana voltou a dançar com Filipe mais algumas músicas, mas muito mais confiante, leve e divertida.

De vez em quando iam trocando, e passado algum tempo Fabiana ouviu um telemóvel tocar por detrás da música alta. Filipe percebeu que era o seu e foi atender. Joana foi ter com Fabiana para perguntar o que se tinha passado e esta encolheu os ombros. Depois Filipe voltou com as suas tralhas às costas.

- O meu pai chegou. Eu tenho de ir. Foi muito fixe, obrigada às duas. - agradeceu ele. - Até logo.

- Até à próxima. - disse Fabiana, abraçando-o por uns dois segundos. Depois ficou com Joana a vê-lo correr em direção à saída do pavilhão. Reparando que Fabiana estava mais aborrecida, Joana deixou Guilherme a dançar sozinho por um bocado e foi ter com a amiga.

- Queres dançar um pouco comigo? Parece que o que mais gostas nestas festas é mesmo dançar.

- Sim, muito obrigada. - agradeceu Fabiana, abraçando a colega.

Quando acabaram de dançar aquela música, Fabiana olhou para o relógio e quase se assustou com as horas. Era quase meia noite, e os pais esperavam que ela chegasse cedo, por volta das onze e meia, mais ao menos, como costumava fazer. Decidiu sair à meia noite e meia e colocar o telemóvel na carteira e andar com ela, para o ouvir caso ele tocasse.

À meia noite, o número de alunos que começaram a sair da festa aumentou de forma significativa. Deviam ter pais que exigiam que lá estivessem até essa hora ou até à uma da manhã, o que não era o caso de Joana. Os pais confiavam nela. E faziam bem.

Joana foi alternando, dançou maioritariamente com Guilherme e com a colega de vez em quando para ela se divertir mais. Ninguém sabia que Filipe ia embora tão cedo.

Quando Fabiana estava a ver a colega dançar com Guilherme, Sara veio sentar-se a seu lado.

- Olá! Então, já tens amigos?

- Sim, - afirmou Fabiana. - foram eles que vieram à minha procura. Dou-me mesmo muito bem com eles.

- Fico feliz em saber. Tinha muita pena de ti, gosto de saber que já tens com quem andar. Ter amigos é importante, fazem-te sentir melhor. A solidão é muito má. Eu não me imagino sozinha. - admitiu Sara.

- Ainda bem que tens amigos, então. - disse Fabiana. Nesse momento, sentiu o telemóvel vibrar na carteira. Sara levantou-se e voltou para o pé das amigas, parecendo verdadeiramente feliz com ela. Fabiana tirou o telemóvel e atendeu. Era o pai.

- Fabiana?

- Sim?

- Nós chegámos à conclusão que é muito perigoso andares sozinha a pé de noite. A tua mãe não podia vir por causa do teu irmão, por isso eu falei com a empresa e amanhã entro mais tarde para poder estar acordado agora, porque eu tenho de dormir bem ou não faço nada de jeito durante o dia. Por isso, despacha-te, vem cá ter comigo que estou cá fora. - explicou o pai.

- OK, já vou. - informou Fabiana, desligando a chamada. Foi ter com Joana, que parou de dançar por um bocado, e disse-lhe:

- O meu pai ligou, tenho de ir embora agora.

- Ah... OK, pronto. Foi muito fixe, adorei.

- Também. E obrigada por me teres convencido a levar o Filipe. Vocês são realmente uns grandes amigos. - agradeceu Fabiana, abraçando a amiga. Passados uns segundos largou-a e acenou-lhe, começando a correr para a porta. - Até à próxima!

- De nada e até logo!

Saiu pela porta aberta do pavilhão e correu escada acima até à saída da escola. O pai estava estacionado mesmo em frente ao portão. Fabiana entrou no carro e foi para casa, com a alegria de ter dois verdadeiros amigos para a vida, que gostavam dela como ela os adorava.

No dia seguinte, Fabiana acordou bem disposta e ligou a Joana para saber do resto da festa. Esta disse-lhe apenas que cada vez havia menos gente e mais espaço para dançar, e que o Guilherme foi embora uns quinze minutos depois de si, deixando-a a dançar sozinha até à uma da manhã. Admitiu que nesse tempo também esteve a cuscar os outros, e que viu a Alice da sua turma a dançar com o Afonso e a Sara da turma da Fabiana a dançar com o Pedro. Admitiu também que essa fora uma parte deveras emocionante.

Os três amigos estiveram a comentar a noite anterior, apontando coisas espetaculares que adoraram e defeitos que, segundo eles, podiam ser melhorados.

Mantiveram contacto durante todas as férias, e ainda sobrou tempo para, todos juntos, se juntarem na empresa do pai e planearem, aplicarem e construírem projetos para melhorar o mundo, como Fabiana costumava fazer. Mas acompanhada, era tudo muito melhor, mais eficaz e mais divertido. Foi uma

coisa que Fabiana nunca esqueceu e pôde sempre aplicar. E o pi deixou de ser o seu único amigo.

Índice

Capítulo I - Amigo Pi

Capítulo II - Declaração Inesperada

Capítulo III - Surpresas na Biblioteca

Capítulo IV - Avaliações

Capítulo V - Entrega dos Manuais

Capítulo VI - The 3nagers

Capítulo VII - A Visita de Estudo

Capítulo VIII - Sozinha na Cidade

Capítulo IX - Um Imprevisto de Alto

Capítulo X - Ciúmes da Pintora

Capítulo XI - Intervalos Atribulados

Capítulo XII - No Shopping

Capítulo XIII - Aventura no Centro Comercial

Capítulo XIV - O Espetáculo

Capítulo XV - Simpatia e Surpresa

Capítulo XVI - Os Exames

Capítulo XVII - A Festa